



**Patrícia Maria
André Madail**

**Descobrindo as estórias que fazem a história do
Bairro de Santiago: Idosos e Crianças à conversa.**



**Patrícia Maria
André Madail**

**Descobrimo as estórias que fazem a história do
Bairro de Santiago: Idosos e Crianças à conversa.**

Projeto apresentado à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências de Educação, área de especialização Educação Social e Intervenção Comunitária, realizada sob a orientação científica da Doutora Maria Manuela Bento Gonçalves, Professora Auxiliar do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro.

Dedico este trabalho à minha filha Marta, que me acompanhou neste percurso acadêmico e foi fonte de inspiração para os momentos de desânimo, ao meu marido, por estar sempre comigo em todos os momentos e aos meus pais, por me apoiarem sempre incondicionalmente.

o júri

presidente

Professora Doutora Rosa Lúcia de Almeida Leite Castro Madeira
Professora auxiliar do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro

Professor Doutor António Maria Martins
Professor auxiliar aposentado da Universidade de Aveiro

Professora Doutora Maria Manuela Bento Gonçalves
Professora auxiliar do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro

agradecimentos

Às pessoas idosas do Meninarte que participaram neste estudo, que tiveram a gentileza de partilhar comigo a sua vida.

Às crianças que colaboraram neste projeto pelo seu empenho, interesse e disponibilidade.

À Professora Manuela, minha orientadora pelo seu apoio, disponibilidade e por ter acreditado em mim.

Ao meu marido por me ter apoiado nos momentos mais frágeis.

Aos meus pais por todo o afeto e compreensão manifestado ao longo deste trajeto.

À minha filha Marta, que se viu muitas vezes privada da atenção e ausência da mãe.

A todos aqueles que acreditaram em mim deste o primeiro momento.

palavras-chave

Pessoas Idosas; Participação; Intergeracionalidade; Crianças;

resumo

No processo de construção da sociedade, consideramos ser importante que as pessoas idosas e as crianças participem ativamente. Neste sentido, torna-se imperativo juntá-los para que deste encontro intergeracional resulte a oportunidade de se fazerem ouvir numa sociedade que os considera socialmente frágeis e incapazes.

Assim sendo, tendo como participantes um grupo de idosos e outro de crianças, ambos residentes no bairro de Santiago, este projeto teve como objetivo central contribuir para a valorização das experiências de vida, dos saberes e das opiniões destes atores sociais, colocando-os em situação de interação e de diálogo sobre a vida no bairro.

A metodologia de investigação foi inspirada na investigação-ação participativa. Os recursos e técnicas de investigação principais foram as entrevistas exploratórias, as notas de campo e *focus group*.

No desenvolvimento do projeto, na sequência das sessões com os grupos e dos encontros intergeracionais, descobriram-se histórias do bairro através da partilha das memórias das pessoas idosas e das crianças. Esta partilha culminou com a construção de uma carta dirigida à autarquia, na qual os participantes manifestaram as suas preocupações e sugestões relativamente ao bairro, ampliando as suas vozes, usualmente silenciadas.

keywords

Old people; participation; intergenerationality; children;

abstract

At the process of construction of the society, it is extremely important that old people and children actively participate. In this sense, it becomes imperative to get them together so that from this intergenerational meeting can result the opportunity for them to make themselves listen in a society that usually considers them fragile and incapable.

Therefore, having as participants a group of old people and other group with children, both residents at "Bairro de Santiago", this project had the main goal to contribute to the valorization of the experiences of life, knowledge and the opinions of these social actors, through the opportunity to interact and dialogue about the life at the "bairro".

The method used in this investigation was inspired by the participatory action research. The research resources and technics were exploratory interviews, field notes and *focus group*.

Along the development of the project and the sessions with the groups and the intergenerational meetings, different histories of the "bairro" were discovered through the sharing of the memories of old people and children. From this process resulted the construction of a letter for the city council, in which all participants showed their preoccupations and suggestions related to the "bairro", which allowed them to expand their voices, usually silenced.

Abreviaturas:

BS – Bairro de Santiago

CMA – Câmara Municipal de Aveiro

CNU – Convenção das Nações Unidas

CSI – Complemento Social para Idosos

FFH – Fundo Fomento Habitação

IA – Investigação-ação

IAP – Investigação-ação participativa

IGAPHE – Instituto de Gestão e Alienação do Património Habitacional do Estado

INE – Instituto Nacional de Estatística

IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social

PORDATA – Base de Dados de Portugal Contemporâneo

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1. Discussão da velhice e do envelhecimento como fenómenos sociais	18
1.1. A velhice e os idosos: fase do ciclo de vida e categoria social emergente das sociedades modernas	18
1.1.1. Reforma na Velhice e Apoios à Terceira Idade	20
1.2. Envelhecimento das Sociedades: fatores e características.....	23
1.3. Desafios de uma População em Processo de Envelhecimento	26
1.4 Como se caracterizam as Pessoas Idosas em Portugal	28
CAPÍTULO 2. Os idosos nas sociedades contemporâneas: discurso, políticas e contextos de participação social.....	33
2.1. Representações sociais sobre os idosos	33
2.2. Envelhecimento Ativo	40
2.2.1. Enfoques da vida social no Envelhecimento Ativo	45
2.2.2. Programas e Políticas de Envelhecimento Ativo	46
2.3. Participação e papel social do idoso nos contextos familiar e comunitário ...	47
2.4. Velhice, exclusão social e pobreza.....	49
CAPÍTULO 3. Participação Infantil como instigadora das relações intergeracionais.....	53
3.1. Participação Infantil	53
3.2. Relações intergeracionais	56
CAPÍTULO 4. Metodologia de investigação	61
4.1. A investigação ação participativa como fonte de inspiração	62
4.2. Técnicas e dispositivos de recolha e geração de informação	65
CAPÍTULO 5. Participantes e contexto da investigação	67
5.1. Participantes da investigação.....	67
5.1.1. O grupo de pessoas idosas.....	67
5.1.2. O grupo de crianças	70
5.2. Do distrito de Aveiro ao Bairro de Santiago.....	72

CAPÍTULO 6. Histórias do Bairro de Santiago nas vozes entrecruzadas de pessoas idosas e de crianças: relato e interpretação de um percurso inspirado na IAP	78
6.1. O processo de investigação: faseamento.....	78
6.2. As pessoas idosas, as crianças e o bairro: Relato interpretativo do processo de investigação	82
6.2.1. Entrada no terreno com as pessoas idosas e com as crianças.....	82
6.2.2. <i>O dia que nunca vou esquecer</i> : as pessoas idosas e o processo de realojamento.....	87
6.2.3. Viver no bairro hoje:	92
6.2.4. O lugar em que vivemos guarda muitas histórias: histórias do bairro	97
6.2.5. Os avós e os netos do bairro.....	100
6.2.6. Encontros Intergeracionais.....	102
CONCLUSÕES	107
BIBLIOGRAFIA	109
ANEXOS	113

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1- Os determinantes do envelhecimento ativo (adaptado de OMS, 2002)	42
Figura 2 - Entrada do Meninarte/Atelier Juvenil (fotografia da investigadora)	70
Figura 3 - Espaço interior do Meninarte/Atelier Juvenil (fotografia da investigadora)	70
Figura 4 - Mapa das freguesias do oncelho de Aveiro (FONTE: Wikipédia)	73
Figura 5 - Bairro de Santiago (FONTE: Google imagens)	74
Figura 6 - Maquete do Bairro de Santiago (FONTE: Google imagens)	75
Figura 7 - Desenhos das crianças sobre “O que não gosto no bairro de Santiago?” e “ O que mais gosto no bairro de Santiago?”	96
Figura 8 - Desenhos das crianças sobre “O que gostaria de ter no bairro?”	97

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - Imagens da Velhice e do Envelhecimento	34
Quadro 2 - Caracterização do grupo de crianças	71
Quadro 3 - Esquematização dos momentos da investigação	79

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Proporção de indivíduos que são classificados em situação de privação em cada um dos indicadores analisados, por grupo etário e estatuto em relação à linha de pobreza, 2008 (% dentro de cada grupo combinado de idade e pobreza monetária)	51
Tabela 2 - População residente no Município de Aveiro por Grupos Etários em 2011	73
Tabela 3- População residente nas Habitações Sociais por Grupos Etários	76
Tabela 4- Os encontros com as Pessoas Idosas	80
Tabela 5 - Os encontros com as Crianças	81
Tabela 6 - Aspetos positivos, negativos e a melhorar que reuniram o consenso dos dois grupos	105

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -Estrutura etária da população por grupos de idade (%), Portugal, 1970-2014 26

INTRODUÇÃO

O presente trabalho expõe um projeto de investigação realizado num contexto muito específico, o Bairro de Santiago, situado na Cidade de Aveiro.

Esta investigação teve como ponto de partida e motivação fundamental a nossa preocupação relativamente ao grupo geracional dos idosos, frequentemente representados socialmente como incapazes, incompetentes, até mesmo inconvenientes e, fundamentalmente, desprovidos de saberes. Esta preocupação adveio da nossa atividade profissional à altura em que iniciámos o mestrado em Ciências da Educação, na especialidade de Educação Social e Intervenção Comunitária, no gabinete da qualidade, higiene, segurança e formação de uma instituição de solidariedade social cujas áreas de atuação são respostas sociais direcionadas para as pessoas idosas. Ao mesmo tempo, não ignoramos o nosso passado profissional anterior, doze anos de experiência no ramo do ensino como professora do ensino básico variante matemática e ciências da natureza.

Tendo em conta este nosso passado profissional, mas também a nossa condição de cidadã implicada nas questões da vivência do espaço urbano, foi-se esboçando o interesse e a preocupação relativamente à necessidade de dar voz a grupos que são estigmatizados e rotulados ao longo de muitos anos.

Deste modo, quando foi necessário escolher a abordagem a realizar no âmbito do projeto de mestrado, surgiu-nos a ideia inicial de conhecer histórias do Bairro de Santiago sob o ponto de vista dos idosos e das crianças, procurando promover o diálogo intergeracional entre estes dois grupos e compreender as visões que têm sobre o espaço em que habitam. Deste ponto inicial, avançámos para a ideia de que seria importante, ainda, que a partilha de saberes e troca de conhecimentos entre estes dois grupos pudesse dar origem a um processo de mudança na forma como os idosos são socialmente perspetivados, assim como as crianças.

Assim, este estudo, inspirado nos princípios da investigação-ação participativa, pretendeu contribuir para uma valorização social das experiências de vida, dos saberes e das opiniões de um grupo de idosos, residentes no Bairro de Santiago. Através do seu envolvimento na investigação e do contacto intergeracional com um grupo de crianças, também encaradas como co-participantes, procurou-se tornar as vozes destes idosos e destas crianças audíveis na comunidade, particularmente no que se refere às mudanças necessárias para requalificar o Bairro.

O método de investigação que serviu de suporte a este estudo foi a investigação-ação participativa, uma vez que foi tomado em consideração o contributo das pessoas idosas e das crianças para a construção de conhecimento, considerando-os co-investigadores ao longo de toda a investigação.

O projeto de investigação teve início no dia 8 de outubro de 2014 e terminou no dia 27 de junho de 2016, contendo 21 sessões, entre as quais destacamos conversas informais, entrevistas exploratórias e focus group.

O trabalho escrito está organizado em seis capítulos. No capítulo 1, Discussão da velhice e do envelhecimento como fenómenos sociais, procedemos à abordagem do conceito de velhice e sua história; fazendo referência à categoria social emergente das sociedades modernas e à reforma da velhice e aos apoios prestados à terceira idade. Neste capítulo ganha também evidência o envelhecimento das sociedades referindo os fatores e as características, bem como os desafios de uma população em processo de envelhecimento. Por último fizemos uma breve caracterização das pessoas idosas em Portugal.

O capítulo 2, Os idosos nas sociedades contemporâneas: discurso, políticas e contextos de participação social, é dedicado às representações sociais sobre os idosos, onde realçamos as imagens da velhice e do envelhecimento na sociedade. O envelhecimento ativo é outro ponto desenvolvido neste capítulo,

onde explicámos as suas determinantes, bem como realçámos o seu enfoque na vida social e os seus programas e políticas adotadas. Para terminar este capítulo abordámos a participação e papel social do idoso nos contextos familiar e comunitário e procedemos à definição dos conceitos de exclusão social e de pobreza, refletindo sobre qual a sua influência na vida das pessoas idosas.

O capítulo 3, Participação Infantil como instigadora das relações intergeracionais, evidencia a importância da participação das crianças na sociedade relacionando-a com as relações intergeracionais.

No capítulo 4, Metodologia de Investigação considerámos a metodologia ação-participativa como fonte de inspiração e descrevemos as técnicas e dispositivos de recolha e geração de informação.

O capítulo 5, Participantes e contexto da investigação, apresenta a caracterização dos participantes envolvidos na investigação, bem como a descrição do contexto de intervenção, distrito e cidade de Aveiro, União das Freguesias Glória e Vera-Cruz e Bairro de Santiago.

Relativamente ao capítulo 6, Histórias do Bairro de Santiago nas vozes entrecruzadas de pessoas idosas e de crianças: relato e interpretação de um percurso inspirado na investigação-ação participativa explica as fases do processo de investigação, a experiência da entrada no terreno e descreve o relato interpretativo do processo de investigação.

CAPÍTULO 1. Discussão da velhice e do envelhecimento como fenómenos sociais

Neste ponto, vamos abordar o conceito de velhice fazendo alusão à sua história referenciando a categoria social emergente das sociedades modernas. Tendo em consideração que as sociedades atuais são sociedades envelhecidas não podemos deixar de falar sobre questões relacionadas com a situação económica das pessoas idosas, bem como da oferta de apoios dirigidos a esta faixa etária. Deste modo, vamos mencionar os fatores e as características do envelhecimento, bem como enumerar os desafios inerentes a este. Por fim, iremos fazer uma breve caracterização das pessoas idosas em Portugal.

1.1. A velhice e os idosos: fase do ciclo de vida e categoria social emergente das sociedades modernas

A modernidade parece ter aumentado a distância entre o adulto e a criança, não apenas pela construção da infância como uma fase de dependência, mas também pela construção do adulto como um ser independente, com maturidade psicológica e com direitos e deveres de cidadania (Debert, 2004).

O surgimento de grupos etários teve a sua origem na sociedade ocidental, acompanhando um processo de ordenamento social que se revelou necessário, diferenciando idades quanto a funções, hábitos e espaços relacionados a cada categoria etária. A velhice foi, assim, reconhecida como uma etapa única (Silva, 2008).

A idade cronológica, baseada numa datação, é importante na sociedade ocidental para a atribuição de estatuto (atingir a maioridade legal), na definição de papéis ocupacionais (entrada no mercado de trabalho) e na formulação de demandas sociais (direito à reforma). Aqui os critérios e normas da idade cronológica são impostos pela exigência das leis que determinam os deveres e direitos do cidadão. Por outro lado, nas sociedades não ocidentais, o ciclo de vida não é

regido pela idade cronológica, mas pelo estágio de maturidade de cada pessoa, podendo ser diferente da data de nascimento. As pessoas ficam, assim, autorizadas a realizarem atividades referentes ao grupo de idade de que fazem parte, pela sua maturidade (Debert, 2004).

A organização do ciclo da vida em infância, adolescência, idade adulta e velhice tornou-se necessária, no sentido de acompanhar as mudanças estruturais na economia, ocorridas com a difusão da industrialização. Houve uma transição da economia que tinha por base a unidade doméstica para uma economia regida pelo mercado de trabalho. Assim, acaba por ser o Estado Moderno que orienta o curso da vida e regulamenta todas as suas etapas, desde o nascimento à morte, passando pelo sistema complexo de etapas de escolarização, mercado de trabalho e reforma (Debert, 2004).

A noção de velhice surgiu entre os séculos XIX e XX como uma etapa diferenciada da vida. O surgimento da velhice ficou marcado por uma série de mudanças específicas e pela convergência de diferentes discursos (Silva, 2008).

Na segunda metade do século XIX, a velhice é considerada uma etapa da vida caracterizada pela decadência física e ausência de papéis sociais. O processo contínuo de perdas e de dependência, devido ao avanço da idade, é responsável por um conjunto de imagens negativas associadas à velhice, mas que por outro lado foi um elemento fundamental para a legitimação de direitos sociais, como a reforma.

Como categoria social, a velhice ficou demarcada por um limiar de idade fixo, em que o acesso é reforçado pela detenção de uma pensão de reforma. Esta ideia não tem sido adaptada às transformações sócio demográficas mais recentes e tem mesmo vindo a ser reforçada com a institucionalização das pré-reformas. O “jovem velho”, quando fica com a categoria de reformado, perante a sociedade reúne as condições atribuídas à velhice, perdendo o estatuto social que adquiriu

enquanto trabalhador. O reformado adquire um estatuto desvalorizado, sendo a reforma uma forma de exclusão social (Fernandes, 2001).

Apesar de a reforma, na sua origem, encontrar-se agregada socialmente à velhice, enquanto fase de vida onde se manifesta incapacidade para o trabalho, a idade da reforma e a idade da velhice deixaram de ser coincidentes. As palavras velhice e reforma separaram-se e passaram a ser duas dimensões da realidade, duas realidades distintas, no entanto ainda existem algumas homologias e coincidências (Fernandes, 2001).

A antecipação da reforma para indivíduos cuja idade rondava os 50 anos, fisicamente aptos a desenvolver uma atividade, conduziu-os para situações de dependência e de exclusão social, passando a usufruir de um salário sem trabalho, cujo pagamento depende das contribuições dos trabalhadores no ativo. Perante isto, estamos perante uma “idade nova”, isto é, uma nova fase de vida, localizado entre o fim do trabalho e a velhice propriamente dita. A separação entre trabalho e não trabalho conduz a uma nova problemática social (Fernandes, 2001).

1.1.1. Reforma na Velhice e Apoios à Terceira Idade

Em grande parte da Europa, a velhice começou a ser vista como algo negativo, uma vez que se associou progressivamente a um período de dependência, de pobreza, de necessidade de prestação de serviços e cuidados e de um declínio da saúde física e mental. Numa tentativa de mudar a visão negativa para uma visão mais positiva, começou a privilegiar-se a reabilitação, prevenção em detrimento da dependência que se considerava na velhice (Bowling, 1995; Roos & Havens, 1991). Para além disso, promoveu-se o reconhecimento da importância da qualidade de vida das pessoas, em especial desta faixa etária.

A preocupação com o fenómeno do envelhecimento humano e populacional esteve na base da criação da gerontologia, emergindo a partir da segunda metade do século XX, tendo ganho visibilidade na década de 80 (Paúl, 2005).

A gerontologia estuda as bases biológicas, psicológicas e sociais da velhice e do envelhecer. Os gerontologistas buscam esclarecer os problemas que as pessoas idosas apresentam em termos funcionais, o que dificulta ou incapacita as pessoas de terem uma vida independente (Paúl, 2005).

A acompanhar o crescimento da população idosa, foi criada uma nova linguagem, “terceira idade” veio substituir a “velhice”, “asilo” foi substituído por “centro residencial”, “assistente social” passou a “animador social” e a “ajuda social” ganhou o nome de “gerontologia”. Para além disso, o envelhecimento passou a ser visto como uma nova juventude ou idade de lazer, assim como a reforma, que seria um momento de descanso e recolhimento, tornou-se num período de atividade (Debert, 2004).

O surgimento da categoria “terceira idade” é considerado, pela literatura especializada, uma das maiores transformações da história das pessoas idosas. Anteriormente, a velhice era entendida como um período de decadência física e invalidez, no qual imperavam a solidão e o isolamento afetivo. O termo “terceira idade” veio mudar o significado atribuído à última etapa da vida, referindo-se a um momento de lazer, propício à realização pessoal, à criação de novos hábitos, hobbies e competências, e ao cultivo de laços afetivos e amorosos alternativos à família. A par desta mudança, o termo “velho” foi substituído por “idoso”. Porém, parece que o termo “velho” ainda se mantém, sendo utilizado para designar pessoas velhas de classes populares, enquanto que “idoso”, mais respeitoso, é utilizado para as camadas médias e altas (Silva, 2008).

Em Portugal, só em 1969 se iniciaram as discussões em Assembleia da República sobre os problemas da população idosa no nosso país (Martins, 2006).

A velhice foi reinventada e já não se tratava apenas de resolver os problemas económicos dos idosos, mas também de lhes proporcionar cuidados culturais e psicológicos, de forma a integrar socialmente uma população tida como marginalizada. Assim, surgiram os grupos de convivência e as universidades séniores, como formas de criação de uma sociabilidade mais gratificante entre os mais velhos (Debert, 2004).

O envelhecimento é um fenómeno que preocupa não só cientistas mas também governantes, pois faz-se acompanhar por dificuldades relacionadas com o encargo dos idosos sobre as gerações futuras. Ao tornar-se um problema social, a velhice começou a mobilizar pessoas, meios, esforços e atenções (Martins, 2006).

Paralelamente às mudanças políticas, houve alterações no quadro social, com um aumento da rede de instituições de apoio a idosos, como instituições particulares de solidariedade social, entre outras (Martins, 2006).

Apesar dos apoios ainda serem insuficientes no nosso país, pode-se salientar alguns que se encontram disponíveis: lares de idosos (equipamentos coletivos de alojamento permanente ou temporário, destinados a fornecer respostas a idosos que se encontrem em risco, com perda de independência e/ou autonomia); lares para cidadãos dependentes (respostas residenciais para idosos, mas com maior grau de dependência, como os acamados); centros de dia (pressupõem a prestação de cuidados de alimentação, higiene, lazer, sem serviço de residência e visam proporcionar a manutenção dos idosos no seu meio); centros de convívio (centros locais que proporcionam um conjunto atividades sócio-recreativas e culturais) (Martins, 2006).

Para além destes, podemos encontrar outro tipo de serviços disponíveis na sociedade, para assim dar resposta aos inúmeros pedidos: apoio domiciliário (prestação de serviços de higiene e alimentação que ganhou vários adeptos, por ser um serviço no domicílio); acolhimento familiar (apoios dados por famílias

consideradas idóneas que acolhem temporariamente idosos, quando estes não têm família natural ou, tendo-a, não reúnem as condições que proporcionem um bom desempenho das suas funções); colónias de férias e turismo sénior (conjunto de atividades de lazer, proporcionando ao idoso um equilíbrio físico, psíquico, emocional e social); termalismo (idosos em férias que usufruem de tratamentos naturais) (Martins, 2006).

Em Portugal, há também a possibilidade das pessoas idosas receberem um contributo financeiro, a reforma. Há duas formas de obter esta remuneração, pelo limite de idade e para isso têm de ter 65 ou mais anos, ou por invalidez, que para isso têm de ser considerados inaptos para o trabalho por algum problema de saúde (Martins, 2006).

1.2. Envelhecimento das Sociedades: fatores e características

O envelhecimento traduz-se por um conjunto de alterações estruturais e funcionais do organismo, que se acumulam de forma progressiva. Essas alterações prejudicam o desempenho de competências motoras, dificultando a adaptação do indivíduo ao meio ambiente e originam modificações de ordem psicológica e social (Candeloro & Caromano, 2007).

O processo de envelhecimento, segundo Schroots e Birren (1980 cit. por (Paúl, 2005), foca-se em três componentes: o envelhecimento biológico, resultando numa maior vulnerabilidade e propensão para a doença, com uma maior probabilidade de morrer; o envelhecimento social, que se foca nos papéis sociais e qual é atribuído pela sociedade a esta faixa etária; e o envelhecimento psicológico, que se define pela autorregulação da pessoa, na sua capacidade para tomar decisões e opções e na sua capacidade para se adequar ao processo de envelhecimento.

Diversas áreas do saber têm reunido esforços no sentido de compreender melhor o envelhecimento, como a medicina, a psicologia, a sociologia e a antropologia,

assim como a gerontologia e a geriatria que se focam, exclusivamente, no envelhecimento. Destacam-se dois fatores fundamentais e determinantes no conhecimento sobre o envelhecimento, a formação de novos saberes médicos que investigam sobre o corpo envelhecido e a institucionalização das reformas. A geriatria focar-se-á no corpo velho e a gerontologia sobre os aspectos sociais da velhice. A medicina foi, pois, reconstruir o corpo com base na anatomia patológica e explicar o processo de degeneração do corpo. A morte passou a ser vista como resultado de doenças específicas da velhice, sendo que a longevidade possui limites biológicos insuperáveis (Silva, 2008).

A visão do envelhecimento na sociedade contemporânea foi acompanhada por mudanças significativas nos hábitos, imagens, crenças e até na terminologia. Para além do que tradicionalmente representa este último ciclo da vida como o descanso, a inatividade, surgem hábitos, imagens e práticas que associam o processo de envelhecimento à atividade, aprendizagem, flexibilidade, satisfação pessoal e vínculos amoroso/afetivos únicos. Assim, a “velhice” tal como é conhecida, foi somada à “terceira idade” e, portanto, a uma série de características que a acompanham (Silva, 2008).

A sociedade contemporânea, tida como sociedade de consumo, rege-se por valores materiais, o que implica ter como principal objetivo a rentabilização da população, privilegiando apenas os indivíduos ativos. Tudo isto tem um efeito negativo sobre as pessoas, criando situações *stressantes*, que podem despoletar doenças diminuindo a capacidade produtiva das pessoas mais fragilizadas. Portanto, a pessoa idosa, sem autonomia, é rapidamente excluída do trabalho, das funções de aquisição de produção, manutenção e transmissão de conhecimentos, tendendo ao isolamento, tornando-se cada vez mais dependente (Martins, 2006).

O rápido envelhecimento nos países em desenvolvimento é acompanhado por mudanças dramáticas nas estruturas e nos papéis da família, assim como nos padrões de trabalho e na migração. A urbanização, a migração dos jovens para

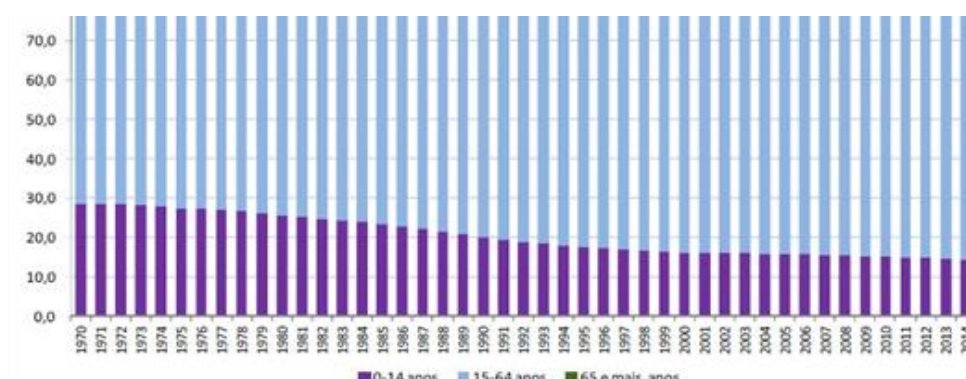
as cidades à procura de trabalho, com famílias menos numerosas e as mulheres a tornarem-se parte ativa do trabalho fora de casa, traduz-se na menor disponibilidade que as pessoas têm em cuidar dos mais velhos (OMS, 2005)

Existe uma visão de que os estereótipos em relação à velhice aumentaram, dado o aumento da medicalização dos idosos, assim como o aumento da população com mais de 65 anos.

A população idosa está a crescer de forma exponencial, mais do que qualquer outra faixa etária. Estima-se que, entre 1970 e 2025, em todo o mundo, haja um crescimento de 223% (cerca de 694 milhões) de pessoas idosas. Espera-se que em 2016 sejam, aproximadamente, 1,2 biliões de pessoas com mais de 60 anos. Paralelamente, o número de crianças e jovens está a diminuir. Porém, a maior parte das pessoas idosas, em todos os países, continua a representar um recurso importante para as famílias e para as comunidades, visto que continuam a trabalhar, tanto no mercado formal como no informal (OMS, 2005).

Em Portugal, com a queda da natalidade e o aumento da longevidade, verificou-se que a população jovem (0 a 14 anos de idade) e a população em idade ativa (15 a 64 anos de idade) decresceu nos últimos anos e em simultâneo a população idosa (65 e mais anos de idade) aumentou. A população residente em Portugal, em 2014, era constituída por 14,4% de jovens, 65,3% de pessoas em idade ativa e 20,3% de pessoas idosas. De acordo com a EUROSTAT, Portugal em 2013 apresentava uma das estruturas etárias mais envelhecidas entre os 28 Estados Membros da União Europeia (INE).

Gráfico 1 -Estrutura etária da população por grupos de idade (%), Portugal, 1970-2014



FONTE: INE

1.3. Desafios de uma População em Processo de Envelhecimento

O **primeiro desafio** com que a população mundial se depara sobre o envelhecimento, é com as *doenças*. Cada vez mais as pessoas padecem de algum tipo de doença, chegando à terceira idade extremamente debilitadas e polimedicadas. É emergente a real eficácia dos programas de prevenção, para que os fatores de risco diminuam e, conseqüentemente, as doenças. No entanto, compreende-se que a sociedade atual, muitas das vezes, não permite um estilo de vida saudável, pelo excesso de trabalho precário que, por um lado não dá margem de tempo para atividades físicas de lazer, e por outro, os rendimentos são demasiado baixos para permitir, por exemplo, uma alimentação adequada (OMS, 2005).

O **segundo desafio** centra-se num maior *risco de deficiência*. Com o exponencial aumento de doenças crónicas, a decadência acaba por minar o processo de envelhecimento. Sabe-se que a diabetes pode ser fatal para a acuidade visual, deixando as pessoas bastante incapacitantes. A perda de audição também é fortemente associada com o envelhecimento, sendo que essa perda pode causar dificuldades na comunicação, levando à frustração, baixa autoestima e isolamento

social. Comportamentos como não fumar, podem prevenir, em larga medida, o desenvolvimento de doenças crónicas e assim o risco de deficiência/dependência (OMS, 2005).

O **terceiro desafio** foca-se no *fornecimento de cuidados* à população em processo de envelhecimento. Este é um ponto desafiante para a política de saúde, pois necessita de encontrar um equilíbrio entre o apoio ao autocuidado (pessoas que cuidam de si mesmas), apoio informal (cuidados prestados por familiares ou amigos) e cuidado formal (prestação de serviços sociais e de saúde) (OMS, 2005).

O **quarto desafio** refere-se à *feminização do envelhecimento*, já que as mulheres vivem mais que os homens. As mulheres, por norma, vivem numa maior pobreza que os homens, pelos salários serem menores, por muitas vezes se dedicarem a uma vida doméstica. Portanto, as mulheres idosas que vivem sozinhas (maior parte das vezes por viuvez) são altamente vulneráveis à pobreza e ao isolamento social (OMS, 2005).

Em Portugal, a taxa de risco de pobreza para a população idosa, em 2014 foi de 17,1%, superior ao valor registado em 2013 de 15,1% (INE). O risco de pobreza atinge maior impacto nas mulheres 20,1% face a 18,8% para os homens (INE). No ano de 2012, a taxa de risco de pobreza nas mulheres idosas é de 19,1%, enquanto nos homens é de 14,4% (INE).

O **quinto desafio** centra-se na *ética e iniquidades*. As considerações éticas que surgem no processo de envelhecimento relacionam-se com a discriminação pela idade, com as questões da morte e com os vários dilemas relacionados com a prestação de cuidados a longo prazo, assim como, com os direitos humanos de cidadãos pobres e portadores de deficiência (OMS, 2005).

O **sexto desafio** foca-se na *economia* associada ao envelhecimento. Há uma preocupação por parte dos governantes que o rápido envelhecimento da população acarrete um infindável número de custos na área da saúde e

segurança social. É nesse sentido que o governo deve reunir esforços para promover um envelhecimento ativo das pessoas, com intervenções para evitar lesões, melhorar a alimentação, fomentar a atividade física, aumentar o número de alfabetização e oferecer postos de trabalho. A preocupação com os encargos de segurança social é, aparentemente, uma premissa falsa. Muitas das pessoas idosas continuam a trabalhar, mesmo depois de atingirem a idade da reforma, tanto num mercado formal como num mercado informal. Para além disso, são muitos os que se dedicam aos netos, possibilitando o trabalho por parte dos adultos jovens, que contribuem ativamente para a economia do país. Uma solução ótima é, por um lado assegurar os padrões de vida adequados para as pessoas durante o envelhecimento e, ao mesmo tempo, reconhecer e usufruir das habilidades e experiências dos mais velhos, estimulando uma transferência de saberes harmoniosa entre as gerações (OMS, 2005).

O **sétimo e último desafio** refere-se à *criação de um novo paradigma*, isto é, as pessoas idosas foram sendo associadas à reforma, doença e dependência, o que muitas das vezes não corresponde à verdade. A maioria das pessoas permanecem independentes na velhice, particularmente nos países desenvolvidos, continuando ativas no sector informal (e.g. trabalho doméstico). Portanto, sensibilizar os jovens para o envelhecimento e cuidar dos direitos das pessoas idosas, irá permitir que a discriminação e o abuso sejam reduzidos (OMS, 2005).

1.4. Como se caracterizam as Pessoas Idosas em Portugal

O fenómeno social do envelhecimento é um grande desafio para o século XXI, obrigando a reflexões com interesse, como é o caso da idade de início da reforma, os meios necessários para a sobrevivência, o bem-estar nas pessoas idosas, o estatuto dos mais velhos na sociedade, a solidariedade intergeracional,

a subsistência dos sistemas de segurança social e de saúde e até mesmo, refletir sobre o modelo social corrente (INE, 2002).

Contudo, parece não haver um consenso quanto ao limite pelo qual as pessoas seriam consideradas como pertencentes ao conjunto das mais idosas. Sabe-se que para isso era necessário delimitar-se uma idade para a aceitação social da velhice. Segundo a análise estatística do INE, assume-se como patamar mínimo na entrada da categoria dos idosos os 65 anos, sendo a partir dessa idade que o peso das pessoas reformadas na economia ultrapassa o conjunto de indivíduos no ativo (INE, 2002).

Não obstante, a faixa etária dos 55-64 anos expressa uma grande proporção de indivíduos que já não se encontram no ativo, seja por reformas antecipadas, seja pela vida doméstica atribuída às mulheres. Estas pessoas, apesar de ainda terem uma esperança média de vida acima dos 20 anos, podem ver-se numa situação de inatividade, aproximando-os da faixa etária acima dos 65 anos no que concerne ao *status* social (Mauritti, 2004).

Em Portugal, há uma maior concentração de idosos no Alentejo, Algarve e Centro, sendo que existe um maior peso de pessoas, com mais de 55 anos, nessas regiões do país. Observam-se dois acontecimentos demográficos contraditórios, um envelhecimento populacional acentuado em contexto urbano e na área metropolitana de Lisboa, assim como um maior envelhecimento no contexto rural. A primeira resulta de um envelhecimento focado na base da pirâmide, ou seja, uma menor taxa de natalidade e fecundidade, já o segundo, acerca do envelhecimento rural, poderá traduzir-se numa incidência de pessoas mais idosas, nos meios rurais, pela agricultura característica das décadas de 60 e 70 em Portugal. Para além disso, também pode dever-se a um “retomar às origens” de algumas famílias que estavam integradas em processos de migração (por exemplo, do campo para a cidade, do interior para o litoral) e de emigração (por exemplo, para outros países europeus) (INE, 2011).

Existe uma tendência em Portugal, para que ocorra um ciclo de vida familiar característico. O núcleo alargado, constituído pelo casal e filhos, passa a casal (entre os 55 e os 64 anos) e depois a família unipessoal (a partir dos 75 anos, essencialmente), característico da viuvez, particularmente das mulheres, já que a sua esperança média de vida é maior do que nos homens (INE, 2011).

Os resultados do INE (2011) reafirmam a inatividade focada na faixa etária dos 55 aos 64 anos, com pessoas reformadas (reforma antecipada), domésticas e reformados por invalidez. No entanto, à medida que se sobe nas faixas etárias, há um maior número de pessoas inativas, sendo na sua grande maioria pessoas reformadas com mais de 65 anos.

No que toca à escolarização portuguesa, segundo o INE 27,7% das pessoas com mais de 65 anos não concluíram nenhum grau de escolaridade. Nos mais jovens, entre os 15 e os 64 anos, a maior parte dos indivíduos adquiriram o ensino secundário (24,9%) (INE, 2011).

Sabe-se que a educação formal revela-se, nas sociedades contemporâneas, um forte indicador na distribuição desigual de recursos, oportunidades e poderes, capacitando e condicionando de forma diferente, as pessoas para a vida social. O nível de educação é, sem dúvida, o indicador mais discriminatório na nossa sociedade, podendo representar uma entre duas velhices: velhice plena ou velhice vazia (Mauritti, 2004).

Em Portugal, o grau de escolaridade obtido constitui um fator determinante nas dinâmicas geracionais e de género. Nomeadamente, em relação ao género feminino podemos distinguir duas estruturas de qualificações divergentes, entre as gerações de mulheres em idade ativa, mais qualificadas do que os homens e as gerações idosas, na sua maioria sem qualquer grau de escolaridade (Mauriti, 2004).

Se refletirmos no facto de que, entre as pessoas idosas, são as mulheres as mais analfabetizadas, cerca de 4,5%, enquanto os homens é de 1,4%, podemos

deduzir que boa parte das idosas se encontram em risco de pobreza. Uma justificação para isso é que passaram maior parte das suas vidas fora do mercado de trabalho, pelas trajetórias individuais/familiares, como sendo o casamento, os filhos ou prestação de cuidados a outros familiares. O facto de serem menos qualificadas pressupõe que os seus rendimentos são menores do que dos idosos do sexo masculino (desde logo em virtude de carreiras contributivas mais curtas), estando mais sujeitas ao isolamento, pela viuvez, sobretudo numa fase mais avançada da velhice, sendo a incidência de doenças crónicas mais presente. As mulheres constituem, muito provavelmente, um dos segmentos mais fragilizados do conjunto de pessoas idosas (Carneiro, Chau, Soares, Fialho, & Sacadura, 2012).

É possível identificar cinco perfis-tipo de padrões de vida das pessoas com mais 55 ou mais anos: perfil A, B, C, D e E, definidos por Almeida e colaboradores (Mauritti, 2004).

O **perfil A** é caracterizado por uma velhice de pobreza, representando cerca de 24% dos idosos. Apresentam rendimentos muito baixos, com poucos recursos, tanto a nível educacional como a nível familiar, destacando-se neste perfil as famílias unipessoais, viúvos e solteiros. Os idosos inseridos neste perfil são aqueles com 75 ou mais anos, mais do sexo feminino, cujos acederam à reforma pela idade atingida (Mauritti, 2004). Este perfil predomina nos meios rurais, tendo em conta as formas de sociabilidade e redes de entreaajuda comunitária e vizinhança, próprias desse contexto, podendo, de alguma forma, minimizar o isolamento e as situações de pobreza extrema sugeridos neste quadro.

O **perfil B** é caracterizado por uma velhice precária, comportando cerca de 33,1% de todos os idosos. Estes são consumidores elementares ou de sobrevivência com a alimentação, o vestuário, a saúde e os transportes. Este perfil aproxima-se do anterior, fundamentalmente pela ausência de consumo em práticas culturais e em tecnologia. São famílias residentes em contextos semiurbanos, casais ou individuais entre os 65 e os 74 anos, sem escolaridade (Mauritti, 2004). Ainda

nesta categoria, encontram-se os que acederam à reforma por invalidez, um quadro que traduz uma velhice fragilizada, com grandes despesas com a saúde.

O **perfil C** destaca-se por uma velhice remediada, englobando 28,3% dos idosos. Este caracteriza-se por um padrão de consumo médio. São pessoas entre os 55 e os 64 anos, com o ensino básico de escolaridade, ativos, estando representada, largamente, pelo sexo masculino. São predominantemente casados, em famílias constituídas pelo casal e outros elementos.

O **perfil D** traduz-se por uma velhice autónoma, que representa 11,5% dos idosos. Este caracteriza-se por um nível médio-alto, conferindo condições gerais de algum conforto e estabilidade. As idades encontram-se entre os 55 e 64 anos.

Finalmente, o **perfil E**, a velhice distintiva, engloba apenas 3,3% dos idosos, e foca-se num grande volume de práticas em todos os vectores (alimentar, vestuário, saúde, transporte, cultura, tecnologia, grande investimento na imagem pessoal e na habitação). As diferenças deste perfil comparativamente com os anteriores focam-se numa preferência por meios de transporte próprios ao invés de transportes públicos. Neste perfil estão localizados com maior incidência os idosos no escalão 55-64 anos.

Os perfis D e E envolvem os conjuntos mais qualificados dos indivíduos em análise. Nestes perfis estão ainda as famílias mais extensas, que incorporam várias gerações, alguns divorciados e também casados. Cerca de 50% das pessoas destes perfis encontram-se no ativo, sendo que os restantes são reformados. Aqui temos os indivíduos que acederam à reforma por tempo de trabalho ou em processos de pré-reforma. Esta dicotomia de atividade/inatividade reflete-se em géneros onde os homens predominam sobre as mulheres no que confere à atividade (Mauritti, 2004).

CAPÍTULO 2. Os idosos nas sociedades contemporâneas: discurso, políticas e contextos de participação social

Neste ponto da fundamentação teórica deste projeto, considerámos importante abordar as representações sociais sobre as pessoas idosas e como são vistas pelos indivíduos de outras faixas etárias, destacando a solidariedade intergeracional e o idadismo. Para além disso, e porque é impossível falar de velhice, envelhecimento e da percepção de como as pessoas são vistas pela sociedade abordámos a questão do envelhecimento ativo, e várias questões relacionadas com a participação social inerentes a esse processo.

O envelhecimento acarreta alterações a nível social, mas mais ainda alterações, inevitáveis, do foro biológico, desde o coração que vai perdendo a sua força contrátil, até à pele que vai perdendo a sua vivacidade, pelo processo natural do envelhecimento, não significando, propriamente, patologia. Porém, são alterações que moldam a forma como as pessoas idosas vêem este processo de envelhecer.

Para finalizar este capítulo, alertámos para as questões do envelhecimento e exclusão social nesta faixa etária e procedemos à definição dos conceitos exclusão social e pobreza refletindo sobre qual a sua influência na vida social das pessoas idosas.

2.1. Representações sociais sobre os idosos

A literatura apresenta dois tipos de representações quando à velhice. Por um lado, surge o discurso de uma velhice negativa, pautada por situações de pobreza, isolamento social, solidão, doenças e dependência, como atrás referimos. Parece que, deste ponto de vista, todas as pessoas caminham para uma etapa de vida sem integração ou oportunidades. Por outro lado, é apresentada uma visão mais positiva da velhice que é projetada como um tempo de lazer, de liberdade e de auto-aperfeiçoamento, estando aqui integrados

conceitos/estruturas como “universidade sénior” e “turismo sénior” (Caradec, 2001 cit. por Mauritti, 2004).

Ribeiro (2007) apresenta um quadro onde identifica as principais imagens da velhice e do envelhecimento, numa visão mais positiva, negativa e neutra.

Quadro 1 - Imagens da Velhice e do Envelhecimento

	IMAGENS	DESCRIÇÃO
Positiva	Amabilidade e amizade	Caloroso; bondoso; amigo especial.
	Serenidade	Anos de ouro; prudência; tranquilidade; existência de mais tempo livre; momento feliz para aproveitar a vida
	Sabedoria	Maturidade; experiência; conselheiros; influência; inteligência; mestres.
	Felicidade e sociabilidade	Gostam de se divertir e de conversar/conviver.
	Avós	Provedores dos cuidados, educação e afetos aos netos.
	Guardiães das tradições familiares	Fazem a ligação entre o passado e presente da família; descrevem o passado de forma vivida, ultrapassando a descrição informativa.
Negativas	Solidão e tristeza	Isolados; pouco sociáveis e participativos. Abandonados e excluídos da família. Infelicidade, depressão e desânimo.
	Insegurança	Temem o futuro e têm poucas ilusões ou desejos. Muito sensíveis.
	Doença	Senil; hipocondríaco. Necessitam de muitos cuidados de saúde, tomam muita medicação e são hospitalizados com frequência. Vulneráveis; com pouca saúde e muitas dores.
	Assexualidade	Não se apaixonam, nem se interessam pela sexualidade.
	Pobreza	São na maioria pobres
	Dependência e incapacidade	Dependência dos filhos; inutilidade; inativos e improdutos. Perda de funcionalidade.
	Aproximação da morte	Vivem a fase de espera da morte, em que já viveram o que tinham para viver.
	Homogeneidade	Os idosos são todos iguais.
	Vítimas de crime	Abuso a nível físico, sexual e psicológico. Atos de negligência e abuso, nas famílias e nas instituições de apoio.
	Aspeto físico	Rugas; despreocupados com a aparência.
	Aborrecido e antiquado	Têm muitos hábitos e rotinas; impaciência; rígidos.
	Incapacidade de aprender	Não adquirem novas informações; desorientação e confusão; mais lentos; esquecidos.
	Espirituais	Muito religiosos e praticantes
Neutra	Fase normal da vida	Ter muitos anos; mais uma fase da vida com características específicas.
	Estado de espírito	Sentir-se velho

FONTE: Ribeiro (2007)

São várias as análises que confirmam a existência de diversos mitos e estereótipos atribuídos às pessoas idosas e às suas capacidades. A ideia global acerca dos idosos parece ser de que, apesar de sem patologia, são incapazes de se desenvolverem (Fonseca 2004, cit. por Carneiro et al., 2012). Esta visão de que a velhice é o final do ciclo de vida, traduz-se no fim do próprio indivíduo, utilizando conceitos como morte e velhice quase como sinónimos (Cerqueira, 2010, cit. por Carneiro et al., 2012).

A estereotipização da velhice atenta contra a vivência da cidadania por parte dos indivíduos idosos. Com efeito, tendo em conta o ideal democrático, cada pessoa deve ser julgada pela sua individualidade e não pelas características que lhes são atribuídas pelo grupo de qual fazem parte (exemplo, género, idade, raça, etnia). Portanto, se as pessoas são tratadas de uma maneira diferente pela sua idade, viola-se este princípio democrático do direito à liberdade e igualdade, estando aberta a porta para conflitos intergeracionais, ocorrendo abusos das pessoas idosas e prejudicando a ordem social. Por outro lado, há a percepção errada de que a população idosa é homogénea, sendo, porém, das faixas etárias mais heterogéneas, com dimensões cognitivas, físicas e sociais bastante distintas (Carneiro et al., 2012).

São poucas as sociedades que, hoje em dia, valorizam a pessoa idosa, as suas experiências e acumular de saberes. Desvalorizam-se, de forma sistemática, a capacidade e as potencialidades de realização que continuam intactas na maioria das pessoas idosas. Esta atitude, associada ao aumento de custos com os serviços de saúde, devido ao envelhecimento, pode prejudicar os equilíbrios sociais e a solidariedade intergeracional (Fonseca, 2004, cit. por Carneiro et al., 2012).

Parece-nos óbvia a necessidade de referir o conceito de idadismo neste ponto, o qual se refere às representações sociais sobre os idosos. O idadismo é uma atitude preconceituosa e discriminatória com base na idade, sobretudo em relação

a pessoas idosas. Portanto, aproxima-se muito da imagem negativa apresentada pelo autor supracitado, sobre a representação da velhice e envelhecimento.

O idadismo em Portugal apresenta-se com um grau moderado, tendo em conta que, quando as pessoas são questionadas diretamente, afirmam não serem preconceituosas em relação às pessoas idosas, parecendo ter uma visão de inclusão das pessoas de todos os grupos etários. Esta visão positiva acerca das pessoas idosas pelos portugueses confirma-se com a aceitação de que uma pessoa de 70 anos pode ser escolhida para um cargo de chefia no mundo de trabalho, revelando um nível de experiência e de discriminação reduzidos em relação à idade. Contudo, parece existir um tipo de preconceito “benevolente e paternalista” em relação às pessoas idosas em Portugal, já que associam a estas traços típicos dos grupos de baixo estatuto social, de baixa competência associada a uma elevada percepção de afetuosidade. Para além disso, existe pouco contato entre as pessoas de diferentes escalões e as pessoas idosas (Lima, Marques, Batista, & Ribeiro, 2010).

Em Portugal, as experiências discriminatórias tendem a aumentar com a idade, sendo os mais idosos os mais discriminados. Apesar de tanto os jovens como os idosos serem vistos com admiração, os idosos são também vistos com pena (Lima et al., 2010).

A percepção de um estatuto social mais baixo das pessoas idosas está associada a uma percepção de que essas mesmas pessoas são pouco competentes. Apesar de parecer uma percepção inofensiva, esta pode impulsionar pesados custos, não só a nível económico como na saúde. Nesse sentido, existe o receio de que a sociedade perca alguns dos valores mais importantes para um país moderno que se foca, cada vez mais, numa cultura jovem traduzida por inovação e novidades. Essa perda está, também, associada à produtividade e ao sucesso no mundo do trabalho (Lima et al., 2010).

Na nossa perspectiva, é imperativo que se faça uma mudança cultural na sociedade no que toca ao papel e potencialidades da pessoa idosa. Até porque, uma representação das pessoas idosas numa perspectiva mais saudável, sociáveis, independentes e inovadoras, diminuirá esta percepção de que elas absorvem uma grande fatia de custos para a economia e para a saúde (Lima et al., 2010).

Os idosos têm de ser considerados agentes ativos no processo de construção de condições de vida com qualidade e de uma sociedade cada vez mais justa e solidária. Deste modo, é fundamental enfrentar as situações de discriminação e desrespeito aos mais velhos, suportadas pelos valores dominantes da ideologia de mercado, que superestimam o padrão de juventude e de beleza (Silveira, 2009).

Só uma diminuição da ameaça percebida em relação às pessoas idosas poderá auxiliar a combater as crenças idadistas que estão enraizadas (Carneiro et al., 2012).

Num estudo português (Cerqueira 2010, cit. por Carneiro et al., 2012) averiguou-se a concepção da população portuguesa sobre o que é envelhecer, quais as condutas sociais inerentes à condição da pessoa idosa e qual a importância ou não de uma preparação para a velhice. Os resultados apontam para uma imagem multidimensional e complexa, que incide sobre vertentes como a biologia (dependência e independência física), a psicologia, a cognição (incompetência e competência cognitiva, maturidade cognitiva), a afetividade (dependência e independência emocional), o social (incompetência e competência relacional, antiquado, maturidade relacional), a funcionalidade e na postura decorrente da sua preparação. Estes são avaliados de forma positiva ou negativa, ou com graus diferentes de relevância.

A construção destas imagens tende a variar consoante a faixa etária, o género, o estado civil, a escolaridade ou a profissão, podendo influenciar o percurso de

cada um para o envelhecimento. Daqui emergiram três imagens (Cerqueira 2010, cit. por Carneiro et al., 2012):

- As pessoas que predominam nesta primeira imagem têm entre os 13 e os 27 anos e os 33 e os 47 anos, do sexo masculino, com uma escolaridade média ou superior, com trabalho, casados e solteiros, sem filhos e que vivem em meio rural. Estes apresentam uma **imagem um pouco ambivalente (positiva e negativa) acerca da velhice, que é vista como uma fase de competências, mas também de dependência, sendo a preparação pouco relevante**, já que esta ocorre naturalmente. As pessoas aqui integradas não se preocupam com o presente nem com a preparação do seu futuro, sendo que aceitam tanto os ganhos como as perdas. Esta é a imagem mais prevalente entre as pessoas, acerca das pessoas idosas.
- Aqui predominam pessoas entre os 13 e os 27 anos e os 53 e os 67 anos, do sexo masculino, com escolaridade média, estudantes, casados e solteiros, sem filhos, que trabalham ou já trabalharam com pessoas idosas e, vivem em zonas urbanas. Têm a imagem de que a **velhice é uma fase de muita competência, independência, maturidade, cuja preparação é importante**. Manifestam uma imagem positiva do envelhecimento e da velhice e tendem a planear o futuro.
- A última imagem dos idosos é vista como uma **fase de incompetência e dependência**. As pessoas com esta imagem negativa do envelhecimento e da velhice tendem a focar-se no futuro e a adotar comportamento proativos. São pessoas a partir dos 53 anos, do sexo feminino, com nenhuma ou baixa escolaridade, domésticas e reformados, viúvos e com filhos. Esta é a imagem menos prevalente entre os indivíduos estudados.

Com base nestas imagens, parece que é a imagem das próprias pessoas idosas, ou pelo menos de parte delas, a mais negativa. Isto faz-nos pensar sobre os verdadeiros sentimentos destas pessoas, de como se sentem no seio da

sociedade e, mais importante ainda, como percebiam o que os outros consideram sobre a velhice e sobre o processo de envelhecimento.

O estudo de Cerqueira (2010, cit. por Carneiro et al., 2012) sugere que as estratégias para a mudança de uma visão mais negativa ou irrealista sobre o envelhecimento, deve passar pelas dimensões individuais e familiares. Este processo de mudança passa, inicialmente, por uma tomada de consciência das próprias pessoas idosas, para uma adoção de um estilo de vida mais adequado e o desenvolvimento de uma rede social de suporte. Não obstante, a mudança das imagens tão negativamente irrealistas como positivamente irrealistas, assim como a promoção de um envelhecimento bem-sucedido, deve considerar uma dimensão para além do indivíduo, uma dimensão que inclua a sociedade e as instituições.

A transformação das imagens do envelhecimento e da velhice em si pode ser trabalhada no contexto do mercado de trabalho, do sistema de saúde, do sistema de educação, do sistema de ação social e, até mesmo, no seio da comunicação social. Portanto, entende-se que este processo deve ser contínuo, ao longo da vida das pessoas e nas diferentes instituições, moldando assim, as imagens, atitudes e comportamentos “velhistas” (Cerqueira 2010, cit. por Carneiro et al., 2012).

Outro estudo, realizado por Ribeiro (2007) com 60 enfermeiros, 60 médicos, 60 técnicas de serviço social e 60 engenheiros, pretendeu perceber a imagem destes profissionais perante a velhice. Curiosamente, as imagens foram bastante similares entre os investigados, apesar de que, os engenheiros não trabalhavam diretamente com pessoas idosas.

Para todos os profissionais, as imagens continham três fatores: **maturidade, atividade e afetividade; incompetência relacional e cognitiva; e dependência, tristeza e antiquado** (com menos destaque). São imagens que englobam

aspectos positivos e negativos, inconsistentes e multidimensionais, pois envolvem aspectos funcionais, sociais, cognitivos e afetivos (Ribeiro, 2007).

Aparentemente, variáveis como sexo, idade, experiência de trabalho com idosos e zona de residência não tem muita interferência na imagem sobre as pessoas idosas. Porém, não se pode ignorar o elevado número de respostas de cariz negativo, quanto à representação dos idosos, ultrapassando uma visão mais positiva. Mais uma vez, prova-se a necessidade de mudança de que a sociedade carece.

2.2. Envelhecimento Ativo

Com base no que já foi sendo dito ao longo deste trabalho, têm vindo a ser defendidas políticas com o objetivo de colmatar os aspectos negativos do envelhecimento, no sentido de tornar os idosos e o conjunto da população mais felizes, com perspetiva de que os benefícios a longo prazo são enormes, no que toca a custos da velhice para a economia. Neste âmbito, e no cerne destas políticas, emergiu a ideia de envelhecimento ativo.

Os idosos, como cidadãos, podem e devem se ocupar nos espaços sociais que lutam por mudanças ou compor novas formas de manifestação denunciante ou propositiva, tornando-se protagonistas de seu tempo, o que se diferencia da atitude acomodada e conformista (Silveira, 2009).

A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2005) adotou o termo “envelhecimento ativo” no final dos anos 90, definindo-o como o processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o intuito de melhorar a qualidade de vida das pessoas que vão envelhecendo. Permite que as pessoas entendam o seu real potencial para o bem-estar físico, social e mental e que participem da sociedade conforme as suas necessidades, desejos e capacidades, ao mesmo tempo que se sintam protegidos, em segurança e com os cuidados necessários.

A palavra “ativo” faz referência à participação continuada das pessoas em questões sociais, económicas, culturais, espirituais e civis. Com um envelhecimento ativo pretende-se aumentar a expectativa de uma vida com saúde e qualidade de vida, independentemente das condições físicas/saúde em que as pessoas se encontram e das suas condições sociais. A pessoa idosa, mesmo que não se encontre fisicamente saudável ou participe na força do trabalho, deve participar na sociedade tendo em conta as suas necessidades, desejos e capacidades (OMS, 2002).

Contudo, não deixamos de assinalar que, associada a este paradigma que visa combater os estereótipos associados às pessoas idosas, se encontra igualmente uma *“visão sócio-política, na qual a garantia dos direitos humanos permitirá que o número crescente de pessoas idosas permaneça saudável (reduzindo a sobrecarga dos sistemas de apoio social e de saúde), se mantenha no mercado de trabalho por um período mais longo (reduzindo os custos no sistema de pensões), ao mesmo tempo que participa nos processos políticos e comunitários do quotidiano (exercendo o seu direito de cidadania)”* (Ribeiro, 2012, p. 35).

A promoção do envelhecimento ativo é um dos princípios estratégicos promovidos pela OMS para uma nova perspetiva de desenvolvimento social.

Manter a autonomia e a independência é fundamental para um envelhecimento com qualidade. Não podemos esquecer que, este envelhecimento faz-se no seio de uma sociedade, de uma família, dos amigos, e, portanto, estes também serão parte integrante do envelhecimento (OMS, 2005).

A partir do momento em que as pessoas começam a envelhecer, a sua qualidade de vida está posta em risco, pois esta dependerá da sua capacidade em se manter autónomo e independente (OMS, 2005).

Os fatores determinantes do envelhecimento ativo são apresentados, de forma esquemática, na figura 1.



Figura 1- Os determinantes do envelhecimento ativo (adaptado de OMS, 2002)

A cultura é um fator transversal, já que abarca toda a sociedade e molda a forma como as pessoas envelhecem. O género também tem as suas particularidades quanto ao processo de envelhecimento, sendo igualmente transversal. As mulheres apresentam maior risco de pobreza, por se terem dedicado, em muitos casos, ao trabalho doméstico durante toda a vida, escolarização mais baixa, carreiras contributivas muito curtas e portanto maior risco de exclusão. Por outro lado, os homens estão mais propensos a comportamentos de risco, como consumo de tabaco ou bebidas alcoólicas. Os fatores relacionados com os serviços sociais e de saúde têm um papel na promoção da saúde e prevenção de doenças, assim como um acesso equitativo aos serviços.

Os fatores comportamentais, pela adoção de estilos de vida saudáveis (alimentação, exercício físico) e a participação ativa no cuidado da sua saúde, são fundamentais para um envelhecimento ativo.

Os determinantes pessoais focam-se na biologia e na genética, pois contribuem para o envelhecimento, já que os genes podem estar envolvidos na etiologia das doenças.

Os fatores psicológicos também se encaixam na determinante pessoal, e estes incluem a inteligência e a capacidade cognitiva, como por exemplo, a capacidade de fazer face às adversidades, são indícios de um envelhecimento adequado.

Os determinantes relacionados com o ambiente físico, estes devem ser adequados à idade. Se uma pessoa idosa vive numa zona inóspita, zonas rurais ou sem transportes públicos, provavelmente não sairá tantas vezes e por isso ficará, inevitavelmente isolada. As próprias condições da habitação podem favorecer quedas ou má qualidade de vida, no geral.

Os fatores determinantes sociais apontam como características essenciais para o envelhecimento ativo o apoio social, oportunidades de educação e aprendizagem, proteção contra violência e maus-tratos e prevenção do isolamento social.

Finalmente, quanto aos fatores económicos, destacam-se três aspectos fundamentais: o rendimento, o trabalho e a proteção social, sendo que a pobreza se associa com problemas de saúde, entre outros. Quanto ao trabalho, deve-se salientar que muitos idosos, pelo trabalho voluntário, acabam por aumentar os seus contatos sociais, o seu bem-estar psicológico, estando, ao mesmo tempo, a contribuir para a comunidade (OMS, 2005).

O envelhecimento ativo é um conceito multidimensional. Este não se cinge, apenas, a um envelhecimento com saúde, mas inclui fatores psicossociais, como o funcionamento mental e cognitivo, humor positivo, senso de controlo, ativação de mecanismos de *coping*, assim como participação na sociedade e relações interpessoais (Caprara et al., 2013).

A promoção e a educação em relação aos fatores psicossociais, estendem-se desde o incentivo a estilos de vida saudáveis (por exemplo, atividade física ou uma boa alimentação) à estimulação cognitiva, à gestão do *stress*, a *coaching* da auto-eficácia e a treino de comportamento pró-social, que parecem representar um passo na promoção do envelhecimento ativo (Caprara et al., 2013).

Lopes e Gonçalves (2012) citado por Ribeiro (2012), num recente contributo reflexivo, tendo em conta a sociedade portuguesa, investigaram os desafios do envelhecimento demográfico, apresentando questões relacionadas com o prolongamento da vida ativa dos trabalhadores mais velhos, mas por outro lado dando relevância a dinâmicas relacionadas com as relações familiares, nomeadamente a intergeracionalidade e o papel da pessoa idosa na família. Estes autores salientaram a homogeneização das pessoas idosas, mas também a desprezo que as gerações mais novas sentem em relação às pessoas idosas ativas quando estas servem de recurso para cuidar crianças e jovens (Ribeiro, 2012).

É imperativo pensar na necessidade de provar o papel do idoso *“à luz do alcance social que previsivelmente tem e terá, num contexto de retração dos mecanismos formais de apoio às famílias, de apoio à infância e juventude, de apoio à mulher trabalhadora”* (Lopes e Gonçalves, 2012 citado por Ribeiro, 2012, p.42).

Foram imputadas várias definições ao conceito “envelhecimento ativo”, no entanto este não deve ser explicado exclusivamente à luz das dinâmicas do mercado de trabalho. Apesar das definições mais abrangentes de “envelhecimento produtivo” poderem cingir atividades como o voluntariado, as relações intergeracionais e também a participação em organizações políticas e de apoio social, numa abrangência que se exprime na dissipação de uma imagem dos mais velhos como dependentes ou meros recetores de cuidados, a verdade é que a este conceito está relacionado com uma leitura economicista, passando para segundo plano tarefas socialmente pouco valorizadas, como as atividades domésticas que podem apresentar ganhos para o bem-estar do idoso e contributos para a economia familiar (Ribeiro, 2012).

As pessoas mais velhas têm um papel importante no cuidado de outros adultos e filhos e no contributo em ocupações não remuneradas provando a sua importância enquanto capital social (Ribeiro, 2012).

2.2.1. Enfoques da vida social no Envelhecimento Ativo

Tendo em consideração o contributo ativo das pessoas mais velhas nas dinâmicas familiares, no trabalho doméstico e nas atividades de lazer é importante ter em conta algumas considerações. As atividades lúdicas, desporto, viagens, trabalhos criativos, entre outras, são benéficos para promover a manutenção de estados de saúde física, bem-estar e uma forma de prevenir o declínio cognitivo, no entanto estes são marginalizados por serem considerados “não produtivo”, mantendo-se esquecido o seu valor no dia a dia dos idosos (Ribeiro, 2012).

Segundo, Boudiny e Mortelmans (2011) citado por Ribeiro (2012), a eliminação constante do lazer das definições de envelhecimento ativo aponta que este conceito é definido tendo em conta o interesse da sociedade e não o do próprio sujeito. É importante não esquecer de referenciar o lazer, quando se define envelhecimento ativo, porque então estamos a restringir meios alternativos de desenvolvimento pessoal e social (Ribeiro, 2012).

A participação das pessoas no meio é igualmente importante no envelhecimento ativo. Para isso, devem-se conferir as oportunidades devidas, no sentido de se desenvolver novas competências, fundamentalmente na área das tecnologias da informação e nas novas técnicas agrícolas. Deve-se permitir a participação das pessoas idosas nas atividades de desenvolvimento económico, trabalho formal, informal e/ou voluntário, não os deixando à margem da sociedade, considerando-os peças úteis da vida contemporânea (OMS, 2005). Permitir que expressem as suas potencialidades, fomentando/explorando essas características, podemos deparar-nos com a incrível surpresa de que há muito mais por detrás das rugas.

A redução da pobreza é fundamental nesta faixa etária, como em qualquer outras, para isso é necessário reunir esforços de desenvolvimento social, e na sustentabilidade dos subsídios aos mais velhos (OMS, 2005).

Posto isto, verifica-se que um envelhecimento ativo adequado não se inicia apenas após a idade da reforma, mas antes à nascença.

2.2.2. Programas e Políticas de Envelhecimento Ativo

A meta do programa de envelhecimento e saúde da OMS centra-se na obtenção da melhor qualidade de vida possível, pelo maior tempo possível, abrangendo o maior número de pessoas.

O programa ressalta a importância da adoção de abordagens baseadas na comunidade, do respeito nos contextos e influências culturais, no reconhecimento da importância na diferença de géneros, no fortalecimento de vínculos intergerações e no respeito e entendimento das questões éticas relacionadas com a saúde e bem-estar na terceira idade (OMS, 2005).

Em 2012 deu-se o ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações cujos principais objetivos se centravam na promoção do envelhecimento ativo ao nível do emprego, no incentivo à participação na comunidade, na promoção da saúde e de um estilo de vida independente e no reforço à solidariedade entre as gerações (Portugal, 2012).

A pobreza é, de facto, um dos principais obstáculos ao envelhecimento ativo e, portanto, 2012 foi também marcado por um clima de crise económica social que, segundo previsões nacionais, irá manter-se para os anos que se seguem, o que afeta a possibilidade de se desenvolver uma eficaz política de envelhecimento ativo em Portugal (Portugal, 2012).

A OMS definiu o que é o envelhecimento ativo, quais os objetivos e metas a atingir. Nesse sentido, organizou programas que abrangem as características da qualidade de vida da pessoa idosa e estratégias para levarem a cabo esses projetos. A questão é, como colocar tudo isso em prática em sociedades em que

o que importa são os custos, imperando uma crise económica que teima em se manter.

A partir do momento que as políticas sociais de saúde, o mercado de trabalho, o emprego e a educação apoiarem o envelhecimento ativo, teremos, muito provavelmente, pessoas com uma melhor qualidade de vida, mais participativas na sociedade, na cultura, na economia, na política, em atividades remuneradas, na vida doméstica e na família (OMS, 2005).

Em tempos, chegar à terceira idade era um privilégio de poucos, no entanto, hoje em dia, até nos países em desenvolvimento, esse feito acontece. Praticamente todas as pessoas chegam à velhice, pela melhoria nas condições de saúde, apesar dessa conquista estar ainda longe de se distribuir de forma equitativa. Esta conquista do século XX torna-se porém num desafio para o século XXI (Lima-Costa & Veras, 2003).

2.3. Participação e papel social do idoso nos contextos familiar e comunitário

Com o envelhecimento e as alterações fisiológicas, psicológicas e sociais a ele associado, a pessoa idosa tende a ficar mais isolada socialmente e a cingir-se ao ambiente familiar. A família torna-se assim, num fator de extrema importância para a sobrevivência da pessoa idosa assim como na manutenção do seu equilíbrio emocional (Martins, 2006).

Importa referir que os amigos também têm um papel importante no apoio social aos mais velhos, havendo uma partilha de intimidades, apoio emocional, oportunidades de socialização e até mesmo o apoio a nível de recursos (Martins, 2006).

As instituições têm vindo colmatar a indisponibilidade das famílias para acolherem e tratarem dos seus idosos. Os encargos a elas atribuídos referem-se à

assistência médica e a aspectos de cariz mais social, como o alojamento. Muitas vezes o motivo para recorrerem a lares ou a residências não se foca na sua dependência, mas antes ao isolamento. No entanto, os motivos principais ligam-se a fatores associados à saúde (Martins, 2006).

A institucionalização tem as suas desvantagens, algumas delas focam-se na retirada de toda a privacidade aos utentes, a um desenraizamento que leva a uma mais rápida deterioração e incapacidade física e mental. Sabe-se que as perturbações psiquiátricas são mais frequentes em idosos institucionalizados, ocorrendo não só pelas características da instituição em si, onde muitas vezes os recursos humanos não têm a formação adequada, como pela entrada na instituição representar para o idoso a última etapa da sua vida, sem qualquer expectativa ou possibilidade de retorno, com o consequente afastamento da sociedade (Martins, 2006).

Compreende-se pois, o período controverso que antecede a ida para uma instituição, o medo e a incerteza perante o desconhecido, proporcionam grandes momentos de tensão. Em Portugal, são muitos os que recorrem aos apoios sociais, pois a tensão é tal em ir para um lar e em abandonarem as suas casas, que preferem que a prestação de cuidados seja menos completa e ficarem nos seus próprios lares. Porém, não existem soluções ótimas para os idosos, cada caso é um caso, e se para alguns a institucionalização é o melhor caminho, para outros não o será, o foco deverá ser sempre na preservação do seu bem-estar (Martins, 2006).

O apoio informal, ou seja, aquele que é prestado pela família, amigos e vizinhos no processo de envelhecimento, visa não só a integração social, como também a quantidade de ajuda que efetivamente é dada e a percepção que os idosos têm sobre a ajuda que recebem. Esta última, compreende a crença de quão disponíveis estarão os outros para ajudar, numa situação de necessidade (Paúl, 2005).

O papel das redes sociais no processo de envelhecimento centra-se num efeito protetor de evitar o *stress* ou como “almofada” que amortece o *stress* associado ao envelhecimento. Devemos diferenciar as redes familiares das redes de amigos, sendo que a primeira é “involuntária” e baseada no sentido da obrigação, enquanto que a segunda é voluntária, produzindo efeitos distintos na qualidade de vida das pessoas idosas. Os efeitos revelam-se mais positivos nas redes de suporte de amigos e vizinhos (Paúl, 2005), exatamente pela característica voluntária a eles associada.

Muitos dos nossos idosos apresentam algumas das características anteriormente citadas, acrescentando os vários abusos de que muitas vezes são alvos, que os insere numa lista de potenciais suicidas. Importa pois, estar atentos, para que a ajuda chegue muito antes do desespero.

2.4. Velhice, exclusão social e pobreza

Os fenómenos da pobreza e da exclusão social têm suscitado um interesse cada vez maior, não só entre os cientistas sociais, mas também entre os políticos. São conceitos facilmente confundidos ao nível do discurso político e da própria formulação e avaliação da política social. O conceito de exclusão social tem vindo a ultrapassar a pobreza no grau de importância ao longo dos tempos. Ambos pretendem traduzir um conjunto de desvantagens sociais (Sabença, 2010).

Em 1984 na União Europeia, tomaram-se como pobres as pessoas, famílias e grupos de pessoas cujos recursos (materiais, culturais e sociais) são limitados e que põe de parte uma vida minimamente aceitável. Neste sentido, a pobreza entende-se como uma carência de bens e serviços essenciais, como a alimentação, o vestuário, o alojamento e os cuidados de saúde, sendo, igualmente, entendida como a falta de recursos económicos (Sabença, 2010).

Outra perspectiva de pobreza é a sua natureza social, ou seja, a exclusão social, a dependência e incapacidade de participar na sociedade, incluindo a educação e

a informação. Por exclusão social entende-se um fenómeno que provoca desigualdades no que se refere ao acesso ao mercado de trabalho, a uma pensão de reforma que permita a subsistência de quem a usufrui, a um rendimento suficiente para cobrir todas as despesas essenciais, a uma habitação condigna e com o mínimo considerável de condições. A exclusão social é também entendida como um processo através do qual as pessoas são “atiradas” para a periferia da sociedade, sendo que a exclusão as impede de participar plenamente na vida social, devido à pobreza, à falta de competências de base e à falta de possibilidades de aprendizagem ao longo da vida ou devido a alguma discriminação” (em Conceitos de Pobreza 2010 Ano Europeu do Combate à Pobreza e Exclusão por Sabença, 2010).

Com base em dados da Eurostat, estimavam, para o ano de 2008, uma taxa de pobreza em idosos portugueses a ronda os 22,3% contra uma média europeia de 18,4%, sendo ainda de assinalar a desigualdade existente na distribuição do rendimento entre as pessoas idosas. Note-se que, entre os 10% de idosos mais pobres, o valor do respectivo rendimento mediano está cerca de 32% abaixo do valor de referência para a definição da linha de pobreza, refletindo uma intensidade de pobreza particularmente grave no grupo (Lopes, 2012).

Na tabela 1 (Lopes, 2012) são apresentados alguns dados que comparam as pessoas idosas com as pessoas não idosas quanto a condições de vida e, portanto, alguns indicadores que são fundamentais para considerar algum grau de pobreza. Constata-se que, em todos os indicadores de privação, são as pessoas idosas que apresentam uma maior incidência de situações de privação, situação verificada tanto entre os que estão abaixo como os que estão acima da linha monetária de pobreza. Isto não é surpreendente, se considerarmos que, teoricamente, a ausência de meios financeiros reflete-se na incapacidade para garantir níveis mínimos de conforto e bem-estar, neste caso na habitação.

Tabela 1 - Proporção de indivíduos que são classificados em situação de privação em cada um dos indicadores analisados, por grupo etário e estatuto em relação à linha de pobreza, 2008 (% dentro de cada grupo combinado de idade e pobreza monetária)

Indicador de privação	Indivíduos abaixo da linha de pobreza		Indivíduos acima da linha de pobreza	
	< 65 anos	= 65 anos	< 65 anos	= 65 anos
Banho ou chuveiro	6.0	12.1	1.6	5.0
Sanita	5.3	10.2	1.6	3.8
Tetos, soalhos e janelas	25.1	27.9	15.9	20.4
Aquecimento da casa	57.0	59.5	31.9	35.2
Luz insuficiente na habitação	15.5	18.4	11.5	14.2

FONTE: ICOR 2008, INE (cálculos desenvolvidos por Lopes (2012))

As questões sobre a pobreza e a exclusão social entre os idosos têm tido grande visibilidade e colhido interesse alargado em Portugal, nos últimos anos. Na política funciona como uma importante bandeira, assim como ponte de algum destaque no discurso académico. Porém tem estado um pouco confinada à questão da pobreza entre os pensionistas, já que é uma medida mais fácil de avaliar. Uma das medidas adotadas para intervir e colmatar este problema foi a instituição do Complemento Solidário para Idosos (CSI). Este foi instituído em 2005 por decreto-lei e depois regulamentado em 2006, tendo sido um momento relevante do combate à exclusão social, refletindo a importância da existência de recursos monetários mínimos para se falar em direito a concretizar a participação enquanto cidadão na comunidade (Lopes, 2012).

O CSI prevê um conjunto de benefícios adicionais de saúde, direcionados para a garantia deste tipo de cuidados. Entre os vários benefícios consta-se a participação financeira no preço dos medicamentos não comparticipados pelo Estado, a participação financeira na aquisição de óculos e lentes, a participação financeira na aquisição e reparação de próteses dentárias (Lopes, 2012).

No que toca à exclusão social que, de uma forma geral, se traduz na perda de acesso às oportunidades de vida que a sociedade tem para oferecer, prende-se com a questão se o indicador de “pobreza monetária” capta de forma satisfatória o potencial de exclusão social entre as pessoas idosas, ou se, por outro lado, apresenta uma capacidade insuficiente de discriminação. No entanto, a “pobreza monetária” não é um bom indicador, por si só, de exclusão social, pela questão habitacional e de saúde, cujas carências ultrapassam um conjunto de grupos de rendimento, para lá dos oficialmente considerados como em risco de exclusão. Outra perspetiva da “pobreza” é a de natureza social que se reflete na incapacidade de participar na sociedade, no isolamento social, na desintegração social e na fragilização dos laços familiares e sociais.

Pelo reconhecimento das más condições de habitação dos idosos, em Portugal, originaram-se algumas medidas de política social. São de referir o Programa de Conforto Habitacional para Idosos, abrangendo apenas as pessoas idosas que são proprietárias da habitação e que são beneficiárias de apoio domiciliário. Provavelmente os apoios dados pelo CSI não são suficientes para melhorar as condições habitacionais, assim como na saúde e na autonomia funcional. Entre as pessoas idosas, a autonomia funcional é um fator importante na exclusão social (Lopes, 2012).

Portanto, o enviesamento monetarista na identificação de situações de risco deixa, seguramente, a descoberto um conjunto relevante de indivíduos (Lopes, 2012).

CAPÍTULO 3. Participação Infantil como instigadora das relações intergeracionais

A sociedade atual tem de ajustar as suas estruturas e o seu funcionamento a todas as gerações. Deste modo, as relações estabelecidas entre os mais novos e os mais velhos são determinantes para impulsionar o desenvolvimento da sociedade e estimular a dinamização social.

Às crianças e às pessoas idosas assiste o direito efetivo de representação e de participação social. Deste modo, pretendemos abordar a importância da participação das crianças na sociedade e compreender quais os seus direitos sociais. Neste ponto, vamos abordar uma temática bastante recente, as relações intergeracionais que surgiram da necessidade de colocar duas gerações a refletir, proporcionando momentos de convívio e partilha de saberes que impulsionou a existência de intergeracionalidade.

3.1. Participação Infantil

A participação infantil é um aspeto a ter em conta para a definição de um estatuto social da infância, em que a voz e a ação das crianças são aspetos essenciais. Deste modo, tornou-se necessário destacarmos uma participação infantil que readquira os interesses, necessidades e direitos da criança de forma a ser testemunho do seu protagonismo e intervenção social (Soares, 2006).

Uma das exigências que se coloca à Sociologia da Infância é dar voz às crianças na interpretação dos seus mundos sociais e culturais, partindo do princípio que as crianças são atores sociais.

Fernandes (2005:113) refere a esse propósito que: *“A Sociologia da Infância, ao considerar as crianças como atores sociais e sujeitos de direitos, assume a participação infantil como uma questão fulcral nas suas reflexões sendo*

considerada um aspeto fundamental para a resignificação de um estatuto social da infância, no qual a sua voz e ação são aspetos imprescindíveis (...) a participação infantil (...) tornou-se um assunto incontornável em muitos dos discursos científicos efetuados acerca da infância” (in Dornelles, 2012).

Segundo Crowley (1998), citado por Soares (2003, p.28) a participação infantil *“...não é somente um meio para chegar a um fim, nem tão pouco um processo: é um direito civil e político básico para todas as crianças e é portanto um fim em si mesmo”.*

Segundo a Convenção dos Direitos da Criança, a participação tem a ver com a vida quotidiana, uma vez que todos os seres humanos são seres sociais. Todas as pessoas fazem parte de uma vida social independentemente da idade.

Os direitos de participação estão enunciados nos artigos 5,13,14,15,17 da Convenção das Nações Unidas (CNU) que se referem à liberdade de opinião, de informação, pensamento, consciência e religião, assim como ao direito “à liberdade de associação e à liberdade de celebrar reuniões pacíficas” (art. 15.1).

A CNU reconhece o direito à participação de todas as crianças independentemente da idade, limita o exercício dos direitos da participação nos assuntos que afetam as crianças e defende que as crianças são capazes de formar o seu próprio julgamento. Perante estas condições a opinião das crianças tem que ser tomada em conta em função da idade e da maturidade.

Na participação infantil deve existir intervenção ativa em todas as situações possíveis e em todos os âmbitos da sociedade. A voz das crianças deve ser ouvida nas suas ações e determinações, tendo em conta a vida da própria criança, a família, a escola e a comunidade. Jamais, poderemos esquecer os interesses, as necessidades e os direitos da criança.

Para Bellamy (2003:3), referido por Soares (2003, p.27) a participação infantil está relacionada ao facto de *“...a infância como construção social ter emergido de*

sociedades e valores em mudança. E as crianças como grupo gradualmente surgirem como indivíduos com direitos e atores sociais”.

Considerar a participação das crianças na investigação, através de uma investigação participativa, permite considerar formas colaborativas de construção do conhecimento nas ciências sociais, que se articulam com modos de produção do saber empenhadas na transformação social e na extensão dos seus direitos sociais (Soares, 2003).

É imperativo não esquecer que a participação é um direito, isto é, uma ação democrática que deve ser exercida nos diversos contextos das sociedades democráticas. Deste modo, tem de ser tomada em consideração que pode influenciar as relações sociais e também as relações intergeracionais. Segundo Moss (2008) a *“Participação democrática é um meio através do qual crianças e adultos podem participar com outros na tomada de decisão [...] e ainda, um meio para se opor ao poder e ao controle, bem como a formas de opressão e de injustiça que, necessariamente, derivam de um exercício limitado de poder”* (Dornelles, 2012, p.38).

Contudo a participação deve ser compreendida como um fenómeno processual criado pelos participantes, onde esta não é dada, mas pelo contrário, é como um processo que envolve interação, expressão de ideias, pensamentos, opiniões, escolhas e negociações praticada durante uma relação social. Para realçar e confirmar esta ideia, Tomás (2007) confirma que: *“Participar significa influir diretamente nas decisões e no processo em que a negociação entre adultos e crianças é fundamental, um processo que possa integrar tanto as divergências como as convergências relativamente aos objetivos pretendidos e que resultam num processo híbrido”* (Dornelles, 2012, p.38).

Corsaro (2002), citado por Dornelles (2012) refere que é importante dar voz às crianças, mas por outro lado devemos criar condições para a participação,

percebendo que ela é um ator social que utiliza como recurso a imaginação e a aproximação com as culturas infantis.

Deste modo, a participação permite identificar as suas próprias competências e direitos, contribuindo para a formação de sujeitos reflexivos, críticos e observadores que intervêm no seu meio e modos de vida (Dornelles, 2012).

É imperativo não esquecer que devemos olhar para as crianças como sujeitos pensantes, atores sociais criativos e competentes que devem ser envolvidos substancialmente na construção de conhecimentos acerca de si mesmo e dos seus mundos, bem como a importância de reconhecer modos alternativos de pensamento e ação investigativa com elas (Dornelles, 2012).

Também não podemos descurar, que a sociologia da infância tem-nos ensinado que as crianças são atores sociais, porque interagem com as pessoas, com as instituições, reagem frente aos adultos e desenvolvem estratégias de luta para participar no mundo social (Dornelles, 2012).

3.2. Relações intergeracionais

Tendo em consideração que as crianças quando interagem com pessoas mais velhas realizam aprendizagens que vão condicionar os seus comportamentos sociais e influenciar, a longo prazo, toda a evolução do ser humano enquanto pessoa, tornou-se importante apostar nas relações sociais.

Deste modo, a necessidade de proporcionar momentos de convivência e diálogo intergeracional tornou-se imprescindível. Estes tornam-se enriquecedores quando o contacto é estabelecido com adultos, principalmente com pessoas idosas, nomeadamente os avós. O diálogo intergeracional permite a transmissão de saberes e ofícios, possibilitando o processo recíproco de aprendizagens, imperando o respeito e a compreensão entre gerações, contribuindo para a manutenção das relações intergeracionais. No decorrer do diálogo intergeracional

ninguém ensina ninguém, todos dão a sua opinião dando a conhecer realidades diferentes.

A palavra intergeracional resulta da junção do termo inter, que significa “a ideia de entre, dentro de, no meio” e o termo geracional, que remete-nos para a ideia de “relativo a uma geração, próprio de uma geração”. Deste modo, a palavra intergeracionalidade remete-nos para a ideia de “entre gerações” e de relações entre gerações (Sacha, 2010).

Porém, de acordo com Jacob (2007) (cf. Nunes, 2009), a intergeracionalidade não se refere apenas às relações existentes entre pessoas idosas e crianças, podendo abranger outros intervenientes de outras faixas etárias.

Segundo Peacock e Talley (1984), as relações intergeracionais podem ser definidas como *“uma interação planeada de grupos de pessoas com idades diferentes, em diferentes fases da vida e em diferentes contextos. Como vantagens destas relações destacam-se: a comunicação íntima entre os intervenientes, a partilha de sentimentos e ideias e uma cooperação nas tarefas significativas para todos os participantes envolvidos”* (in Nunes, 2009, p.53).

Em 2000, a UNESCO, organizou um relatório sobre os benefícios individuais e sociais relacionados com a troca de experiências entre as gerações e onde defendeu que estes são o instrumento para promover a inclusão social e desenvolver a comunidade.

A UNESCO defende que todos os programas educativos intergeracionais possuem objetivos comuns, quer para as crianças e jovens, quer para as pessoas idosas. Deste modo, procuram minimizar as perdas do processo de envelhecimento, promover a inclusão e valorização das pessoas idosas, desenvolver competências ao nível da transmissão dos conhecimentos, habilidades e valores humanos a outras gerações, promover interações diferenciadas entre as crianças e as pessoas idosas, promover aquisição de saberes através da educação informal e não formal transmitidas pelos idosos,

despertar nas crianças um novo olhar sobre as questões do envelhecimento, estimular e recuperar brincadeiras e jogos tradicionais, desenvolver nas crianças novas aptidões e promover a educação ao longo da vida.

Em 1999, o Ano Internacional das Pessoas Idosas ficou marcado, a nível internacional, pelo emergir de várias iniciativas e pelo surgimento de programas de carácter intergeracional. A título de exemplo, neste mesmo ano, em Portugal surgiu o Projeto TIO (“Terceira Idade On Line”) cujos objetivos são os seguintes: *“reforçar a participação ativa dos idosos na sociedade da informação, promover a saúde e a qualidade de vida dos idosos e fomentar o relacionamento e o conhecimento intergeracional”* (in Sacha 2010, p.32). Presentemente, este projeto é gerido pela Associação Vida que foi criada em Portugal, na continuidade do Projeto Viver, com o objetivo principal de melhorar as atividades culturais e educativas que reforçam o intercâmbio de valores e conhecimentos entre gerações (Sacha, 2010).

O Projeto Viver terminou com a elaboração do “Manual de Boas Práticas-Intergeracionalidade”, em colaboração com parceiros nacionais do projeto (Empresa de Formação e Informática-Byweb, Centro de Assistência Social à terceira Idade e Infância de Sanguêdo, Centro Social do Souto, Associação pelo Prazer de Viver e Sofos-Consultores de Gestão) (in Nunes 2009).

Os autores do Projeto Viver encaram o tema intergeracionalidade, no contexto português, sob duas perspetivas que remetem para o nível familiar: a promoção do contacto entre os filhos adultos e os pais idosos e a promoção do contacto entre netos e avós (in Nunes 2009).

De seguida, e ao mesmo tempo do Projeto TIO e do Projeto Viver, foi desenvolvido o Projeto Net@vó centralizado na exploração da intergeracionalidade, de forma a fomentar a solidariedade e aprendizagem entre gerações (in Nunes, 2009).

Os projetos desenvolvidos em Portugal apontam como benefícios da prática intergeracional para os idosos, os seguintes aspetos: promoção da educação ao longo da vida, aumento da autoestima e perspectivas de vida dos participantes, promoção da aprendizagem, sensibilização dos mais velhos para a compreensão e aceitação dos mais novos, criação de oportunidades para a transmissão de saberes e experiências, redução do isolamento e promoção de estilos de vida saudáveis e estimulantes (Manual de Boas Práticas-Intergeracionalidade, 2004, cf. Nunes, 2009).

Para as crianças e jovens, a promoção da intergeracionalidade, permitiu contribuir para a desmistificação dos estereótipos dos mais novos em relação aos mais velhos, aspeto que beneficiou todas as gerações. Outras implicações das atividades intergeracionais apontadas para as crianças e jovens são: aumento do interesse pela aprendizagem, pelo saber e pelo conhecimento dos idosos, através do convívio formal; fortalecimento das relações com os idosos, sejam eles parentes ou não; desenvolvimento de respeito, de responsabilidade e sentimento de estima pelos idosos; incentivo à criação de modelos de vida pelo contacto direto com os mais velhos, motivação para aprender de forma informal e lúdica; indução de comportamentos de tolerância para com algumas atitudes e preferências dos idosos; aumento do conhecimento acerca dos idosos, assim como a entreaajuda (in Nunes, 2009).

Para a comunidade, a intergeracionalidade, reforça a solidariedade entre as gerações e também contribui para a sua prosperidade. Tendo em conta os princípios básicos de interligação entre gerações, as atividades intergeracionais deveriam contribuir para o estreitar de relações entre os diferentes organismos de uma comunidade. Assim, todos os elementos individuais e coletivos da comunidade são considerados potenciais participantes nas atividades intergeracionais e estas devem ser ajustadas às necessidades da população (Nunes, 2009).

A temática intergeracionalidade e as suas práticas são assuntos desconhecidos para muitos. Contudo, os resultados das investigações parecem claros quando apontam para as suas mais-valias em todas as gerações envolvidas, sejam elas novas, de meia-idade ou idosas (Nunes, 2009).

CAPÍTULO 4. Metodologia de investigação

Considerando a investigação como um processo que depende das condições de recolha e análise de dados obtidos e que possibilite conjugar a relevância em relação à finalidade do estudo (Erasmie & Lima, 1989) esta requer reflexão, espírito crítico, devendo incluir ideias dinâmicas, ser sistemática tendo como base uma planificação para evitar desvios ao problema e basear-se num controlo metodológico.

O presente estudo pretendeu contribuir para uma valorização social das experiências de vida, dos saberes e das opiniões de um grupo de idosos, residentes no Bairro de Santiago. Através do seu envolvimento na investigação e do contacto intergeracional com um grupo de crianças, igualmente encaradas como co-participantes, procurou-se tornar as vozes destes idosos e destas crianças audíveis na comunidade, particularmente no que se refere às mudanças necessárias para requalificar o Bairro.

Como objetivos específicos, consideramos os seguintes:

- Revitalizar as memórias do Bairro de Santiago pelas vozes dos primeiros moradores;
- Requalificar as vozes dos idosos pela implicação das crianças no estudo;
- Contribuir para (re) construir relações de sociabilidade no Bairro a partir da cooperação entre idosos e crianças;
- Ampliar as vozes dos participantes na comunidade.

Este projeto de investigação foi desenvolvido tendo como suporte o método da investigação - ação participativa, recorrendo à participação, enquanto co-investigadores, de dois grupos, pessoas idosas e crianças, residentes no Bairro de Santiago.

4.1. A investigação ação participativa como fonte de inspiração

A origem da investigação-ação (IA) deu-se nos Estados Unidos “*onde foi concedida e aplicada, num primeiro momento, mediante o contributo de vários pensadores pertencentes não apenas ao campo da educação, mas também ao campo mais vasto das ciências sociais*” (Maximo-Esteves, 2008, p.23).

John Dewey e Kurt Lewin são considerados os fundadores da IA. John Dewey evidenciou-se no campo da educação e defende que quando um investigador utiliza o método IA como recurso para recolher informações, deve recorrer a um pensamento reflexivo para poder adquirir uma visão mais crítica sobre aquilo que está a investigar. Kurt Lewin, por seu turno, no campo da Psicologia focalizou a sua investigação na resolução de problemas sociais e defendia que este método permitiria alcançar quer conhecimentos teóricos, quer mudanças sociais.

Assim sendo, Coutinho et al (2009, p.360) defendem que “*A IA pode ser descrita como uma família de metodologias de investigação que incluem simultaneamente ação (ou mudança) e investigação (ou compreensão), com base em um processo cíclico ou em espiral, que alterna entre ação e reflexão crítica.*”

Por outro lado, segundo Kemmis e McTaggart, (1988, p.5) referidos por Matos (2004), “*A IA constitui uma forma de questionamento reflexivo e coletivo de situações sociais, realizado pelos participantes (...) trata-se de investigação-ação quando a investigação é colaborativa, por isso é importante reconhecer que a IA é desenvolvida através da ação (analisada criticamente) dos membros do grupo*”. A participação dos indivíduos/processo colaborativo não é consensual entre os diversos autores.

A IA é uma metodologia com um duplo objetivo, o de investigação e o de ação:

-Investigação - possibilita estudar uma determinada problemática, de forma a que o investigador aumente a sua compreensão sobre a mesma;

- Ação - permite a recolha de informação sobre determinado problema, em que o essencial é conseguir obter uma mudança numa comunidade.

Se, por um lado, a IA permite obter um estudo com resultados nas próprias práticas, por outro lado permite o aperfeiçoamento das pessoas ou grupos implicados. Esta metodologia assenta na necessidade de promover a mudança através da participação e aprendizagem dos próprios participantes.

Segundo, Bogdan e Biklen (1994) na nossa sociedade, falar em mudança é um processo que se torna complicado, mesmo nos dias de hoje, *“porque, tendo como objetivo melhorar a vida das pessoas, pode estar a pôr em conflito as suas crenças, estilos de vida e comportamentos. Para que essa mudança seja efetiva, é necessário compreender a forma como os indivíduos envolvidos vivenciam a sua situação e implicá-los nessa mesma mudança, pois são eles que vão viver com ela”* (Sanches, 2005,p.128).

Para, Kemmis e McTaggart (2005) a IA pode ser distinguida em quatro gerações: a primeira, incentivada por Kurt Lewin (1946), que se encontra associada aos Estados Unidos da América e ao paradigma positivista da ciência; a segunda, predominante no Reino Unido, encontra-se relacionada com o contexto de desenvolvimento organizacional; a terceira, impulsionada na Austrália, segue uma vertente mais crítica e emancipatória e a quarta surgiu da conexão entre a IA crítica e a Investigação Ação Participativa (IAP) (in Graça, 2016). A quarta geração foi desenvolvida na América do Sul, no âmbito dos movimentos sociais, educação de adultos e desenvolvimento comunitário, por autores como Paulo Freire, entre outros. Tendo em conta, Kemmis e McTaggart (2005), a IAP tem duas origens, uma centrada no desenvolvimento comunitário (América Latina) e a outra no ativismo pelos direitos humanos, associada à luta anti-imperialismo (Ásia) (in Graça, 2016).

Paulo Freire, na sua obra “A Pedagogia do Oprimido” defende que os oprimidos têm capacidade para analisar a sua própria realidade. *“Ao defendermos um*

permanente esforço de reflexão dos oprimidos sobre suas condições concretas, não estamos pretendendo um jogo divertido em nível puramente intelectual. Estamos convencidos, pelo contrário, de que a reflexão, conduz à prática.” (Paulo Freire, 1975. P.33) Este autor afirma que os grupos em situação de exclusão e opressão têm conhecimentos e capacidades que podem ser utilizadas como ferramentas para o seu próprio enriquecimento.

Segundo Lima (2003, p.306) *“A investigação participativa corresponde a um modo de procurar entender o mundo para melhor se viver, para que possa constituir moradia confortável de tudo quanto nele existe.”*

A IAP é uma modalidade de investigação em que os intervenientes implicados nos processos participam, assumindo o papel de protagonistas da investigação e das dinâmicas de transformação da sua própria realidade, a partir da reflexão de todos os dados recolhidos.

Contudo, Freire (1972) afirma que através do processo reflexivo, os indivíduos começam a perceber as práticas como construções sociais, ficam conscientes do seu papel na produção e reprodução dessas práticas, identificam como podem intervir na evolução das organizações e da sociedade, e assim derrubar a hegemonia (in Graça, 2016).

Alguns autores valorizam a relação interpessoal no desenvolvimento da investigação participativa, uma vez que o tipo de relação estabelecida influencia o modo de participação dos sujeitos (in Graça, 2016).

Também Soares (2003), do ponto de vista epistemológico, defende uma relação participada entre investigador e investigado, onde o investigado é também um investigador, estabelecendo-se entre os dois uma ligação interativa e aberta à mudança.

4.2. Técnicas e dispositivos de recolha e geração de informação

A escolha das técnicas e dos instrumentos não depende somente das questões de investigação e do método da investigação, mas também da situação de investigação concreta, ou seja, do contexto, pois só a visão global do contexto a estudar permite determinar o que será mais adequado e o que será capaz de fornecer os dados pretendidos.

No decorrer da investigação, as técnicas de recolha e de geração de informação utilizadas foram, as entrevistas exploratórias, notas de campo e focus group. Recorreu-se, ainda a dispositivos como: jogos lúdicos; elaboração de desenhos; redação de uma história e elaboração de cartazes.

Relativamente às entrevistas exploratórias Quivy (2005, p.69) considera que estas “ (...) *devem ajudar a constituir a problemática de investigação*”. Ou seja, estas contribuem, segundo o mesmo autor, “*para descobrir os aspetos a ter em conta*” e alargar ou retificar o campo de investigação.

À luz deste autor, as entrevistas exploratórias têm como principal função “*revelar determinados aspetos dos fenómenos estudado em que o investigador não teria espontaneamente pensado por si mesmo e, assim, complementar as pistas de trabalho...*” (Quivy, R., 2005, p.69).

No que concerne às notas de campo, estas são apontamentos recolhidos durante uma investigação sobre aspetos relevantes, dúvidas, questões pertinentes, de forma a auxiliar ao longo da investigação. Por este motivo, as notas de campo têm o registo: do dia, da hora, do local, da (s) pessoa (s) participante (s), bem como do assunto em estudo, de forma que o investigador possua toda a informação organizada e detalhada. Nesta técnica estão descritas as atividades, incluindo os materiais utilizados; registadas as atitudes, sentimentos, reações dos participantes e do investigador e transcritas as conversas ou as opiniões pessoais.

As anotações realizadas ao longo da investigação devem estar de acordo com o objetivo da pesquisa, sendo necessário uma preparação prévia do que deve ser registado e observado, para não se afastar da proposta inicial da investigação.

Morgan (1997) afirma que *focus group* é uma técnica qualitativa que visa colocar um grupo de pessoas a discutir um determinado tema proposto por um moderador. A interação entre cada elemento do grupo permite múltiplas visões e reações emocionais que transparecem uma visão coletiva e não individual.

Segundo Johnson (1994), citado por Dias (2000, p.2) “*o esforço combinado do grupo produz mais informações e com maior riqueza de detalhes do que o somatório das respostas individuais (...) e a sinergia entre os participantes leva a resultados que ultrapassam a soma das partes individuais*”.

CAPÍTULO 5. Participantes e contexto da investigação

Neste capítulo procuraremos caracterizar os participantes da investigação e o contexto onde esta foi realizada. Desde logo, assinalamos que o trabalho foi desenvolvido com dois grupos de participantes, residentes no Bairro de Santiago: um grupo de quatro pessoas idosas e um grupo de três crianças. Constituindo o Bairro de Santiago (BS) o local privilegiado das nossas preocupações, apresentaremos algumas informações sobre a inserção deste bairro no distrito e cidade de Aveiro, freguesia da Glória e Vera-Cruz, para em seguida descrever e caracterizar o próprio bairro.

5.1. Participantes da investigação

5.1.1. O grupo de pessoas idosas

O projeto foi desenvolvido com um grupo de quatro pessoas idosas, do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 60 e 72 anos, residentes no BS.

Estas pessoas idosas residem neste bairro há mais de vinte anos, tendo deixado as suas casas anteriores por não reunirem as condições mínimas de habitabilidade ou por terem de ser demolidas para a construção de estradas.

No passado, estas moradoras exerciam as seguintes profissões: duas eram empregadas domésticas, uma era ajudante de cozinha e a outra era trabalhadora por conta própria no ramo da restauração. Neste momento, três encontram-se reformadas e uma, a mais nova, é desempregada de longa duração.

Atualmente, três das participantes deste projeto vivem sozinhas, apenas uma vive com um filho. Relativamente ao estado civil, duas são viúvas e as outras duas encontram-se divorciadas.

A D. Joana¹, o marido e os dois filhos vieram de Moçambique e compraram o trespasse de um estabelecimento que existia no cruzamento do Eucalipto. Como esta zona estava comprada pelo *Fundo Fomento Habitação (FFH)*, estes foram realojados no BS, onde ficaram proprietários de um conhecido restaurante que existia na Rua de Espinho, onde a D. Joana era cozinheira. O marido adoeceu e o casal trespassou o negócio. Neste momento é viúva e vive sozinha.

A D. Lili Caneças residia na rua da Pega, perto do antigo Pavilhão do Beira-Mar e foi para o bairro com os filhos e o marido. A sua profissão era empregada doméstica. A filha e o marido faleceram e o outro filho casou e foi residir para outro local da cidade. Neste momento vive sozinha, tendo regularmente a visita do filho, da nora e da neta.

A D. Rosa habitava nos Carreiros de São Martinho, perto da Avenida 25 de Abril. Era empregada doméstica e foi viver para o bairro com os dois filhos e com o ex-marido. Neste momento encontra-se divorciada e vive sozinha.

A D. Amélia foi viver para o bairro com cinco filhos e o marido e antes residia na Presa, num pátio chamado Domingos Bela. A sua profissão era ajudante de cozinha, contudo, devido à sua idade e ao seu estado de saúde muito debilitado está desempregada por longa duração. Atualmente, vive com um filho e encontra-se divorciada.

A participação deste grupo de pessoas idosas residentes no BS foi essencial tendo em conta os objetivos da nossa investigação. Como explicaremos no capítulo seguinte, o acesso a estas pessoas e a sua aceitação para participarem

¹ As participantes adotaram outros nomes para preservar o seu anonimato.

no projeto foi facilitado pelo facto de elas frequentarem o Meninarte / Atelier Juvenil que se encontra inserido no Centro Comunitário das Florinhas do Vouga.

O espaço Meninarte / Atelier Juvenil como enquadrador da participação do grupo de pessoas idosas

O Meninarte / Atelier Juvenil está sediado na Rua de Espinho, nº 71/73, US, encontra-se aberto todos os dias úteis, durante o dia, mas apenas da parte da tarde para os adultos.

Este espaço surgiu como resposta social dirigida a crianças, jovens, adultos e idosos.

Presentemente, o Meninarte / Atelier Juvenil engloba o OTL- Ocupação de Tempos Livres para crianças e jovens, durante a interrupção letiva da Páscoa e férias de verão; um Centro de Explicações gratuito, dinamizado por voluntários para crianças em idade escolar e um Laboratório de Saberes direcionado para adultos e idosos, frequentado pelas nossas participantes.

Esta resposta social surgiu para evitar o isolamento e exclusão social que algumas pessoas idosas sentiam. Estas pessoas frequentam este lugar sem horários rígidos, em regime livre e realizam uma grande diversidade de atividades ao longo do ano, como trabalhos manuais temáticos, ateliers de culinária, passeios culturais e momentos de convívio.



Figura 2 - Entrada do Meninarte/Atelier Juvenil (fotografia da investigadora)



Figura 3 - Espaço interior do Meninarte/Atelier Juvenil (fotografia da investigadora)

5.1.2. O grupo de crianças

As três crianças que participaram neste estudo têm onze anos e frequentam o 6º ano do Agrupamento de Escolas de Aveiro - Escola Básica João Afonso. Residem no BS há mais de 5 anos com os familiares.

Quadro 2 - Caracterização do grupo de crianças

Criança	Tiagogamer2	Davidcanhão	Tavares
Agregado Familiar	Mãe	Pai, mãe, irmão	Mãe, tia e irmão
Tempo a viver no bairro	5 Anos	6 Anos	10 Anos
Familiares a viver no bairro	Avó	Avó e avô	Avó e avô
Profissão do Pai	Desconhecida	Vendedor de automóveis	Empregado fabril (emigrante)
Profissão da Mãe	Ajudante socioeducativa	Engenheira	Doméstica

O quadro 2 permite perceber que duas crianças vivem em famílias monoparentais: a família do Tiagogamer2 é constituída apenas pela criança e pela sua mãe, devido a um processo de divórcio; o Tavares vive com a mãe, tia e um irmão, o pai está ausente, pois encontra-se a trabalhar num país estrangeiro. O Davidcanhão insere-se numa família nuclear conjugal, composta pelo pai, pela mãe e um irmão.

Em termos da caracterização profissional das suas famílias, sabemos que todos os seus progenitores se encontram empregados, exceto a mãe do Tavares que é doméstica.

Jogar futebol e brincar às escondidas são as atividades que estas crianças gostam de fazer no bairro. Estas crianças brincam muitas vezes no campo de

futebol, principalmente ao fim de semana. Gostam de viver no bairro, porque têm muitos amigos para conviver.

5.2. Do distrito de Aveiro ao Bairro de Santiago

O Distrito de Aveiro apresenta uma localização privilegiada, uma vez que se situa no litoral centro de Portugal, ficando rodeada pelos distritos do Porto, de Viseu e de Coimbra. Esta cidade encontra-se entre as duas principais cidades metropolitanas de Portugal, Porto e Lisboa.

Para além disto, o Distrito distingue-se pela coexistência de zonas bastante rurais e com atividade agrícola de subsistência com outras onde a atividade industrial é consolidada. Existem boas condições de acessibilidade que facilitam as entradas e as saídas de pessoas ou mercadorias para qualquer parte do país ou estrangeiro.

A indústria transformadora e o comércio são os setores empresariais que apresentam maior volume de negócios, seguido do setor das pescas. As principais atividades económicas deste distrito são: metalomecânica, indústria química, a madeira, a cortiça, entre outros. Este distrito desenvolveu as indústrias tradicionais e a estrutura comercial e conjuntamente apostou na inovação e modernização para obter uma maior competitividade e conseguir maior investimento.

A Cidade de Aveiro é capital de distrito e encontra-se localizada entre o Oceano Atlântico e as zonas montanhosas dos distritos adjacentes, presenteando aos seus habitantes com uma paisagem variada, desde uma extensa beira-mar arenosa a uma vasta floresta verde irregular.

A paisagem dominante desta cidade é a Ria de Aveiro e rios da bacia hidrográfica do rio Vouga, por onde navegam os coloridos barcos moliceiros para apreçar as casas Arte Nova. José Saramago (Viagem a Portugal, 1981)

descreveu a Ria de Aveiro como “Corpo vivo que liga a terra ao mar como um enorme coração”.

O município de Aveiro tem de área 197,58 km² e 78 450 habitantes e está dividido em 10 freguesias: Aradas; Cacia; Eixo e Eirol; Esgueira; Glória e Vera -Cruz; Oliveirinha; Requeixo, Nossa Senhora de Fátima e Nariz; Santa Joana; São Bernardo e São Jacinto.



Figura 4 - Mapa das freguesias do concelho de Aveiro (FONTE: Wikipédia)

De acordo com os censos de 2011, a população residente no município de Aveiro situa-se, na sua maioria no grupo etário dos 25 aos 64 anos.

Tabela 2 - População residente no Município de Aveiro por Grupos Etários em 2011

Distribuição da População por grupos Etários			
0-14 Anos	15-24 Anos	25-64 Anos	> 65 Anos
11 431	8 551	45 202	13 266

FONTE: Instituto Nacional de Estatística, censos de 2011

Em 2013, as Freguesias de Vera - Cruz e da Glória foram extintas no âmbito da reorganização administrativa territorial autárquica, tendo-se formado uma nova freguesia chamada União de Freguesias de Glória e Vera - Cruz.

Tendo como base os resultados dos censos de 2011, esta freguesia tem de área 45,32 km² e 18 756 habitantes, dos quais 9099 residem na Glória e 9657 residem na Vera - Cruz.

Na cidade de Aveiro, dentro dos atuais limites da antiga freguesia da Glória, existe um bairro com o nome Bairro de Santiago.



Figura 5 - Bairro de Santiago (FONTE: Google imagens)

Construído na década de 70, inicialmente, o BS era formado por duas bandas de prédios amarelos que alojaram cerca de 300 pessoas, chamadas “Barras Amarelas” e/ou “Comboios Amarelos”, cujo objetivo era, unicamente, servir de habitação social. A construção destes fogos foi da responsabilidade do antigo FFH, mais tarde, o Instituto de Gestão e Alienação do Património Habitacional do

Estado (IGAPHE). Estes prédios situavam-se um lote na Rua Santa Maria da Feira e o outro na Rua de Espinho, ver figura 6.

O IGAPHE considerou a cidade de Aveiro uma área prioritária, relativamente à construção de habitação social dando origem ao Plano Integrado Aveiro Santiago (PIAS) que levou à construção, em 1987 da Urbanização de Santiago com 784 fogos. Estes lotes foram construídos um na outra faixa da Rua de Espinho e o outro na Rua Nova, conforme figura 6. Nesta construção, as organizações que intervieram foram a Câmara de Aveiro (CMA) juntamente com o IGAPHE. Os responsáveis pelo processo de realojamento foram a Casa de Acolhimento da Paróquia da Glória e Centro Regional de Segurança Social de Aveiro.



Figura 6 - Maquete do Bairro de Santiago (FONTE: Google imagens)

De acordo com o nosso entrevistado Padre João, “Quando as pessoas começaram a ir viver para o bairro, as ruas não tinham nome e eram caminhos, as portas não tinham número, não tinham telefone, não havia luz pública. As primeiras pessoas a serem realojadas foram as que viviam na zona do Eucalipto, porque existia urgência em fazer obras naquela zona. As pessoas foram viver para o bairro sem nada!” (Nota de campo nº 1).

No processo de realojamento das primeiras famílias, a Paróquia da Glória formou um grupo grande de paroquianos, cuja função era acolher os novos moradores.

“Havia um problema gravíssimo! Como o bairro de Santiago era afastado do centro cidade e, desde o princípio, foi sempre conotado como sendo um bairro social, no mau sentido, os garotos não se misturavam com os garotos do resto da cidade. Portanto tinham dificuldade em vir para a escola, que era aqui na Glória” (Padre João, Nota de campo nº 1).

Posteriormente, surgiu a necessidade de construir uma escola no BS. De acordo com o Padre João, *“O nascimento de uma escola lá, foi por luta nossa, porque havia um bocado a ideia que o bairro de Santiago era para alojar pessoas, ponto final”* (Nota de campo nº1).

Atualmente, o centro escolar de Santiago é considerado o melhor centro escolar da cidade, do ponto de vista das instalações.

De acordo com os resultados do Diagnóstico Social realizado em 2013 pela CMA, relativamente às habitações sociais pertencentes à CMA (alguns prédios do BS e 4 frações do Bairro Social de Santiago), residem no BS 963 pessoas, das quais 539 são do sexo feminino e 424 do sexo masculino e 403 núcleos familiares. A sua maioria é de nacionalidade portuguesa, apenas 15 residentes são de outras nacionalidades.

Tabela 3- População residente nas Habitações Sociais por Grupos Etários

Distribuição da População residente nas habitações Sociais	
Faixa Etária	Número de Residentes
0-14 Anos	127
15-24 Anos	134
25-64 Anos	505
> 65 Anos	197

FONTE: Câmara Municipal de Aveiro

A população residente nas habitações sociais do BS é jovem. Apenas cerca de 20% da população tem mais de 65 anos, 52% encontra-se na faixa etária entre os 25 e 65 anos, 14% situa-se entre os 15 e os 24 anos e 13% possui menos de 15 anos. Relativamente à situação profissional dos habitantes, constata-se existirem bastantes situações de desemprego, dado que 224 residentes têm emprego, e estão desempregados 234. Nestas habitações residem 191 estudantes e 249 pensionistas.

O BS possui uma grande variedade de serviços, tais como: mercado (Mercado de Santiago), talho, padaria, sapateiro, escola primária, agência bancária, supermercado, centro clínico, lavandaria, biblioteca (Polo de Leitura de Santiago), cafés, restaurantes, entre outros. Algumas valências da IPSS, Florinhas do Vouga encontram-se a funcionar neste espaço residencial, como a Cozinha Social, o Centro de Dia, o Meninarte/Atelier Juvenil, o Centro de Explicações e o Projeto Giros.

Nas imediações do BS temos o Centro de Saúde, Universidade de Aveiro, Centro Hospitalar Baixo Vouga, Hipermercado “Jumbo”, Escola Básica João Afonso de Aveiro, entre outros.

Este espaço habitacional tem boa acessibilidade pedonal, possui uma vasta rede de transportes públicos, estacionamento gratuitos e espaços verdes.

CAPÍTULO 6. Histórias do Bairro de Santiago nas vozes entrecruzadas de pessoas idosas e de crianças: relato e interpretação de um percurso inspirado na IAP

Neste capítulo vamos apresentar o processo de investigação realizado, procurando articular e interpretar os diferentes momentos e resultados com o enquadramento teórico e com os objetivos que norteiam esta investigação.²

6.1. O processo de investigação: faseamento

O nosso projeto com as pessoas idosas e com as crianças, participantes da investigação, foi sucedendo ao longo de 21 sessões (ver anexo 1), que entendemos poderem ser agregadas em cinco momentos distintos, de acordo com o quadro 3.

² Torna-se necessário referir desde já que a investigação não teve um percurso contínuo, tendo havido uma interrupção por motivos de ordem pessoal e profissional da investigadora, que procurou, contudo, manter o contacto com as participantes já contactadas no início da investigação.

Quadro 3 - Esquematização dos momentos da investigação

Momentos	Atividades
1º Momento: Entrada no terreno com as pessoas idosas	Conversas com os informadores privilegiados Entrevistas exploratórias a pessoas idosas (Sessões 1 a 7)
2º Momento: Viver no Bairro de Santiago para as Idosas - o passado e o presente.	Focus Group (Sessões 8 a 11)
3º Momento: Conhecer as crianças	Encontro imprevisível com a criança Apresentação através de um jogo dinâmico (Sessão 12)
4º Momento: Ser criança no bairro - perspectiva a considerar	Conversas informais com as crianças Trabalhos com recursos expressivos (Sessão 13 a 15)
5º Momento: Vozes de idosas e de crianças em diálogo...	Focus Group (Sessões 16 a 17)

No **primeiro momento**, realizaram-se três encontros com informadores privilegiados e as entrevistas exploratórias. Os encontros com os informadores privilegiados foram marcados de acordo com a disponibilidade de cada um.

As quatro entrevistas exploratórias foram realizadas nas instalações do Meninarte, à sexta-feira, às 14 horas.

O primeiro e o segundo momento decorreram entre o dia 8 de outubro de 2014 e o dia 5 de dezembro de 2014.

O segundo momento, que designámos de **Viver no Bairro de Santiago para as Idosas - o passado e o presente**, foi constituído por quatro encontros³, marcados de acordo com a disponibilidade das pessoas idosas, tendo sempre em atenção as atividades agendadas pelo Meninarte/Atelier Juvenil. Apesar da interrupção do projeto, as participantes revelaram-se motivadas e muito disponíveis para participar. As sessões foram realizadas sempre no período da tarde, dentro das instalações do Meninarte/Atelier Juvenil.

Em cada sessão foi abordado um tema diferente, conforme a seguinte tabela, proporcionando momentos de discussão de ideias, confronto de pensamentos, partilha de experiências e aquisição de novos conhecimentos.

Tabela 4- Os encontros com as Pessoas Idosas

Data do Encontro	Participantes	Atividade
26/11/2015 Nota de campo nº:9	D. Amélia D. Joana D. Lili Caneças D. Rosa	- Conversa sobre o início de vida no Bairro de Santiago.
10/12/2015 Nota de campo nº:10	D. Amélia D. Joana D. Lili Caneças D. Rosa	Conversa sobre: - Como vêm o Bairro de Santiago. -Aspetos positivos e negativos do bairro.
07/01/2016 Nota de campo nº:12	D. Amélia D. Joana D. Lili Caneças D. Rosa	Conversa sobre: -Histórias do Bairro de Santiago
28/01/2016 Nota de campo nº:13	D. Amélia D. Joana D. Lili Caneças D. Rosa	Conversa sobre: - Papel – Ser Avó; -Infraestruturas existentes no bairro para as crianças; -Importância das crianças no bairro.

³ Entre a entrada no terreno e este 2º momento decorreram alguns meses, mas a investigadora nunca deixou de ter a preocupação em manter o contacto com as participantes, o que acontecia frequentemente.

O **terceiro momento** está relacionado com o processo de conhecimento do grupo de crianças residentes no BS e a entrada no terreno com este grupo. Após várias deslocações ao Polo de Leitura de Santiago, para tentar encontrar crianças e jovens para integrarem no projeto, no dia 20 de abril realizou-se o primeiro encontro.

O **quarto momento** foi marcado pelo tema **Ser criança no bairro - perspectiva a considerar**. Foram realizadas 3 sessões, sempre no mesmo dia da semana, quarta-feira, à mesma hora, às 17horas. Os encontros foram realizados no Polo de Leitura de Santiago, um espaço dentro do bairro, perto dos seus locais de residência e bastante agradável e calmo. A cedência deste local para a realização das sessões foi devidamente autorizada pela Câmara Municipal de Aveiro.

Os temas abordados, bem como as atividades realizadas constam na seguinte tabela.

Tabela 5 - Os encontros com as Crianças

Data da sessão	Participantes	Atividade
27/04/2016 Nota de campo nº17	Tiagogamer2 Davidcanhão Tavares	Responder a 3 questões através de desenhos. -O que gosto no bairro? -O que não gosto no bairro? -O que gostaria de ter no bairro? -Apresentação dos desenhos em grande grupo.
11/05/2016 Nota de campo nº18	Tiagogamer2 Davidcanhão Tavares	Histórias do Bairro de Santiago - Escrever uma história que tivesse acontecido no bairro ou que ouviam contar sobre o bairro ou imaginar uma história vivida no bairro. - Contar a história ao grupo.
18/05/2016 Nota de campo nº19	Tiagogamer2 Davidcanhão Tavares	Papel da pessoa idosa no bairro e na sociedade. - A atividade consistia: existiam 7 imagens diferentes referentes a pessoa idosas em diferentes contextos divididas em pedaços que encaixaram umas nas outras. A cada elemento foi dado uma peça do puzzle e em grupo organizaram o puzzle. De seguida colaram em cartolinas e escreveram pequenas mensagens relacionadas com as imagens.

O **quinto momento** ficou assinalado pelo encontro das pessoas idosas com as crianças. Foram realizados dois encontros intergeracionais que ocorreram no Polo de Leitura de Santiago. No primeiro encontro as pessoas idosas contaram histórias do bairro às crianças (nota de campo nº 20) e no segundo discutiram-se as problemáticas do bairro, aspetos positivos, negativos e a melhorar (nota de campo nº 21) da qual resultou uma carta para ser entregue ao Sr. Presidente da União de Freguesias da Glória e Vera - Cruz.

6.2. As pessoas idosas, as crianças e o bairro: Relato interpretativo do processo de investigação

6.2.1. Entrada no terreno com as pessoas idosas e com as crianças

A entrada no terreno permite que o investigador entre em contacto com os participantes nos seus contextos de vida quotidiana, possibilitando estabelecer relações de confiança recíprocas, fundamentais em processo de investigação participativa.

As pessoas idosas

Esta fase teve início quando a investigadora se dirigiu ao BS, mais propriamente ao Meninarte /Atelier Juvenil e contactou a responsável pelas atividades direcionadas para as pessoas idosas, de modo a explicar os objetivos e motivos do trabalho de investigação, disponibilizando-se para esclarecer qualquer dúvida sobre o mesmo. Todavia, a coordenadora demonstrou-se, desde o primeiro momento muito recetiva e apresentou de imediato, a investigadora aos idosos presentes.

Nesse primeiro contacto, estabeleceu-se uma relação de empatia entre a investigadora e algumas das pessoas idosas, o que facilitou todo o trabalho posterior. Uma semana depois, a investigadora voltou para fazer uma visita, conversar com o grupo e explicar os objetivos da investigação, o que acabou por possibilitar uma maior confiança e abertura entre as pessoas idosas e a investigadora. Este encontro foi importante, porque tanto a coordenadora como as pessoas idosas demonstraram vontade, disponibilidade e uma certa expectativa em acolher este projeto. Por fim, a calendarização das sessões foram negociadas entre a investigadora e os participantes.

Quando o projeto foi retomado, a atitude das participantes perante a investigadora e o projeto manteve-se recetiva como aquando do primeiro contacto.

Antes da entrada no terreno com as pessoas idosas, aconteceram encontros informais com diversos informadores privilegiados com o objetivo de obter conhecimentos sobre o contexto em estudo, nomeadamente, a história da construção do BS, o perfil sócio demográfico deste e a linha temporal da intervenção social. Assim, as conversas informais com o anterior prior da Paróquia a Nossa Senhora da Glória e atual Presidente da Direção da Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) onde se integra um dos contextos de base a esta investigação (resposta social polivalente inserida no Centro Comunitário), a assistente social da União das Freguesias Glória e Vera – Cruz e com uma estagiária da IPSS atrás referida, serviram de ponto de partida para um aprofundamento de conhecimentos para iniciar a investigação.

Os momentos de conversa facultaram importantes elementos e informações para conhecer melhor o território em estudo e assim chegar a um conhecimento mais organizado.

Ainda neste momento, surgiram os primeiros contactos com o Meninarte/Atelier Juvenil e com as pessoas idosas presentes, residentes no bairro. Numa primeira fase foram recolhidas informações sobre o funcionamento desta resposta social e

foram apresentados os objetivos do projeto de investigação e explicado às pessoas idosas, que a sua participação seria voluntária e que poderiam desistir a qualquer momento. Porém, foi explicado que ao longo do projeto seriam parte ativa no processo e não apenas objeto passivo de investigação. Quatro das senhoras presentes (D. Rosa, D. Amélia, D. Joana e D. Lili Caneças) concordaram em participar neste projeto, tendo assinado o termo de consentimento informado (Anexo 3).

O primeiro contacto com os primeiros participantes ocorreu nas entrevistas exploratórias, onde se verificou uma alteração na relação do investigador para com o entrevistado, ou seja, a entrevista permitiu estabelecer uma relação de confiança, que possibilitou a criação de uma certa familiaridade com o grupo em estudo. Não se pretendeu criar intimidade com o participante, mas um ambiente de tranquilidade, de confiança onde este pudesse ocupar o papel principal. O investigador evitou condicionar as respostas pelas perguntas, concedendo momentos livres de discurso.

As entrevistas exploratórias foram iniciadas a partir de uma conversa individual com cada pessoa idosa, sobre o seu percurso de vida no bairro, que conduziram as entrevistadas a abordar aspetos ligados à sua história pessoal. Perante isto, a investigadora foi estimulando as entrevistadas no sentido de aprofundar assuntos relacionados com as suas vivências no bairro, como por exemplo o local onde residiam antes de irem para o bairro; o motivo da mudança; o primeiro dia; adaptação; o que existia no bairro aquando a sua chegada. O objetivo destas entrevistas foi não apenas que a pessoa idosa conversasse sobre estes assuntos de forma espontânea, trazendo-nos informações relevantes, mas também promover o conhecimento mútuo entre a investigadora e as participantes, assim contribuindo para o envolvimento de todas no projeto de investigação.

As crianças e os adultos implicados

A entrada no terreno, para constituir um grupo de investigação com crianças residentes no BS teve início do mês de fevereiro. Tendo em consideração a estação do ano, a proximidade do Carnaval, a escassez de espaços públicos infantis no bairro e a inexistência de hábitos em frequentar o Polo de Leitura foi difícil encontrar crianças no bairro. A investigadora deslocou-se, por várias vezes ao Polo de Leitura, passeou pelas ruas do bairro, visitou os campos de futebol existentes nas imediações e não encontrava nenhuma criança ou se encontrava não queriam participar no projeto.

No início do mês de abril, encontrámos numa rua do bairro uma criança que tinha participado numa atividade “Libertar o parque devolvê-lo à comunidade” integrada nas atividades académicas do mestrado⁴ e conversámos sobre a possibilidade desta criança participar no projeto. O Tiagogamer2 (nome que mais tarde escolheu no âmbito deste projeto) mostrou-se disponível e ofereceu-se para encontrar mais colegas para participarem. De seguida, contactámos telefonicamente com a mãe e explicámos o conteúdo do trabalho e os objetivos do mesmo. Combinou-se o local onde se iriam realizar as sessões, o dia da semana e a hora, bem como a data de início. Como esta encarregada de educação conhecia os pais das outras crianças, ofereceu-se também para os contactar e explicar a finalidade do projeto aos outros pais.

Para a realização das sessões com as crianças foi necessário a autorização dos encarregados de educação (anexo 7) e posteriormente o certificado de participação (anexo 9).

⁴ Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária, na unidade curricular Infância, Educação e Intervenção Comunitária.

Para serem utilizadas as instalações do Polo de Leitura de Santiago, para a realização do projeto, foi enviado um email dirigido ao Vereador da Cultura da Câmara Municipal de Aveiro a solicitar a autorização. Este pedido foi deferido. A responsável por este espaço demonstrou-se muito disponível em apoiar naquilo que fosse necessário, disponibilizando gratuitamente diversos materiais, como cartolinas, lápis de cor, colas, marcadores, entre outros. Quando a investigação terminou, a investigadora enviou um email de agradecimento.

No início da investigação, criou-se um clima de aproximação e abertura progressivas, permitindo o estabelecimento de relações de confiança mútua.

Tendo em consideração que a Sociologia de Infância considera as crianças como atores sociais, esta investigação pretendeu investigar a experiência de vida das crianças no BS, partindo das suas próprias experiências e opiniões.

Posto isto, o primeiro contacto com o grupo de crianças residentes no bairro ocorreu no Polo de Leitura de Santiago e teve início com um jogo de apresentação, onde a investigadora também participou, para que o processo de conhecimento fosse recíproco.

De seguida, a investigadora explicou às crianças os objetivos da investigação e as atividades que poderiam ser desenvolvidas. Também esclareceu que a participação no projeto era voluntária e que poderiam recusar a qualquer momento. Foi então assinado o termo de consentimento informado pelas crianças (anexo 8). O diálogo estabelecido no primeiro contacto permitiu transformar um ambiente de alguma desconfiança, timidez e embaraço numa relação tranquila, de confiança, e de amizade, construída nas sessões seguintes.

No decorrer das sessões a investigadora tentou ir ao encontro dos interesses das crianças, nunca esquecendo os objetivos da sua investigação. No sentido de as cativar e criar um clima de surpresa, no fim de cada sessão existia sempre um pequeno presente.

No início da investigação, ficou acordado que seriam salvaguardados o anonimato e a confidencialidade dos participantes, pelo que as crianças escolheram nomes fictícios para figurarem na redação final do projeto.

6.2.2. O dia que nunca vou esquecer: as pessoas idosas e o processo de realojamento

A construção do BS surgiu face à escassez de habitações na cidade de Aveiro para realojar pessoas que viviam em condições muito precárias e de pobreza extrema.

“O projeto consistia em criar uma Cidade Satélite, uma nova cidade que começava no Eucalipto e terminava junto à Cadeia, para realojamento de pessoas desempregadas, com empregos precários, com problemas com drogas, entre outros problemas sociais” (Padre João).

As entrevistas exploratórias realizadas ao grupo de pessoas idosas incidiram sobretudo para recordar: de que forma foram realojadas no novo bairro, as relações de vizinhança, os momentos do primeiro dia no bairro, os problemas pessoais vividos, condições e serviços que existiam o bairro.

O processo de realojamento das famílias mal alojadas, que viviam em “barracas”, “becos” ou “ilhas”, teve como finalidade proporcionar melhores condições de vida e de bem-estar às pessoas. E as participantes assinalaram de forma clara as condições precárias em que viviam anteriormente:

“Porque a casa não tinha condições, e chovia lá muito em casa, e não tinha uma casa de banho, a casa de banho, a gente tinha de vir à rua (...), porque a casa de banho ficava cá fora. E a gente para tomar banho, tomávamos banho numa bacia, aquecíamos a água ao fogão. E maneira que ó depois eu comecei a concorrer para aqui assim depois lá a muito custo lá me arranjam aqui a casa. Já estou aqui há 22 anos” (D. Lili Caneças).

“Porque a minha casa não tinha condições para eu ter os meus filhos. (...) Não tinha luz, era a petróleo, a candeeiro de petróleo, num tinha... A água do poço era imprópria” (D. Amélia).

“Sim, eu morava num pátio (...) Vinha o inverno e eu tapava o telhado todo com pedras, mas depois de um dia para outro vinha assim uma rabanada de vento e um dia de calor partia o casco todo e caía em cima de mim e dos meus filhos” (D. Rosa).

“Arranjei aqui este comércio. (...) Era uma tasquinha que havia ali de comes e bebes. (...) Já estava aberto e eu fiquei com o trespasse da loja. Aquilo era pequenino, não tinha condições nenhuma” (D. Joana).

O realojamento não é apenas facultar casas, consiste numa ação social num âmbito mais abrangente que a simples atribuição e distribuição de casas.

“Na paróquia houve necessidade de formar um grupo grande de paroquianos que tinha a responsabilidade de fazer o acolhimento aos novos residentes. Esta equipa apresentava-se, dava a conhecer o bairro e fazia visitas às novas famílias alojadas com o pároco da paróquia que era o padre João. (...) As Florinhas do Vouga teve um papel muito importante para o bem-estar do bairro, pois abriram gabinetes sociais, com psicólogas, assistentes sociais que andavam na rua, conheciam as pessoas todas” (Padre João, Nota de campo nº 1).

Em contexto de Bairro, e no caso concreto do BS, porque é neste contexto que se insere o grupo participante deste estudo, as intervenientes recordam o dia em que mudaram de casa. É necessário não esquecer que mudar de casa implica uma reorganização do quotidiano e de um conjunto de práticas ligadas ao meio residencial, nomeadamente, relações de vizinhança, transportes, locais de compras e serviços disponíveis.

Relatos que ficaram na memória do primeiro dia no Bairro de Santiago:

“A 6 de dezembro de 90”. (...) Senti-me feliz. Porque dei aos meus filhos uma televisão, dei-lhe aquilo que podia, o melhor que eu tinha para eles. Podiam tomar banho nas banheiras. Até o esquentador me deram” (D. Amélia).

“Recordo-me desse dia, 8 dias antes de nascer o meu neto, viemos aqui passar um domingo, passámos aqui a tarde a experimentar as máquinas, o fogão e assim e eu estava a fazer uns bolos para inaugurarmos aquilo e faltou a luz, tivemos que estar a bater os bolos com uma colher de pau, para conseguirmos fazê-los, porque o fogão era a gás. Faltou a luz e nessa noite, nasceu a minha neta. Ficou marcado” (D. Joana).

“Ai, lembro-me perfeitamente, quer se dizer demorei uma semana para sair de casa. Eu sei, porque deram-me a chave deste apartamento aqui no dia 29 de maio, o meu filho fazia anos no dia 30 de maio que era um sábado. E ele disse “Oh, mãe, foi a melhor prenda que me podiam ter dado”. Coitado sempre em casas velhas. Embora eu desse tudo aquilo que podia, mas não tinha um quarto só para ele, aqui também não tinha, depois teve, quando o meu pai saiu da minha casa teve um quarto só para ele, mas o que eu ia a dizer, pronto mas não tinha onde brincar, era o pátio que estava sempre húmido vinham cá para fora se não estava tinham de estar dentro de casa” (D. Rosa).

Em contextos urbanos, as relações de vizinhança limitam-se, por vezes, aos indivíduos residentes no prédio ou no mesmo andar. A ida para um novo espaço habitacional, por vezes, pode causar fragilidades provocando o isolamento social e urbano. Quando este bairro em particular, começou a ser habitado, surgiram alguns problemas sociais, devido ao modo como distribuíram os novos residentes, sem previamente serem consultados, pelos fogos habitacionais, criando sentimentos de insegurança, desconfiança e de ansiedade entre os moradores.

“Foi aí também que não aceitavam bem, mas era o que dizia o Presidente da Câmara e a Vereadora, temos de fazer assim para conjugar as pessoas para elas se habituarem a conviver umas com as outras. Senão continuava sempre na mesma. Temos de nos habituar. Vá a senhora viver com ele, para ver se entende, vá! Habitada a estar no meu cantinho, sem problemas, vem uma pessoa dessas, tenho de me revoltar. Quero passar não consigo, porque me sujam isto, sujam aquilo, está a roupa a secar mandam água para cima da roupa, mandam tudo, a pessoa. Há pessoas que não têm educação, né e então aquilo pegava logo fogo” (D. Joana).

“(...) porque não havia dia nenhum que não houvesse desordem, não se entendiam. Muitas pessoas habituadas a ter uma casa grande, fazerem o que queriam, vêm para o apartamento é diferente, não é. Não têm espaço, têm de ter o espaço deles e aceitar o espaço dos outros, né. Quando a gente vem e está habituada a por para ali um balde de água, um saco do lixo para ali, uma garrafa para aquele lado, arranjam-se problemas e então eram esses problemas que existiam e depois andavam à porrada uns com os outros, andava aí sempre a polícia. Era raro o dia que não viesse a polícia (...)” (D. Joana).

“Havia assim confusão, mas eu não me metia assim nessas confusões. Não ligava” (D. Lili Caneças).

“O padre João referenciou que houve uma onda de assaltos a alunos universitários nas caixas multibanco, mas lembra que providenciou uma reunião com a PSP, GNR, Segurança Social, Unidade de Saúde para se tentar encontrar uma solução e esse problema foi ultrapassado” (Investigadora, Nota de campo nº 1).

Relativamente aos dias de hoje, a opinião mudou, afirmando que o clima está mais calmo.

“É o que eu já disse. Já foi bom, já foi mau, já foi péssimo e agora está outra vez a equilibrar. Bom dia, boa tarde, boa noite. Até amanhã se Deus quiser. Até logo. Cada um nas suas casas e acabou-se” (D. Amélia).

“Quer se dizer, melhorou em ambiente as pessoas conviverem, melhorou muito (...)” (D. Joana).

“Tá, tá tudo mais calmo aqui o bairro. Tá muito bom o bairro” (D. Lili Caneças).

O que existia no Bairro antes....

“Existia montes de terra, do lado, foi onde eu pus umas cordas onde eu estendi a roupa. Mas depois começaram a tirar aquilo, cavar tudo para fazer estradas e para tudo, para por árvores e tudo” (D. Amélia).

“Só havia aqui um talho em cima. Era o Talho Pedro” (D. Amélia).

“Não, não havia nada. Abriu depois aqui esta pastelaria, agora e depois abriu lá em baixo a “Fonte” que era o minimercado e depois abriu uma ourivesaria que já fechou, depois abriu uma ourivesaria e depois iam abrindo e iam fechando. Depois abriu ali o Pita depois o Beira-Mar, mas depois iam fechando, porque não aguentavam” (D. Joana).

Atualmente, existe no bairro...

“O mercado de Santiago já foi construído depois da gente aqui. O mercado de Santiago tem treze anos” (D. Amélia).

“(...) A pastelaria aí, dois cafezinhos aí também, em frente à pastelaria também já estão a uns anitos. Aqui o Pita às vezes fecha, agora até se está a aguentar, também está a funcionar. Esta aqui que era a pastelaria está a trabalhar mas não é para venda ao público, a fazer sobremesas para os hipermercados, para as lojas e para os restaurantes, já está embalado e tudo, fabrica e entrega, mas não vende ao público. De resto casas fechadas aí é só a ourivesaria é uma lojita que

havia aqui ao lado do salão de jogos e este café. Mas o resto as lojas estão a funcionar” (D. Joana).

“As pessoas também têm ali um talho. O talho já está há muitos anos. Tem a Fonte, que agora não é Fonte. Este já está desde que eu abri, o minimercado” (D. Joana).

“Agora acho que é Cesto, era a Fonte. Agora acho que é o Cesto ao pé do talho. Ao lado do talho. Tem também aqui muitas lojas das florinhas, aquelas partes lá por baixo estão alugadas também para fazer aquelas associações que dão aulas para os idosos. Tem uma também que é da luta contra o cancro, lá mais para baixo. São coisas que não estão abertas ao público. Têm trabalhos, mas não estão abertas ao público. Mas é a Rua de Espinho que era a Rua principal, quando eles fizeram, que era a rua do comércio” (D. Joana).

“Depois construíram a outra parte que é virada, esta e a outra e depois construíram a Chave. Já foi tudo depois de nós estarmos aqui, que foi construído. A primeira parte foi aquela, depois foi este, daqui e a de lá, depois foi a Chave quase ao mesmo tempo que aquele e depois foi o fecho do bairro, foi agora ali aquela zona que agora eu estou, que é a Vila Jovem que é o fecho do bairro” (D. Joana).

O espaço envolvente ao espaço residencial em estudo sofreu um crescimento urbano de tal forma que hoje, o bairro se encontra integrado na cidade e este facto é referido pelas moradoras.

“Mas a gente aqui nunca faltou com nada. Temos tudo. Temos tudo aqui à mão. Não precisamos de ir lá baixo à cidade, elas até dizem “Vou à Aveiro”, mas eu não considero que estou fora da cidade. E não é que nos falta nada, nos temos aqui bancos, temos tudo. Temos tudo aqui” (D. Lili Caneças).

Aos poucos, o bairro foi crescendo, vendo-se rodeado de novas construções, novos espaços comerciais e de acesso. A paisagem deste local foi alterada devido às novas construções, mas também pela nova ocupação social. Quando vieram para o bairro, a zona envolvente era pouco ou muito pouco valorizada, neste momento é uma zona que sobrevalorizou-se devido às intervenções urbanísticas existentes nos últimos anos.

6.2.3. Viver no bairro hoje:

Aspetos positivos, negativos e a melhorar

O BS não é um bairro de construção recente, verificando-se em alguns locais problemas construtivos recorrentes e atos de vandalismo ao nível de espaços públicos e jardins.

As perspetivas das pessoas idosas

“Estas residentes afirmam que foram os novos moradores que destruíram tudo, pois não tinham regras de civismo, no entanto no princípio ainda existiu um guarda para não deixar destruir o parque, mas este teve de ir embora devido a ameaças físicas dos moradores” (Investigadora, Nota de campo nº 10).

Contudo, as moradoras do bairro, protagonistas desta investigação afirmam orgulhosamente que gostam de viver no Bairro.

“A investigadora perguntou: “Gostam de viver no bairro?” E responderam todas ao mesmo tempo, demonstrando o seu orgulho: Gostamos!” (Nota de Campo nº 10).

Neste bairro residencial existem vários agentes com quem as participantes se relacionam no seu quotidiano, desde a família, os amigos, os vizinhos, os conhecidos, o Meninarte, as Florinhas do Vouga com quem interagem nos momentos de lazer ou em situações normais da vida.

O trabalho de investigação possibilitou compreender que está bem presente um sentimento de pertença em relação ao local onde residem, sentindo o bairro como fazendo parte das suas vidas. Quando um morador conhece o nome das ruas, reconhece os vizinhos, cumprimenta as pessoas que encontra, sente-se em casa, ficando com a sensação que domina aquele espaço como a sua própria casa. O bairro é um lugar de vivência dos seus moradores.

“Esta residente diz com orgulho sobre o bairro “Pertence-me um bocadinho!” (Nota de campo nº 21).

Inicialmente, surgiram muitos problemas de convivencialidade, causando muitos conflitos entre os vizinhos, criando um ambiente de insegurança e medo entre a vizinhança.

“E no início? -pergunta a investigadora. A D. Joana responde logo “Não era tão bom!” A D. Joana refere, pensativa, que as pessoas tiveram dificuldade em se relacionarem umas com as outras, as pessoas sentiam medo. Esta moradora recorda que existiam pessoas conflituosas que não se relacionavam com ninguém. A D. Maria tem uma opinião contrária à da D. Joana, porque como trabalhava num local fora do bairro, saía de manhã cedo e regressava ao fim do dia, nunca se apercebeu de alguns conflitos existentes entre os moradores. A D. Joana como tinha um estabelecimento aberto no bairro de Santiago conhecia quase todos os moradores e sabiam quais eram os residentes conflituosos. A D. Joana conta que os habitantes do bairro sentiam-se constrangidos em conviver com os vizinhos, pois não sabiam como estes iriam reagir, tinham comportamentos muito imprevisíveis. Esta reforça que foi muito difícil os moradores habituarem-se uns aos outros” (Nota de Campo nº 10).

“A D. Joana lembra que todos os inquilinos do bairro, quando estavam no seu estabelecimento comercial, nunca faltaram ao respeito ao seu marido ou aos funcionários. E afirma que ainda hoje, há pessoas que a cumprimentam na rua que não as conhece. A D. Joana relembra com orgulho: “Respeitava-se meninos pequeninos, grandes, idosos, tudo, respeita-se ali toda a gente. Não havia faltas de respeito nem palavrões. Custou muito!” A proprietária do estabelecimento conta que quando vieram para o bairro a família dos “XXXX” causarem muitos conflitos, porque eram muito briguentos, desordeiros, provocadores e conflituosos, mas acabaram por ir para outro bairro” (Nota de campo nº 10).

Ao longo do tempo, os residentes foram modificando os seus hábitos e costumes, conhecendo-se uns aos outros, criando novas sociabilidades, depois do convívio forçado a que foram obrigados aquando do processo de realojamento.

As moradoras consideram como aspetos positivos, o facto da Urbanização de Santiago disponibilizar de muitos serviços, não precisando de se deslocarem para outros pontos da cidade.

“A D. Lili afirma, que neste momento, o bairro tem o essencial dizendo “...temos a praça do peixe, temos a praça de hortaliça, temos os cafés para tomar um cafezinho, temos pastelarias, temos tudo”. A D. Joana intervém e diz que existe uma escola, um infantário e uma Clínica de Saúde. A D. Lili e a D. Joana partilham da seguinte opinião, o bairro está bem situado, não necessitam de se deslocarem para longe para poder usufruir de determinados serviços de saúde, porque estes existem no bairro.” Faço tudo a pé” assegura a D. Joana. A D. Rosa interrompe e diz “ A 2 minutos da minha casa tenho o Centro de Saúde, os Bombeiros, três paragens de autocarro”. A D. Joana, a D. Lili Caneças afirmam que todos os dias têm pão fresco nas pastelarias existentes no bairro” (Nota de campo nº 10).

Com efeito, como atrás identificámos, na zona habitacional da Urbanização de Santiago existe: Mercado de Santiago, onde existe peixaria, talho, padaria, venda de legumes e frutas; Escola Básica de Santiago com Pré-escola; Infantário; Clínica de Saúde; Agência Bancária; Pastelarias; Sapateiro; Lavandaria e um Minimercado. Nas imediações existe: o Centro de Saúde; os Bombeiros; o Centro Comercial “Glicínias” onde existe um hipermercado; o Centro Hospitalar Baixo Vouga; a Universidade de Aveiro e Escola Básica João Afonso de Aveiro.

O espaço residencial também possui aspetos negativos, tais como: ruas e passeios sujos, com dejetos de animais e degradados devido às longas raízes das árvores; escassa luminosidade no período noturno porque os candeeiros encontram-se cobertos com as grandes copas das árvores; campos de futebol destruídos e jardins deteriorados.

“ Mais uma vez as residentes estão de acordo, quando afirmam que gostavam de ver os passeios e estradas arranjadas, pois existem muitos “buracos”, as árvores precisavam de ser cortadas, as raízes destas estragam os passeios, levantando as pedras da calçada. Deste modo são da opinião que as raízes das árvores têm de ser cortadas” (Nota de campo nº 10).

“Relativamente aos aspetos negativos a D. Amélia acha que o bairro deveria ter um parque Infantil, porque existem muitas crianças no bairro. A D. Rosa intromete-se dizendo “ Atão, mas havia lá um parque, as pessoas é que espatifaram tudo, é que partiram tudo” (Nota de Campo nº 10).

Outro ponto em que as participantes concordam, apontando como negativo, é a falta de atividades culturais dirigidas a toda a população e às pessoas idosas em particular.

“O grupo das moradoras sente necessidade da existência de atividades dirigidas às pessoas idosas. Afirmam que já existiram atividades que eram promovidas pela Junta de Freguesia em parceria com a Câmara Municipal de Aveiro, mas neste momento não existe nada. Antigamente, comemorava-se o Dia do Vizinho, o São Martinho, os Santos Populares, e existia a Semana do lazer, que consistia numa semana de passeios, mas tudo acabou, por diversos motivos, mas salientam a falta de adesão das pessoas do bairro pela falta de divulgação da Câmara Municipal de Aveiro” (Nota de Campo nº 10).

As perspetivas das crianças

As crianças, tal como as pessoas idosas, também refletiram sobre as seguintes questões: “O que não gosto no bairro de Santiago?”; “O que mais gosto no bairro de Santiago?” e “O que gostaria de ter no bairro?”

Tendo em conta estas questões, as crianças responderam através de desenhos.

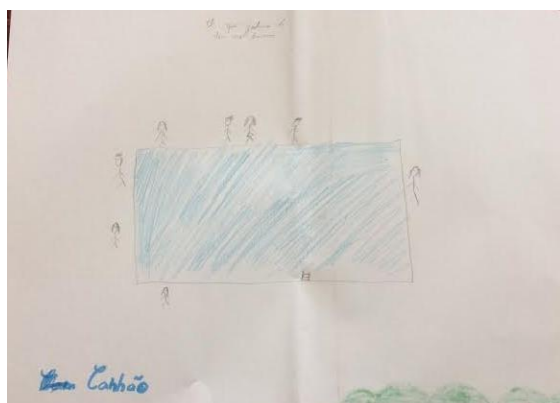
Nenhum desenho foi igual, desenharam animais e pessoas mas disposto de forma diferente. Estes desenhos apresentavam a mesma ideia relativamente ao primeiro ponto, passeios sujos com dejetos de animais e pessoas embriagadas a passear pelas ruas do bairro.

Relativamente à segunda questão, todos referiram que gostam do convívio, dos acessos e dos campos de futebol.



Figura 7 - Desenhos das crianças sobre “O que não gosto no bairro de Santiago?” e “ O que mais gosto no bairro de Santiago?”

No que concerne à última questão, estas crianças gostavam que existisse no bairro uma piscina, um parque infantil, espaços verdes, campo de ténis e de basquete e locais de convívio.



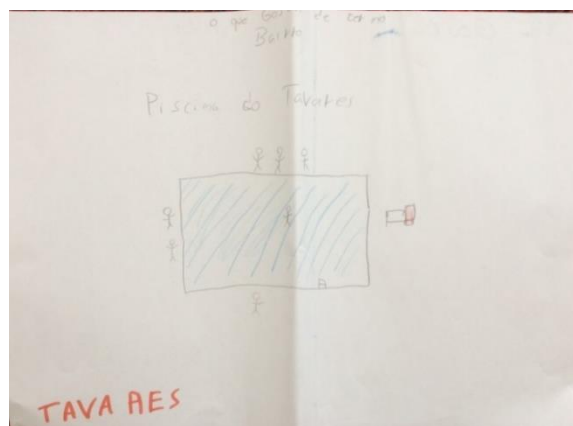


Figura 8 - Desenhos das crianças sobre “O que gostaria de ter no bairro?”

Em grande grupo as crianças apresentaram os seus desenhos explicando o que desenharam. “OTiagogamer2 afirma: “Não gosto de ver as pessoas a beber e a fumar e também de pessoas que andam à porrada. E das pessoas que vêm o cão a fazer as necessidades e depois não apanham e por o lixo no chão. Gosto do convívio com as outras pessoas e gosto de ver as pessoas a serem educadas. Gostava de ter no bairro uma piscina, um parque, um shopping, um campo de ténis, um campo de basquete e depois um sítio para conviver.” O Davidcanhão diz: “O que eu não gosto é dos cães a fazerem as suas necessidades, as pessoas a deitarem o lixo para o chão. O que eu gosto é do Macdonalds e o que gostava de ter aqui no bairro era uma piscina.” O Tavares expõe: “O que não gosto no bairro é de pessoas drogadas. O que gosto no bairro é do campo de futebol e o que eu gostava de ter no bairro era uma piscina” (Nota de campo nº 17).

6.2.4. O lugar em que vivemos guarda muitas histórias: histórias do bairro

Contar a história de uma pessoa ou de um grupo de pessoas significa contar a sua história em determinado contexto de um bairro, de uma cidade ou de um país. Muitas histórias de um determinado local surgem através de histórias de pessoas. Não podemos esquecer que as cidades são compostas por pessoas e que são elas que fazem a história de um lugar.

Descobrir as histórias de um bairro através das pessoas e crianças que lá vivem implica cativar, criar empatia e sobretudo, saber ouvir.

Quando estamos perante o relato de uma história o investigador não pode descurar que a pessoa que relata é o protagonista da mesma.

As histórias das pessoas idosas

As moradoras, nossas co-investigadoras, recordam-se de pequenas histórias como as seguintes:

“A D. Maria, muito perspicaz, interrompe a D. Joana e conta que vive no bairro há vinte e nove anos e afirma: “Isto era tudo terras de cultivo!” e afirma a D. Joana: “Isto era o que abastecia o mercado lá em baixo, em legumes, em verduras, em tudo, era esta zona aqui!” As residentes do bairro contam que o bairro de Santiago estava rodeado de terras de cultivo, quando estas foram viver para lá, só mais tarde surgiu a Vila Jovem, Cooperativa Chave, uma parte da Universidade de Aveiro e o Mercado de Santiago. Uma parte do terreno ocupado pela Universidade de Aveiro também era terras de cultivo” (Nota de campo nº 12).

“A D. Joana conta que durante a construção do bairro fizeram um jardim com um parque desportivo e os moradores organizaram com o patrocínio da Câmara Municipal de Aveiro um Clube de Hóquei em patins masculino formado por jovens do bairro. Os treinos eram realizados no campo desportivo existente no bairro e os jogos eram realizados noutros locais, havendo todos os fins de semana competições. Os jogos de Hóquei em patins possibilitaram muito convívio entre os moradores, pois as famílias e moradores deslocavam-se para irem ver os jogos. Na década de 90, a rua de Espinho tinha muitos estabelecimentos comerciais e estes também patrocinavam este Clube” (Nota de campo nº12).

“Quando era a altura das ameixoeiras rebentarem, parecia as amendoeiras em flor, havia muitas pessoas que vinham de propósito só para ver as árvores floridas. Estas ameixoeiras quando abrem é perfeitamente as amendoeiras em flor!” Afirma com orgulho a D. Joana. “Na altura da primavera, março as árvores estão todas floridas é lindo de ver!” (Nota de campo nº 12).

“Antigamente, na época do Natal as pessoas visitavam a Rua de Espinho do bairro de Santiago para apreciarem as decorações e as iluminações de natal e no início da primavera apareciam para admirarem as ameixoeiras em flor. As decorações e iluminações de natal eram pagas pelos comerciantes. Atualmente nada disto acontece, porque esta rua tem poucos estabelecimentos

comerciais e além disso estes têm medo que destruam tudo, afirma a D. Joana” (Nota de campo nº 12).

“Diz a D. Maria: “Houve um ano que quem ganhou foi a Carminda dos Ovos Moles. Ela tem lá tudo cheio de plantas.” “ E outro ano ganhei eu”, disse a D. Joana. “ Eu tinha um maracujá estava em flor e depois liguei lá em cima na varanda uma parte à outra. E então era a parte de cima com flor e a outra cheia de maracujás. E tinha as varandas cheias de sardinheiras de várias cores. Nesse ano ganhei eu, diz a D. Joana orgulhosa” (Nota de campo nº 12).

Todas estas histórias estavam bem presentes nas suas memórias, no entanto durante a narração surgiram sentimentos controversos. Se, por um lado as participantes manifestavam orgulho, vaidade, alegria por aquilo que já existiu no seu bairro, por outro sentiam tristeza, nostalgia e revolta pelo bairro ter perdido determinadas particularidades importantes para o quotidiano dos seus residentes.

“Diz a D. Joana, com uma certa nostalgia: “Até mesmo as pessoas, nas próprias casas da própria pessoa perdeu o interesse. Antigamente era engraçado! A pessoa tinha brio. Chegava-se ao Natal quem não tivesse uma luzinha na varanda ou em casa” (Nota de campo nº 12).

As histórias das crianças

Em relação às histórias escritas pelas crianças, estas baseavam-se em histórias que ouviram contar por pessoas mais velhas ou amigos, relatando momentos de insegurança no bairro, pessoas embriagadas que passeavam pelas ruas, gestos de solidariedades para com os mais desfavorecidos e atitudes de ajuda com pessoas idosas. Apenas uma criança contou uma história que ele presenciou:

“A pouco tempo vi um sem abrigo sentado nas escadas a chuva com pouca roupa, quando vimos um senhor a aproximar eu parai para ver o que ia acontecer. O senhor esta com muitos sacos nas mãos os sacos tinham comida, roupa, etc. E também deu dinheiro. A outra coisa que já vi foi uma senhora já com idade que tinha dificuldades para andar estava passar na passadeira, mas muito devagar. Mas depois apareci um senhor que ajudou” (Transcrição da história escrita peloTiagogamer2).

6.2.5. Os avós e os netos do bairro

Na nossa sociedade, muitas pessoas idosas são também avós e encaradas, enquanto tal, como provedoras dos cuidados, da educação e dos afetos aos seus netos.

As pessoas idosas que participaram neste estudo têm netos. A D. Amélia tem quatro netas, com idades compreendidas entre os 3 e os 14 anos, mas nenhuma vive no bairro, mas vêm visitá-la com alguma regularidade.

Os netos da D. Joana nasceram e cresceram no BS. Neste momento um tem 22 anos e os outros dois 26 anos.

A D. Lili Caneças tem apenas uma neta com 11 anos que não reside no bairro, mas frequentou o Jardim de Infância no bairro e a Escola Básica 1º Ciclo de Santiago.

A D. Rosa tem quatro netos com idades compreendidas entre os 2 e os 13 anos, mas não vivem no bairro, no entanto os netos vêm visitá-la.

Quando recebem a visita dos netos, as moradoras afirmam que não existe nenhum espaço próprio para os seus netos brincarem, porque apesar do bairro conter muitos espaços verdes, estes encontram-se abandonados e sujos e não existe nenhum parque infantil.

“As moradoras são da opinião que deveria existir um parque infantil no bairro para as crianças poderem brincar, afirmando que existe espaço suficiente para a construção do mesmo. No entanto consideram que o bairro oferece um meio envolvente agradável para fazer um passeio divertido com as crianças. O único parque que existe perto do Bairro de Santiago é o Parque Municipal D. Pedro V, que também não tem muita oferta para as crianças brincarem” (Nota de campo nº13).

Estas participantes, quando questionadas sobre se gostavam de serem avós, manifestaram uma opinião unânime, afirmando que sim e demonstrando o seu orgulho na expressão dos seus rostos.

“Relativamente, à questão “Gostam de ser avós?”, Todas elas responderam com um “Sim! “ (orgulhoso). O encontro terminou com a frase “ Os netos é a melhor coisa do mundo!”” (Nota de campo nº13).

Em relação às crianças residentes no bairro estas moradoras afirmam que as crianças de hoje são educadas e os problemas existentes no bairro por destruição deste, por atos de vandalismos foram da responsabilidade das crianças que hoje são pessoas adultas.

“A D. Lili Caneças e a D. Joana afirmam que as crianças do bairro são simpáticas, comunicativas e bem comportadas. As crianças que destruíram o bairro agora já são adultas. As crianças de hoje, têm outra educação” (Nota de campo nº 13).

Este grupo de residentes gosta de ouvir o barulho das crianças pelas ruas do bairro. Consideram que a existência da Escola no bairro é necessária para dar vida, dinamismo e alegria às pessoas residentes no bairro.

“A D. Joana diz: “Nota-se quando a escola está fechada. Nós sabemos às horas que eles entram, às horas que eles saem, as horas dos intervalos, porque são crianças, ouve-se aquela vida, elas a saírem, aquela alegria! Eles fazem falta!”” (Nota de campo nº 13).

Porém, estas pessoas idosas têm consciência que existem poucas crianças no bairro comparativamente à década anterior.

Relativamente às crianças que participaram neste estudo, estas consideram as pessoas idosas detentoras de muitos conhecimentos provenientes da sua experiência de vida.

“Estas crianças são da opinião que as pessoas idosas são importantes para a sociedade afirmando um deles: “Têm mais conhecimento, porque já viveram mais anos que nós!” Asseguram que as pessoas idosas são uma fonte de conhecimento muito importante, pois têm muito para ensinar” (Nota de Campo nº 19).

Em relação ao grupo de crianças, soubemos que duas crianças têm avós “emprestados” (Tiagogamer2 e Tavares) e só uma criança tem os avós maternos e paternos vivos. *“Todos eles têm avós, convivendo com eles diariamente. Alguns deles*

afirmam ter “avós emprestados”, não são avós de sangue, no entanto convivem mais com estes do que com os avós verdadeiros. Passear, brincar e cozinhar são as principais atividades que fazem com os seus avós. Todos eles demonstraram orgulho pelos seus avós, e tristeza quando recordaram aqueles que faleceram” (Nota de Campo nº 19).

As questões relacionadas com exclusão e isolamento social foram referidas por este grupo de crianças, porque sabem que existem pessoas idosas a viverem no bairro que não saem de casa e não convivem com outras pessoas. Mas também há idosos que saem à rua e que são respeitados e acarinhados pelos moradores do bairro.

“As crianças acham que os idosos do bairro estão muito isolados nas suas casas, passeiam pouco pelas ruas dizendo “Eles estão sempre em casa”. No entanto os poucos que se podem encontrar pelas ruas do bairro são respeitados por todos os residentes do bairro. Senti que estes jovens se sentem preocupados com a solidão e isolamento de alguns idosos residentes no bairro.” (Nota de campo nº 19)

A investigação foi revelando aspetos importantes sobre os saberes das pessoas idosas e das crianças sobre o mundo que as rodeia, em particular sobre o bairro onde residem, saberes esses frequentemente silenciados, nunca escutados, por se partir do pressuposto de que, tanto as pessoas idosas como as crianças são seres “incompetentes” e sem opinião.

6.2.6. Encontros Intergeracionais

Na parte final do projeto foram realizadas sessões de Focus Group com crianças e pessoas idosas, onde estas contaram às crianças histórias antigas que sucederam no BS e refletiram em grupo sobre os aspectos positivos, negativos e a melhorar no bairro. Estes encontros intergeracionais proporcionaram, também, partilhas de saberes, de experiências e aquisição de novos conhecimentos.

Partilhar conhecimentos entre gerações

A primeira sessão foi assinalada por um momento cuja finalidade era partilhar as experiências e as vivências do bairro através da dinâmica contar histórias.

Este encontro proporcionou momentos de convivência e diálogo entre crianças e pessoas idosas que vivem no mesmo bairro, valorizando o papel do idoso pela criança através sua história de vida interpretada pela criança e da aprendizagem que o idoso ofereceu à criança, pela sua sabedoria e experiência de vida.

As crianças tiveram a oportunidade de ouvir episódios e acontecimentos que desconheciam e assim descobrir o passado do local onde residem.

Deste modo, as pessoas idosas começaram por contar como era o bairro antigamente e quais as infraestruturas existentes.

“A D. Joana começou por contar que há muitos anos atrás, os terrenos onde foi construído o Bairro de Santiago eram terras de cultivo de produtos hortícolas que eram vendidos no Mercado Manuel Firmino. Antigamente o bairro de Santiago era conhecido pelos “Comboios Amarelos”” (Nota de campo nº 20).

“A D. Amélia relembra que existia um parque infantil. A D. Joana conta que junto à Escola do 1º Ciclo de Santiago existia um parque com uns montes a imitar os montes de sal e casinhas a imitar as casas típicas da Costa Nova” (Nota de campo nº 20).

De seguida, lembraram os eventos culturais que aconteciam no bairro e que permitiam a participação da população residente de forma a dinamizar este bairro social.

A D. Joana explica que as árvores existentes na rua de Espinho, as ameixoeiras, quando estão em flor, são muito parecidas com as amendoeiras em flor, embelezando muito esta rua. A D. Joana afirma: *“Nós chamávamos que era a rua das amendoeiras, porque em março, nós olhamos e só vimos flor. Era a rua principal do bairro.”* A rua de Espinho tinha muitas lojas de comércio abertas” (Nota de campo nº20).

“A D. Joana recorda que na época natalícia, os comerciantes da rua de Espinho organizavam-se e ornamentavam a rua principal do bairro com motivos natalícios, ficando toda a rua iluminada. Os residentes enfeitavam as suas varandas para participarem no concurso da varanda mais bonita e recebiam prémios, iniciativa promovida pela Câmara Municipal de Aveiro. Há a uns anos a esta parte, esta rua nunca mais foi enfeitada pela altura do Natal” (Nota de campo nº 20).

No seguimento, contam que existiu uma equipa de Hóquei em patins de residentes do bairro e foi uma iniciativa importante para promover o convívio entre os moradores.

“A D. Rosa conta que o seu filho aprendeu a jogar Hóquei em patins num campo que existiu há muitos anos, no bairro.”

“A D. Rosa relembra que o Hóquei em Patins foi um desporto muito importante para promover o convívio entre os residentes do bairro. Existia uma equipa masculina formada por jovens residentes do bairro e os moradores acompanhavam a equipa por todo o país. Recordam que eram tempos de grande convivência e alegria entre os residentes” (Nota de campo nº 20).

“O Tiagogamer2 afirma: “Fiquei a conhecer melhor a história do bairro, são histórias interessantes. Vou contar à minha mãe!” O Tavares disse: “Gostei de ouvir estas histórias! Nunca ninguém me tinha contado!” e o Davidcanhão afirma: “Gostei muito das histórias!” (Nota de campo nº 20).

As crianças ouviram as histórias com muita atenção e afirmaram que desconheciam todas as histórias que tinham ouvido. Durante esta sessão foi visível o seu entusiasmo, admiração e interesse por tudo aquilo que estavam a aprender. No fim, mostraram-se contentes por terem aprendido um pouco mais sobre a história do seu bairro, afirmando que iriam transmitir os conhecimentos adquiridos aos seus familiares e amigos.

Ao longo deste encontro, as moradoras chegaram à conclusão que conheciam as famílias destas crianças e o local onde residiam. O BS é um lugar onde todas as pessoas acabam por se conhecer. As crianças adquiriram um conhecimento mais profundo sobre a origem do seu local de residência, bem como, ficaram a saber quais os eventos que aconteciam no passado.

Pontos divergentes e convergentes

No segundo momento de convívio entre as crianças e as pessoas idosas discutiram-se os aspetos positivos, negativos e a melhorar no bairro, dando voz às opiniões das crianças reconhecendo serem portadoras de saberes da realidade que as envolve. Por outro lado, valorizou-se as experiências das pessoas idosas e concedendo-lhes um lugar privilegiado na construção do futuro da sua comunidade.

Tabela 6 - Aspetos positivos, negativos e a melhorar que reuniram o consenso dos dois grupos

Aspetos Positivos	<ul style="list-style-type: none">- Local agradável para viver;- Boa acessibilidade pedonal e de transportes públicos;- Grande variedade de serviços;- Bom ambiente entre os moradores;
Aspetos Negativos	<ul style="list-style-type: none">- Ruas e passeios sujos com dejetos de animais;- Ruas e passeios degradados devido às longas raízes das árvores;- Falta de luminosidade, porque os candeeiros encontram-se cobertos pelas copas das árvores- Campos de futebol destruídos- Jardins danificados
Aspetos a Melhorar	<ul style="list-style-type: none">- Construir um Parque Infantil;- Reabilitar os espaços verdes já existentes;- Limpar e consertar as ruas e passeios do bairro;- Promover o comércio local;- Criar um programa cultural para proporcionar momentos de convívio entre os moradores;- Recuperar os campos de futebol;- Recuperar e pintar os edifícios pertencentes ao bairro de Santiago;- Podar as árvores.

Esta tabela apresenta os aspetos positivos, negativos e a melhorar no BS propostos pelas pessoas idosas e pelas crianças. Apenas surgiu um ponto divergente, que está relacionado com a segurança. As pessoas idosas sentem-se seguras a andar pelas ruas do bairro, enquanto as crianças sentem medo, receio

em andarem sozinhas pelo bairro, principalmente à noite no inverno que escurece mais cedo.

Este encontro intergeracional acabou por dar origem à ideia de reunir este conjunto de tópicos construídos conjuntamente pelos dois grupos, e escrever uma carta a ser entregue ao Presidente da Junta da União de Freguesias Glória e Vera - Cruz, e por sua vez, a partir daqui, ao Presidente da Câmara de Aveiro. Com esta ação, os grupos poderiam fazer ouvir a sua opinião e dar o seu contributo para uma reflexão por parte do poder político relativamente às mudanças necessárias na comunidade onde estes se encontram inseridos.

Nesta fase final do projeto, pretendeu-se uma reflexão intergeracional sobre alguns aspectos significativos existentes, com o objetivo de se conseguir uma melhoria da qualidade de vida de todas as pessoas que nele habitam.

A investigadora marcou uma reunião com o Presidente da Junta da União de freguesias Glória e Vera-Cruz e foi acompanhada com as pessoas idosas, uma vez que as crianças estavam em atividades letivas nesse dia a essa hora. A investigadora explicou o objetivo do projeto e as pessoas idosas entregaram-lhe a carta. O Sr. Presidente felicitou-nos pela carta e referiu que iria enviar a carta para o Presidente da Câmara Municipal de Aveiro, e garantiu que assim que tivesse alguma resposta que entraria em contato com a investigadora.⁵

⁵ Até ao momento não nos foi transmitida nenhuma resposta.

CONCLUSÕES

O projeto “Descobrimos as histórias que fazem a história do Bairro de Santiago” teve como participantes pessoas idosas e crianças residentes no mesmo espaço habitacional.

Consideramos que este projeto foi complexo uma vez que envolveu um conjunto de pessoas, grupos e entidades as quais tivemos de articular, dialogar e debater para podermos conhecer e interagir. A complexidade deveu-se à inexistência da organização de grupos, como por exemplo, uma associação de moradores que fizesse ouvir uma voz comum que tratasse de problemas comuns, em vez disso o que encontramos foi uma pluralidade de pequenos grupos cuja voz não é perceptível. Esta diversidade de grupos, quer em idosos quer em crianças, leva a que existam e continuem a existir diferenças entre todos que tendam a demorar a dissipar. Tornou-se imperativo diagnosticar estas diferenças e divergências em prol de um bem comum que é a requalificação do bairro.

Das conversas e escuta entre crianças e pessoas idosas resultou um conjunto ideias convergentes para poder executar melhorias no Bairro de Santiago, sabendo quais os aspetos positivos, negativos e a melhorar. Através do seu envolvimento na investigação e do contacto intergeracional com um grupo de crianças, também encaradas como co-participantes, procurou-se tornar as vozes destes idosos e destas crianças audíveis na comunidade, particularmente no que se refere às mudanças necessárias para requalificar o bairro. O diálogo intergeracional estabelecido foi importante uma vez que foi possível uma relação de proximidade, não influenciando a maneira como as crianças caracterizaram os seus avós e os idosos em geral, visto que o fizeram de forma positiva, considerando-os como pessoas com sabedoria e que devem ser respeitadas.

Consideramos que os objetivos do processo de investigação foram atingidos, uma vez que, consideramos ter contribuído para a valorização dos saberes e experiências, particularmente dos idosos, através do contacto intergeracional com

as crianças. No que respeita aos objetivos específicos, pensamos ter, igualmente, contribuído para revitalizar as memórias do Bairro de Santiago pelas vozes dos primeiros moradores e ainda para requalificar as vozes dos idosos pela implicação das crianças no estudo. Quanto aos dois últimos objetivos específicos, contribuir para (re) construir relações de sociabilidade no bairro a partir da cooperação entre idosos e crianças e ampliar as vozes dos participantes na comunidade, temos consciência de que exigem um trabalho mais continuado, com maior profundidade, porventura pouco suscetível de ser dado como inteiramente realizado dentro dos prazos e limitações inerentes a um projeto de mestrado. Contudo, cremos que ficou lançada uma semente, designadamente através da entrega da carta ao presidente da Junta, que permitiu aos participantes a tomada de consciência de que têm uma voz importante de ser ouvida; e ao poder local, a perceção de que estes atores sociais têm competências para pensarem e avançarem com sugestões sobre assuntos que lhes dizem respeito.

De salguardar que durante esta investigação tivemos algumas dificuldades como encontrar um grupo de crianças residentes no bairro a fazer a articulação de horários dos participantes com o nosso, por outro lado tornou-se difícil a descoberta de documentos específicos sobre o bairro, bem como registos fotográficos.

BIBLIOGRAFIA

Bowling, A. (1995). *What things are important in people's lives?* A survey of the public's judgements to inform scales of health related quality of life. *Soc Sci Med*, 41(10), 1447-1462.

Candeloro, J. M., & Caromano, F. A. (2007). Efeito de um programa de hidroterapia na flexibilidade e na força muscular de idosas. *Revista brasileira de fisioterapia*, 11(4), 303-309.

Carneiro, R., Chau, F., Soares, C., Fialho, J. A. S., & Sacadura, M. J. (2012). *O Envelhecimento da População: Dependência, Ativação e Qualidade*. Lisboa: Centro de Estudos dos Povos e culturas de expressão Portuguesa.

Coutinho, C. P., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M. J., & Vieira, S. (2009). Investigação-acção: metodologia preferencial nas práticas educativas. *Revista Psicologia, Educação e Cultura*, 13:2, pp.355-379.

Debert, G. G. (2004). *A reinvenção da velhice*. São Paulo: Universidade de São Paulo.

Dias, C. (2000). *Grupo Focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas*, *Informação & Sociedade: Estudos*, 10 (2).

Dornelles, L.V. e Fernandes, Natália (2012). *Perspetivas sociológicas e educacionais em estudos da criança*. Centro de Investigação em Estudos da Criança, Universidade do Minho, Braga. pp 36-48.

Erasmie, T&Lima, L.C. (1989). *Investigação e Projetos de Desenvolvimento em Educação*. Braga: Universidade do Minho, Unidade de Educação de Adultos.

Fernandes, A.A., (2001): *Velhice, Solidariedades familiares e política social. Itinerário de pesquisa em torno do aumento da esperança de vida*. Sociologia, Problemas e Práticas nº 36, Oeiras.

Fernandes, N. (2005). *Infância e Direitos: a participação das crianças nos contextos de vida – representações, práticas e poderes*. Tese de Doutoramento, Braga, Universidade do Minho.

Freire, P. (1975). *Pedagogia do oprimido*. Porto: Edições Afrontamento.

Graça, M. S.B. (2016): *Intervenção socioeducativa: investigação-ação participativa com trabalhadoras do sexo de rua e uma equipa de outreach*. No âmbito do Doutoramento em Educação. Universidade de Aveiro.

INE. (2002). *Situação Demográfica e Socio-Económica Recente das Pessoas Idosas*. Lisboa: Serviço de Estudos sobre a População do Departamento de Estatísticas Censitárias e da População.

INE. (2011). *Censos 2011 – Resultados Provisórios*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.

INE (2013). *Anuário Estatístico da Região Centro 2012* (Lisboa: Instituto Nacional de Estatística). p. 32. ISBN 978-989-25-0217-5. ISSN 0872-5055. Consultado em 17/09/2016.

Lima, R. (2003). *Desenvolvimento levantando do chão...com os és assentes na terra: Desenvolvimento local e investigação participativa - A animação comunitária*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Lima-Costa, M. F., & Veras, R. (2003). *Saúde pública e envelhecimento*. Cadernos de Saúde Pública, 19, 700-701.

Lima, M. L. P., Marques, S., Batista, M., & Ribeiro, Ó. (2010). *Idadismo na Europa – Uma abordagem psicossociológica com o foco no caso Português: Relatório I*. Lisboa: CIS/IUL, Instituto do Envelhecimento, European Research Group on Attitudes to Age.

Lopes. (2012). Idosos e riscos de exclusão social: as dimensões monetárias e não monetárias na discussão sobre instrumentos de política social. *Revista da Associação Portuguesa de Sociologia*, 5, 19.

Martins, R. M. (2006). Envelhecimento e políticas sociais. *Revista Millenium*, 32, 15.

Matos, J. F. *Investigação-acção* (Online) (Consulta em 14-08-2016) Disponível <http://slideplayer.com.br/slide/5599504/>

Mauritti, R. (2004). *Padrões de vida na velhice*. *Análise Social*, XXXIX (171), 25.

Maximo-Esteves, L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Acção*. Porto: Porto Editora.

Morgan, D. (1997) *Focus Groups in Qualitative Research* (2nd edn) (Qualitative Research Methods, Vol. 16). London: Sage.

Nunes, L. (2009). *Promoção do bem-estar subjetivo dos idosos através da intergeracionalidade*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, especialização em Psicologia do Desenvolvimento, sob a orientação da Professora Doutora Margarida Pedroso de Lima. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade de Coimbra.

Organização Mundial de Saúde [OMS]. (2002). *Active Ageing: A Policy Framework*: World Health Organization.

OMS. (2005). *Envelhecimento Ativo: uma política de saúde*. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde.

Paúl, C. (2005). Envelhecimento ativo e redes de suporte social *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras do Porto*, XV, 14.

Portugal, G. d. (2012). *Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações*: Programa de ação, 2012, Portugal (G. d. Portugal Ed.). Lisboa.

Quivy, R., C.L (2005). *Manuel de Investigação em Ciências Sociais- Trajetos*. Departamento de Sociologia da Universidade Nova de Lisboa. Gradiva.

Ribeiro, A. P. F. (2007). *Imagens da velhice em profissionais que trabalham com idosos: enfermeiros, médicos e técnicos de serviço social*. (Tese de Mestrado), Universidade de Aveiro. Retrieved from <http://hdl.handle.net/10773/3267>

Ribeiro, O. (2012). O envelhecimento “ativo” e os constrangimentos da sua definição. *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*.

Sabença, A. C. M. (2010). *Pobreza e exclusão social*. Fontes de informação sociológica. Coimbra.

Sanches, I. (2005). Compreender, agir, mudar, incluir. Da investigação-acção à educativa inclusiva. *Revista Lusófona de Educação*, 5, 127-142.

Silva, L. R. F. (2008). *Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento*. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, 15, 155-168.

Silveira, N.D.R. (2009). *A pessoa idosa: Educação e Cidadania*. Educação, envelhecimento e cidadania. Fundação Padre Anchieta.

Soares, N. (2006). *A investigação Participativa no Grupo Social da Infância*. Currículo sem Fronteiras, V.6, n.1, pp. 25-40.

Vieira, S. C. L. (2010): *Paredes que separam gerações: crianças e idosos em instituições*. No âmbito da dissertação de mestrado em ciências da educação, Universidade de Aveiro.

ANEXOS

Anexo 1: Esquematização do trabalho de Investigação

Data da Sessão	Local	Participantes	Assunto	Técnicas e Instrumentos metodológicos
8/10/2014	Florinhas do Vouga	Padre João Gonçalves	História da construção do Bairro de Santiago	Conversa informal
15/10/2014	Casa da Comunidade Sustentável	Assistente Social	Perfil sócio demográfico do bairro	Conversa informal
16/10/2014	Pastelaria "Universidade"	Estagiária nas Florinhas do Vouga	Linha temporal da intervenção social no Bairro	Conversa informal
5/11/2016	Meninarte	Animadora Sociocultural	Recolha de informações sobre o Meninarte	Conversa informal
14/11/2014	Meninarte	Animadora sociocultural e pessoas idosas	Apresentação do projeto/Entrada no terreno	Conversa informal
28/11/2014	Meninarte	D. Joana D. Lili Caneças	Entrevista	Entrevistas exploratórias
5/12/2014	Meninarte	D. Rosa D. Amélia	Entrevista	Entrevistas exploratórias
20/11/2015	Meninarte	Animadora Sociocultural	Retoma do projeto com as pessoas idosas	Conversa informal
26/11/2015	Meninarte	D. Amélia, D. Joana, D. Lili Caneças, D. Rosa	Informações sobre o início de vida no bairro	Focus Group
10/12/2015	Meninarte	D. Amélia, D. Joana, D. Lili Caneças, D. Rosa	-Como é que vêm o Bairro de Santiago? -Aspetos positivos e negativos do Bairro de Santiago.	Focus Group
10/12/2015	Polo de Leitura de Santiago	Funcionária do Polo de leitura de Santiago	Recolha de informações sobre o polo de leitura.	Conversa informal
7/01/2016	Meninarte	D. Amélia, D. Joana, D. Lili Caneças, D. Rosa	Histórias do Bairro de Santiago	Focus Group

28/1/2016	Meninarte	D. Amélia, D. Joana, D. Lili Caneças, D. Rosa	-Ser Avó! -Informações sobre as infraestruturas existentes no bairro para as crianças. -Importância das crianças no bairro.	Focus Group
07/03/2016	Biblioteca Municipal de Aveiro	Responsável pela subunidade de Biblioteca e Arquivo Histórico e Funcionária do Polo de Leitura de Santiago	Apresentação do projeto	Conversa informal
06/04/2016	Rua Nova (US)	Tiagogamer 2	Convite para participar no projeto	Conversa informal
20/4/2016	Polo de Leitura de Santiago	Tiagogamer2, Davidcanhão, Tavares	Apresentação	Dispositivos lúdicos
27/4/2016	Polo de Leitura de Santiago	Tiagogamer2, Davidcanhão, Tavares	-“O que não gosto no bairro de Santiago? “ - “ O que mais gosto no bairro de Santiago? “ -“O que gostaria de ter no bairro?”	Desenho
11/05/2016	Polo de Leitura de Santiago	Tiagogamer2, Davidcanhão, Tavares	Escrever histórias do bairro	Escrita
18/05/2016	Polo de Leitura de Santiago	Tiagogamer2, David Canhão, Tavares	Papel da pessoa idosa no bairro e na sociedade	Elaboração de cartazes recorrendo a imagens
1/06/2016	Polo de Leitura de Santiago	D. Amélia D. Joana D. Lili Caneças D. Rosa Tiagogamer2 Davidcanhão Tavares	Partilha de histórias do Bairro de Santiago	Focus Group

8/06/2016	Polo de Leitura de Santiago	D. Amélia D. Joana D. Lili Caneças D. Rosa Tiagogamer2 Davidcanhão Tavares	Aspetos positivos, negativos e a melhorar no Bairro de Santiago	Focus Group
27/06/2016	Casa da Comunidade Sustentável	D. Amélia D. Joana D. Lili Caneças D. Rosa	Entrega ao Sr. Presidente da União de freguesia Glória e Vera-Cruz uma carta redigida pelos moradores do Bairro de Santiago.	Conversa informal

Anexo 2: Notas de Campo

Notas de campo nº 1

Data: 8 de outubro de 2014

Hora: 16h30m

Local: Florinhas do Vouga (sede)

Pessoa contactada: Padre João Manuel Gonçalves – Paróquia da Glória

Assunto: Informações sobre a história da construção do Bairro de Santiago

Após contacto telefónico com o Padre João Gonçalves, marquei um encontro para o dia 8 de outubro de 2014, pelas 16h30, no seu gabinete nas Florinhas do Vouga. Quando cheguei, à hora marcada, tive de aguardar cerca de 20 minutos, pois o Padre João estava em reunião. O nosso encontro tinha como principal objetivo recolher informações sobre a origem e a construção do bairro de Santiago.

Logo no início da conversa fiquei a saber que foi o Fundo Fomento Habitação quem iniciou a construção do bairro de Santiago, há cerca de 30 anos.

Inicialmente, o bairro de Santiago era formado por duas bandas de prédios, chamadas de “Barras amarelas” e/ou “comboios amarelos” que alojaram cerca de 300 pessoas. No entanto, surgiu a necessidade de construir uma nova urbanização para alojar cerca de 700 famílias.

O projeto consistia em criar uma Cidade Satélite, uma nova cidade que começava no Eucalipto e terminava junto à Cadeia, para realojamento de pessoas desempregadas, com empregos precários, com problemas com drogas, entre outros problemas sociais.

O pároco foi relatando, como se estivesse a contar uma história, que no início da construção do bairro surgiu a construção de um muro de 4 metros nas traseiras do depósito da água, desde o talho “O Pedro” até aos Bombeiros Velhos. Nunca ninguém soube qual a finalidade da construção desse muro e, na altura, surgiram algumas especulações - Serviria para separar os ricos dos pobres? Tratar-se-ia da criação de um novo modelo urbanístico, o chamado “Bairro Prisão”, onde existiriam duas portas controladas, para as pessoas não poderem sair do bairro, fazendo lembrar um gueto? Tal situação especulativa fez com que fossem escritas várias cartas para a Câmara Municipal, endereçadas aos vários partidos políticos pertencentes à Assembleia Municipal, a questionar a situação. Foram também chamados ao local vários meios de comunicação social e a construção do muro parou, sem nunca ninguém saber realmente qual seria a sua finalidade. Hoje ainda existe o muro, pois nunca foi demolido.

Após o relato deste episódio memorável, o Padre João declarou ainda que “Quando as pessoas começaram a ir viver para o bairro, as ruas não tinham nome e eram caminhos, as portas não tinham número, não tinham telefone, não havia luz pública. As primeiras pessoas a serem realojadas foram as que viviam na zona do Eucalipto, porque existia urgência em fazer obras naquela zona. As pessoas foram viver para o bairro sem nada!”

O pároco contou também que os terrenos destinados à construção do bairro pertenciam maioritariamente a agricultores que se viram forçados a “dar” os seus terrenos. Este processo de expropriação dos terrenos enfureceu fortemente os seus proprietários e quando as máquinas apareceram para demolir as casas e preparar os terrenos para a construção, os agricultores apareceram no local com forquilhas, enxadas e engaços para, em forma de protesto, impedir a construção das habitações. Estas pessoas ligadas à terra e da terra acabaram mesmo por ser desalojadas das suas casas e perder as suas propriedades agrícolas! O sacerdote confirmou que “O mercado de Aveiro” - o mercado das couves e dos

nabos era proveniente dali de Santiago. Tratava-se de uma grande zona agrícola com quintas muito bonitas!”

Não obstante, a construção do bairro iniciou-se e no processo de realojamento das primeiras famílias, houve necessidade, por parte da Paróquia, de formar um grupo grande de paroquianos que tinha a responsabilidade de fazer o acolhimento dos novos residentes. Esta equipa apresentava-se às novas famílias e dava a conhecer o bairro. Posteriormente, acompanhadas pelo pároco, o próprio Padre João, realizava visitas periódicas de acompanhamento a essas famílias. O sacerdote afirmou que nessa altura, “Havia um problema gravíssimo! Como o bairro de Santiago era afastado do centro cidade e, desde o princípio, foi sempre conotado como sendo um bairro social, no mau sentido, os garotos não se misturavam com os garotos do resto da cidade. Portanto tinham dificuldade em vir para a escola, que era aqui na Glória.”

Inicialmente, o bairro de Santiago não tinha escola primária. Então a equipa formada pela paróquia tinha a função de ir buscar as crianças em idade escolar e levá-los à escola. Como os pais tinham dificuldades económicas, davam-lhes, ainda, o pequeno-almoço. Estas crianças não queriam ir para à escola devido à conotação que recebiam, por residirem no bairro de Santiago.

Perante isto, a luta da paróquia e do padre João foi, desde logo, a construção de uma escola primária no bairro de Santiago. “O nascimento de uma escola lá, foi por luta nossa, porque havia um bocado a ideia que o bairro de Santiago era para alojar pessoas, ponto final”, afirmou o Padre João.

Inicialmente, o bairro tinha apenas lojas e habitações, não existia nenhum tipo de apoios sociais.

A paróquia da Glória foi a que surgiu primeiro no bairro, seguindo-se depois as Florinhas do Vouga e, posteriormente, surgiu a Casa de Acolhimento Paroquial, no número 31, da Rua de Espinho, onde atualmente se encontra uma equipa de

intervenção direta para toxicodependentes. Essa casa era a referência da Igreja, era onde se celebrava a missa ao fim de semana.

Mais tarde, o Fundo Fomento Habitação pretendeu vender as lojas do bairro. Essa venda foi feita por proposta em envelope fechado. Quem propusesse o maior valor, comprava a loja pretendida. Mas as Florinhas do Vouga, necessitava de 3 lojas para a promoção social das pessoas que residiam no bairro. Deste modo, o Fundo Fomento Habitação cedeu essas 3 lojas e o Secretário de Estado encontrou mecenas que ofereceram dinheiro para comprar as mesmas. Estes 3 espaços, propriedades das Florinhas do Vouga, são o número 31, que é um espaço aberto onde estão os toxicodependentes, o número 43, da Rua de Espinho, a Cozinha Social e o Gabinete Social. Atualmente, as Florinhas têm mais 4 lojas, cedidas pela Câmara Municipal de Aveiro que são: o Meninarte, o Centro de Dia, o Centro de Explicações e o local onde funciona o Projeto Giros. “O bairro de Santiago nasceu sem nada de apoios sociais.”, lembrou o padre João.

Entretanto, com a escola primária já construída, as crianças começaram a frequentar a escola do bairro, contudo começaram a surgir muitos problemas comportamentais, porque as crianças do bairro se sentiam rejeitadas pelas outras crianças.

As Florinhas do Vouga teve um papel muito importante para o bem-estar do bairro, pois abriram gabinetes sociais com psicólogas, assistentes sociais que andavam na rua, contactavam diretamente com os habitantes/problemas e conheciam as pessoas todas.

Por se localizar muito próximo da Universidade de Aveiro, o bairro serve atualmente de alojamento a um grande número de alunos a frequentar o ensino universitário. A este propósito, o padre João referenciou que houve, em determinada altura, uma onda de assaltos a alunos universitários nas caixas multibanco, mas lembra que providenciou uma reunião com a PSP, GNR,

Segurança Social e Unidade de Saúde para se tentar encontrar uma solução e esse problema foi ultrapassado.

O padre João terminou a nossa conversa declarando que “O nascimento e o crescimento daquele bairro é um fenómeno social, mas não posso dizer que seja exemplar, mas que pode ser de alguma referência para bairros sociais no país, porque felizmente tendo congregado aí e tendo potenciado a vinda de pessoas de famílias desestruturadas, nunca houve fenómenos de carácter social de revoluções, nem de guerras nem de nada disso.”

Notas de campo n.º 2

Data: 15 de outubro de 2014

Hora: 16h05m

Local: Junta de Freguesia da Glória /Casa da Comunidade Sustentável

Pessoa contactada: Assistente Social

Assunto: Perfil sócio demográfico do bairro de Santiago.

Desloquei-me à Junta de Freguesia da Glória e conversei com a Dr.^a Paula, assistente social em regime de voluntariado, para falarmos sobre o perfil sócio demográfico do bairro de Santiago. Contudo, não consegui obter qualquer informação, pois a assistente social em questão informou que não possuía qualquer tipo de conhecimento relativamente a esse assunto, indicando o Gabinete de Atendimento Integrado da Câmara Municipal de Aveiro, o qual detinha um relatório social sobre o bairro de Santiago.

Notas de campo n.º 3

Data: 16 de outubro de 2014

Hora: 16h15m

Local: Pastelaria “Universidade”

Pessoa contactada: Estagiária nas Florinhas do Vouga

Assunto: Linha temporal da intervenção social no Bairro.

Após contacto telefónico com a estagiária, marquei um encontro para o dia 16 de outubro de 2014, pelas 16h30 na Pastelaria “Universidade”. Esta encontrava-se a fazer um estágio nas Florinhas do Vouga e estava a fazer um levantamento sobre a história dos 75 anos de existência desta instituição. Por este motivo, detinha muita informação sobre o bairro de Santiago, uma vez que esta instituição também estava sediada neste local. Ela referiu que as duas primeiras “Barras amarelas” tinham apenas como objetivo servir de habitação social e a urbanização de Santiago destinar-se-iam a habitações para serem arrendadas ou compradas a baixo custo.

O III Plano de Fomento ocorreu nos anos 1971/73 e foi da responsabilidade do antigo Fundo de Fomento Habitação. Mais tarde, o Instituto de Gestão e Alienação do Património Habitacional do Estado (IGAPHE), considerou a cidade de Aveiro uma área prioritária que, por sua vez, deu origem ao PIAS (Plano Integrado Aveiro Santiago) levou à concretização de 268 fogos, cuja fase de realojamento decorreu entre 1983 e 1985.

A Urbanização de Santiago surgiu com a construção de mais 784 fogos, em 1987. A atribuição dos fogos decorreu entre dezembro de 1990 e 1992.

As organizações que intervieram durante este período foram a Câmara Municipal de Aveiro (CMA) e o IGAPH. As entidades responsáveis pelo processo de

realojamento foram a CMA, o IGAPH, a Casa de Acolhimento da Paróquia da Glória e o Centro Regional de Segurança Social de Aveiro.

Entre 1987 e 1990, o PIAS foi alvo de intervenção ao nível do Programa de Luta Contra a Pobreza (PLCP), designado “Santiago dentro da Cidade”.

Entre 1991 e 1995 não houve intervenção concertada, mas em 1993 deu-se a candidatura ao II PLCP. Posteriormente, em 1995 deu-se início do II PLCP - “Continuar... Santiago/Griné” que terminou em 2001.

Em dezembro de 1998 celebrou-se o acordo de cooperação entre as Florinhas do Vouga e o Centro Distrital de Solidariedade e Segurança Social de Aveiro para a criação do Centro Comunitário. No ano de 2000 criou-se o gabinete de intervenção local da Câmara Municipal.

Notas de campo n.º 4

Data: 5 de novembro de 2014

Hora: 16h15m

Local: Meninarte

Pessoa contactada: Animadora sociocultural

Assuntos:

- Informações sobre o horário de funcionamento do Meninarte.
- Informações sobre o dia/hora apropriada para reunir com os idosos do Meninarte.
- Apresentar o Projeto “Descobrimos as histórias que fazem a história do Bairro de Santiago”.

Desloquei-me ao Meninarte e à entrada deparei-me com uma porta toda em vidro com grades que se encontrava aberta, seguida de um hall de entrada com uma mesa redonda em que os pés eram feitos de paletes de madeira pintados de branco e um banco de jardim feito do mesmo material. Do lado direito tinha uma sala com uma porta de correr em madeira que dizia: “É favor Bater à Porta”. Em frente uma sala pequena, com portas de correr de vidro com uma mesa redonda, duas cadeiras, uma estante do lado esquerdo e um armário do lado direito e do lado esquerdo, uma sala grande, ampla com várias cadeiras alinhadas à parede, com uma casa de banho no fundo. Todo este espaço é aparentemente acolhedor e aconchegante mas frio, velho e com um cheiro muito intenso a mofo e a humidade.

Bati à porta e fui recebida pela animadora sociocultural. Esta mandou-me entrar e questionei-a sobre a história daquele espaço. A animadora explicou que o Meninarte/ Atelier Juvenil surgiu como uma resposta social dirigida a crianças, jovens, adultos e idosos. A equipa técnica é formada por um técnico de serviço de psicologia, um técnico de serviço social, dois animadores e um professor de Educação Física. Esta equipa está, por sua vez, inserida no Centro Comunitário das Florinhas do Vouga e integra o Centro de Atividades Intergeracional, a Cozinha Social, o Meninarte/ Atelier Juvenil e o Gabinete de Serviço de Atendimento/Acompanhamento Social.

O Meninarte/Atelier Juvenil disponibiliza, neste momento, o OTL - Ocupação de Tempos Livres para crianças e jovens, durante a interrupção letiva da Páscoa e durante as férias de verão, o Laboratório de Saberes direcionado para adultos, Caminhadas, Futebol de Rua, Projeto de Música e um Centro de Explicações gratuito, dinamizado por voluntários.

No ano de 2000 o Meninarte constituiu um grupo para adultos para dar resposta às necessidades que estes demonstravam e prevenir o isolamento e exclusão social. Surgiu assim o Laboratório de Saberes onde os adultos podem realizar trabalhos manuais, participar em ateliers de culinária, desfrutar de uma semana

de lazer no verão, fazendo passeios culturais ou simplesmente conviver. Antigamente, a equipa técnica do Meninarte organizava diversos eventos tais como Carnaval, Marchas Populares, Dia do Vizinho, Magusto Comunitário, Concurso de Grafites, entre outros, em parceria com a Câmara Municipal de Aveiro e Junta de Freguesia da Glória, mas por falta de verbas estas atividades foram suspensas.

O horário de funcionamento do Meninarte é das 9h às 13h, das 14h às 17h, mas para os adultos funciona apenas das 14h às 17h. No entanto há dois dias da semana em que existem atividades da parte da manhã - às terças-feiras as “Caminhadas” e às sextas-feiras as “Deslocação à Costa Nova”.

De seguida, expliquei à educadora sociocultural os objetivos do Projeto “Descobrimos as histórias que fazem a história do bairro de Santiago”, tendo a mesma, desde logo, se mostrado receptiva e disponível para colaborar na cedência do espaço e no que fosse necessário informando, apenas, que durante este ano letivo, estava a decorrer um estágio profissional de uma aluna de Mestrado da Universidade de Coimbra, todos os dias, exceto às sextas-feiras à tarde.

De imediato a animadora questionou os idosos que estavam ali presentes a realizar pequenos trabalhos alusivos à época de Natal, sobre a disponibilidade destes em participarem neste projeto. Era um grupo de sete idosos, seis mulheres e um homem dos quais, quatro residiam no bairro de Santiago e os restantes em diferentes locais da cidade. Todos mostraram interesse em participar, ficando marcado um novo encontro para o dia 14 de novembro de 2014, pelas 16h10m.

Despedi-me, com a certeza de que a porta estava aberta! O primeiro passo tinha sido dado!

Notas de campo n.º 5

Data: 14 de novembro de 2014

Hora: 16h15m

Local: Meninarte

Pessoa contactada: Animadora sociocultural e pessoas idosas

Assunto: Apresentar o Projeto” Descobrindo as histórias que fazem a história do bairro de Santiago”.

Após o primeiro contacto com a animadora sociocultural e com os idosos a entrada no terreno foi facilitada. Fui recebida pela animadora e pelas pessoas idosas. Na sala estavam dez pessoas, sentadas à volta de uma mesa retangular que estava cheia de material decorativo e reciclável para decorar as coroas de natal.

Foram feitas as apresentações, expliquei o que estava ali a fazer e quais os objetivos do meu projeto.

Quando discuti a participação de todos no meu projeto, a animadora afirmou que havia, de facto, várias pessoas que não residiam no bairro, não obstante, os residentes no bairro estavam disponíveis para participarem no meu projeto.

As entrevistas exploratórias ficaram marcadas para duas sextas-feiras, dias 28 de novembro e 5 de dezembro de 2014, pelas 14h30, numa sala do Meninarte.

Não foi possível marcar as entrevistas para mais cedo, porque as pessoas idosas já tinham muitas atividades agendadas.

Ao despedirmo-nos agradei a colaboração de todos os presentes.

Notas de campo n.º 6

Data: 28 de novembro de 2014

Hora: 14h 30 m

Local: Meninarte

Pessoas contactadas: D. Joana e D. Lili Caneças (nomes fictícios)

Assunto: Entrevistas exploratórias.

Esta foi a terceira vez que entrei no Meninarte, eram 14 horas e 15 minutos. Na sala de “trabalhos” já estava a D. Joana à minha espera. A animadora disponibilizou a sala grande que estava ampla, tinha apenas cadeiras empilhadas e uma mesa encostada a uma das paredes. A sala era fria e cheirava a mofo.

Preparei o local para realizar as entrevistas, colocando a mesa e duas cadeiras.

A primeira a ser entrevistada foi a D. Joana. A entrevista demorou cerca de 30 minutos. De seguida foi a D. Lili Caneças.

Notas de campo n.º 7

Data: 5 de dezembro de 2014

Hora: 14h 30 m

Local: Meninarte

Pessoas contactadas: D. Rosa e D. Amélia (nomes fictícios)

Assunto: Entrevistas exploratórias.

As entrevistas foram realizadas no mesmo local e o espaço estava como eu o tinha deixado, a mesa e as duas cadeiras mantinham-se no mesmo sítio.

A primeira foi a D. Rosa e a entrevista exploratória demorou uma hora.

A segunda entrevista durou cerca de 15 minutos. A D. Amélia estava pouco conversadora, acenava muitas vezes com a cabeça para dizer “Sim”. Enquanto decorria a entrevista, esta demonstrou-se nervosa, um pouco constrangida e por vezes até com medo de falar. Devido ao seu comportamento, não fiz muitas perguntas, não insisti, deixando-a à vontade para me contar o que queria.

Notas de campo n.º 8

Data: 20 de novembro de 2015

Hora: 15h30 m

Local: Meninarte

Pessoas contactadas: Animadora sociocultural

Assunto: Novo encontro para reinício de trabalhos

Passado um ano, regressei novamente ao Meninarte para falar com a animadora e com as pessoas idosas para questionar qual a possibilidade /disponibilidade de dar continuidade ao meu projeto naquele espaço e com aquelas pessoas. O espaço mantinha-se igual, nem parecia que fazia um ano desde a última vez que tinha estado naquele local.

Bati à porta, entrei e imediatamente as pessoas me reconheceram e me acolheram calorosamente. A animadora sociocultural demonstrou-se, uma vez mais disponível para colaborar no que fosse necessário. Na sala encontra-se a D. Joana e a D. Rosa que se disponibilizaram, imediatamente para colaborar. A D. Amélia que, no ano anterior, se tinha recusado, mostrou-se desta vez disponível para participar no meu projeto. O grupo encontrava-se, tal como no ano anterior, a realizar trabalhos manuais alusivos à época do Natal, mas este ano preparavam presépios de barro ou de material reciclável para serem vendidos no Bazar de Natal.

O primeiro encontro foi marcado para o dia 26 de novembro de 2015, pelas 14h30.

Despedi-me de todos, e foi com uma sensação de alívio que voltei para o meu carro, onde comecei imediatamente a registar estas novas primeiras impressões.

Notas de campo n.º 9

Data: 26 de novembro de 2015

Hora: 14h30 m

Local: Meninarte

Pessoas contactadas: D. Amélia, D. Joana, D. Lili Caneças e D. Rosa (nomes fictícios)

Assunto: Informações sobre o início de vida no bairro

A primeira sessão ocorreu no dia 26 de novembro de 2015, no Meninarte.

A sala, de dimensões reduzidas, tinha uma mesa redonda, quase junto à porta de entrada, onde estavam 5 cadeiras. O grupo era formado pelas moradoras D. Amélia, D. Joana, D. Lili Caneças e D. Rosa.

Foram feitas as apresentações, expliquei os objetivos do meu projeto e solicitei a colaboração dos presentes.

A sessão iniciou por volta das 14h45m com algumas intervenções que me parecerem, desde logo, pertinentes de registar.

A D. Amélia começou por dizer que vivia na Presa, no pátio Domingos Bela. A casa não tinha condições nenhuma para viver com os 4 filhos. Surgiu a oportunidade de ir viver para o bairro de Santiago e mudou-se no dia 6 de dezembro de 1989. Hoje vive com um filho.

De seguida, falou a D. Joana. A D. Joana veio de Moçambique, em 1980 e comprou um estabelecimento do ramo da restauração que existia no cruzamento do Eucalipto. Mais tarde abriu, na rua de Espinho, no bairro de Santiago, o restaurante “O Careca”. Este estabelecimento foi explorado por ela e pelo marido durante 25 anos. Neste momento vive sozinha, porque o marido faleceu. Afirma com orgulho “ Todos me respeitam! É bom viver cá!”.

A D. Lili Caneças morava na Rua da Pega, junto ao antigo Pavilhão do Beira-Mar. Como a casa não tinha condições, candidatou-se a uma habitação no bairro de Santiago, vivendo no bairro há 26 anos. Diz com uma certa alegria: “Dou-me bem com toda a gente. A vizinhança é espetacular. Por isso gosto de aqui estar!” Neste momento vive sozinha, na Rua Nova.

De imediato, interveio a D. Rosa. Esta moradora vivia nos Carreiros de São Martinho, perto da Avenida 25 de Abril. De seguida foi viver para um pátio e só depois foi viver para o bairro. A D. Rosa vive no bairro há 28 anos. Primeiro foi viver para a Rua de Espinho e depois mudou-se para a Rua de Santa Maria da Feira. “Estou lá e estou bem”, exclamou com determinação. Atualmente vive sozinha.

Durante esta sessão senti que todas as participantes estavam um pouco constrangidas com a presença do gravador, mas acabaram por se habituar.

Notas de campo nº 10

Data: 10 de dezembro de 2015

Hora: 14 h 30 m

Local: Meninarte

Pessoas contactadas: D. Joana, D. Lili Caneças, D. Rosa e D. Amélia

Assuntos: “Como é que vêm o Bairro de Santiago?”

“Aspetos positivos e negativos do Bairro de Santiago.”

A investigadora faz a seguinte questão: “Como é que vêm o bairro de Santiago?”. A D. Lili Caneças começa por dizer que no início era muito complicado, e foi interrompida pela D. Rosa que afirma que existia muito comércio. A D. Lili continua contando que existe muito comércio e é novamente interrompida pela D. Rosa que assegura que existia ourivesarias, lojas de roupa, sapatarias e neste momento estas lojas já não existem no bairro de Santiago, confirmando que as lojas fecharam todas. A D. Lili afirma, que neste momento, o bairro tem o essencial dizendo “...temos a praça do peixe, temos a praça de hortaliça, temos os cafés para tomar um cafezinho, temos pastelarias, temos tudo”. A D. Joana intervém e diz que existe uma escola, um infantário e uma Clínica de Saúde. A D. Lili e a D. Joana partilham da seguinte opinião, o bairro está bem situado, não necessitam de se deslocarem para longe para poder usufruir de determinados serviços de saúde, porque estes existem no bairro.” Faço tudo a pé” assegura a D. Joana. A D. Rosa interrompe e diz “ A 2 minutos da minha casa tenho o Centro de Saúde, os Bombeiros, três paragens de autocarro”. A D. Joana, a D. Lili Caneças afirmam que todos os dias têm pão fresco nas pastelarias existentes no bairro. A D. Amélia intervém pela primeira vez e diz “O que é que eu acho? Que deveria de haver mais policiamento aqui no Bairro de Santiago.” E a D. Joana afirma “Já foi pior!”

As 4 moradoras do bairro afirmam que a polícia anda no bairro, apenas durante o dia, no entanto se estes forem chamados, durante a noite, por qualquer motivo estes aparecem imediatamente. A D. Amélia afirma “Eles haviam de andar de hora a hora a passar a ronda.”

Relativamente aos aspetos negativos a D. Amélia acha que o bairro deveria ter um parque Infantil, porque existem muitas crianças no bairro. A D. Rosa intromete-se dizendo “ Atão, mas havia lá um parque, as pessoas é que espatifaram tudo, é que partiram tudo.” E recorda a D. Joana: “Quando fizeram o parque aqui no bairro era um parque com tudo.” O parque foi construído em 1990

e tinha muitas diversões para as crianças. A D. Joana recorda que no parque, junto à escola existiam casas parecidas às da Costa Nova e montes de sal e afirma com orgulho: “Era muito bonito!”

Estas residentes afirmam que foram os novos moradores que destruíram tudo, pois não tinham regras de civismo, no entanto no princípio ainda existiu um guarda para não deixar destruir o parque, mas este teve de ir embora devido a ameaças físicas dos moradores.

Quando o bairro de Santiago começou a ser habitado, alguns moradores permitiam que os seus filhos, menores, andassem na rua até muito tarde a destruírem tudo e não admitiam que ninguém lhes chamasse a atenção. Neste momento isto já não acontece, porque o grupo técnico da Câmara Municipal de Aveiro, quando realojou os moradores problemáticos distribuía-os pelos diferentes blocos, ficando todos separados, isto minimizou determinados conflitos, passaram a respeitar o próximo e por outro lado permitiu que aprendessem regras de civismo e de educação.

A investigadora questionou sobre que outros serviços eram importantes existirem no bairro e as moradoras foram unânimes em afirmar que gostavam que existissem mais atividades para a terceira idade. A D. Joana diz: “Temos aqui as Florinhas que é uma coisa boa, mas é pouco tempo.” A D. Rosa interpela e diz “Havia de manhã e de tarde. As pessoas começaram a falhar, qualquer dia não há nada!” Mais uma vez as residentes estão de acordo, quando afirmam que gostavam de ver os passeios e estradas arrançadas, pois existem muitos “buracos”, as árvores precisavam de ser cortadas, as raízes destas estragam os passeios, levantando as pedras da calçada. Deste modo são da opinião que as raízes das árvores têm de ser cortadas.

A D. Lili Caneças é da opinião de acabar com as pombas no bairro. E a D. Rosa interrompe e afirma “As pessoas é que lhe dão de comer!” E continua a D. Lili

“Elas fazem ninhos em todo o lado, entopem as caleiras, sujam as roupas, sujam tudo!” e a D. Joana afirma: “Lá está! Dão-lhe de comida!”

“Devia de ser proibido dar de comer às pombas!”- Exclama a D. Lili. A D. Rosa diz logo a seguir, não deixando a D. Joana acabar de falar “Se fores lá baixo vês uma tabuleta em vários sítios da cidade: Proibido dar de comer às pombas. As pessoas é que não cumprem com as leis!”

A investigadora questiona sobre” Como é o convívio entre os moradores do bairro?” e a D. Lili responde imediatamente dizendo “É bom!”

E no início? -pergunta a investigadora. A D. Joana responde logo “Não era tão bom!” A D. Joana refere, pensativa, que as pessoas tiveram dificuldade em se relacionarem umas com as outras, as pessoas sentiam medo. Esta moradora recorda que existiam pessoas conflituosas que não se relacionavam com ninguém. A D. Maria tem uma opinião contrária à da D. Joana, porque como trabalhava num local fora do bairro, saía de manhã cedo e regressava ao fim do dia, nunca se apercebeu de alguns conflitos existentes entre os moradores. A D. Joana como tinha um estabelecimento aberto no bairro de Santiago conhecia quase todos os moradores e sabiam quais eram os residentes conflituosos. A D. Joana conta que os habitantes do bairro sentiam-se constrangidos em conviver com os vizinhos, pois não sabiam como estes iriam reagir, tinham comportamentos muito imprevisíveis. Esta reforça que foi muito difícil os moradores habituarem-se uns aos outros.

A investigadora questiona a D. Amélia e esta intervém utilizando um tom de voz muito firme e afirma: “ O bairro já esteve melhor, já esteve pior e agora está outra vez a ficar equilibrado!”

A D. Joana lembra que todos os inquilinos do bairro, quando estavam no seu estabelecimento comercial, nunca faltaram ao respeito ao seu marido ou aos funcionários. E afirma que ainda hoje, há pessoas que a cumprimentam na rua que não as conhece. A D. Joana relembra com orgulho: “ Respeitava-se meninos

pequeninos, grandes, idosos, tudo, respeita-se ali toda a gente. Não havia faltas de respeito nem palavrões. Custou muito!” A proprietária do estabelecimento conta que quando vieram para o bairro a família dos “XXX” causarem muitos conflitos, porque eram muito briguentos, desordeiros, provocadores e conflituosos, mas acabaram por ir para outro bairro.

A investigadora interroga se estas moradoras têm medo/receio em andarem pelas ruas do bairro. Todas elas afirmam com firmeza, que não. A D. Lili Caneças afirma, com convicção: “ Esta juventude já nos conhece todos!”

A D. Joana afirma: “O bairro teve má fama, teve!” Todas elas partilham desta mesma opinião. A D. Maria conta que os estudantes da Universidade tinham medo do bairro de Santiago.

A D. Lili Caneças afirma “Às vezes era mais a fama que outra coisa! Vinham de outros lados praqui fazer as asneiras! Oh, pois eram os do bairro de Santiago!”, diz com uma certa tristeza.

A D. Joana intervém, dizendo: “Sim, chegou a ter má fama, o bairro!”

Sempre muito participativa, a D. Joana com a sua tranquilidade recorda o seguinte episódio: “ nessa altura que o bairro começou a ter má fama, o meu marido era amigo de uns senhores que estavam na Barra, eles vinham muito aqui. E chegaram a dizer: Ó Senhor A. não tem medo de estar aqui no bairro de Santiago? E este respondeu: Mas porquê? Porque é que vocês veem com essa conversa? O bairro de Santiago é igual a outro bairro qualquer? Amigos: Ah, porque fala-se e dizem que é mau! E o meu marido disse: Por causa disso arranjem com que eu vá à rádio fazer um esclarecimento para as pessoas ficarem conscientes que o bairro de Santiago é igual a outro bairro qualquer. “ O marido da D. Joana foi dar uma entrevista a uma rádio sobre o bairro de Santiago, onde este disse para as pessoas não terem medo do bairro, para virem visitar o bairro que este era igual a outro bairro qualquer.

E diz a D. Lili Caneças, com melancolia: “ Não podem dizer mal do nosso bairro, para aquilo que a gente vê!”

Intervém a D. Amélia e diz, muito zangada: “ Agora, nem tanto, mas dantes quando havia conflitos no bairro, a polícia dizia de caminho é para o bloco 27! “

A D. Joana afirma que sempre que vinha a polícia ao bairro, vinham sempre 5, 6 carros devido à fama do bairro.

A investigadora perguntou: “Gostam de viver no bairro?” E responderam todas ao mesmo tempo, demonstrando o seu orgulho: ” Gostamos!” E partilham todas da opinião de que o bairro está desenvolvido e afirmam: “Não nos falta aqui nada!”

A investigadora pergunta: “ Existem atividades com a comunidade?”

Elas afirmam, mais uma vez todas ao mesmo tempo: “Nada! Não há nada! Já houve!”

O grupo das moradoras sente necessidade da existência de atividades dirigidas às pessoas idosas. Afirmam que já existiram atividades que eram promovidas pela Junta de Freguesia em parceria com a Câmara Municipal de Aveiro, mas neste momento não existe nada. Antigamente, comemorava-se o Dia do Vizinho, o São Martinho, os Santos Populares, e existia a Semana do lazer, que consistia numa semana de passeios, mas tudo acabou, por diversos motivos, mas salientam a falta de adesão das pessoas do bairro pela falta de divulgação da Câmara Municipal de Aveiro.

As residentes do bairro relembram com saudade a comemoração dos santos Populares, em que se organizavam as Marchas Populares, com carros alegóricos em que envolviam muitos moradores do bairro. Estas afirmam que sentem tristeza por terem acabado. No entanto, ainda nos dias de hoje, existe a comemoração dos santos Populares no parque Municipal da Cidade, com a venda da sardinha, mas afirmam que já não é a mesma coisa.

A D. Joana pensa que se existisse a possibilidade de haver novamente a iniciativa de organizar uma Marcha Popular, as pessoas não iriam aderir, alegando que os jovens só pensam nos computadores, as pessoas idosas estão muito velhinhas, e os outros estão acomodados à vida, logo ela partilha da opinião que nunca seria como era antigamente.

Mas estas moradoras sentem tristeza por estas atividades terem terminado. Neste momento existem apenas atividades de verão promovidas pelas Florinhas do Vouga e durante o todo o ano o Meninarte está aberto para quem quiser frequentar gratuitamente com diversas atividades ao longo do ano.

A D. Maria relembra que, antigamente, ao domingo, a cidade de Aveiro tinha muita gente na avenida Dr. Lourenço Peixinho, havia bailes, cafés, cinemas cheios de aveirenses. Nos dias de hoje, a cidade de Aveiro, ao domingo, é uma cidade morta, não se vê ninguém na rua, devido aos centros comerciais que abriram na cidade.

Notas de campo nº 11

Data: 10 de dezembro de 2015

Hora: 16 h 00 m

Local: Biblioteca - Polo de Leitura de Santiago

Pessoas contactadas: Funcionária do Polo de leitura

Assunto: Informações sobre o Polo de Leitura

A investigadora quando entrou no Polo de Leitura apenas se encontrava uma senhora ao computador e a funcionária estava no andar de baixo. Esta assim que ouviu passos subiu e veio ter comigo. Apresentei-me e expliquei o motivo da minha visita. De seguida, interroguei-a sobre a história desta pequena biblioteca e

esta explicou que era um Polo da Biblioteca de Aveiro, isto é pertencia à Câmara Municipal de Aveiro desde 1996. Surgiu no âmbito do projeto “ Programa De Luta contra a Pobreza”. O horário de funcionamento é de segunda a sexta-feira das 14h30 às 18h00. Neste espaço pode-se consultar livros, revistas, jornais, internet e livros com jogos; requisitar livros; pintar desenhos; realizar os trabalhos de casa, entre outras atividades. O 1º andar destina-se a crianças e infantojuvenil e o rés-do-chão aos adultos. Um dos objetivos do Polo de Leitura de Santiago foi criar um espaço de leitura para crianças e adultos.

Por fim, perguntei se era possível realizar naquele local o projeto de mestrado, e esta informou-me que era necessário enviar um e-mail ao Vereador da Cultura a pedir autorização. No entanto, a funcionária mostrou-se disponível para colaborar no projeto.

Notas de campo nº 12

Data: 7 de janeiro de 2016

Hora: 14h30 m

Local: Meninarte

Pessoas contactadas: D. Joana, D. Lili Caneças, D. Rosa e D. Amélia

Assunto: “Histórias do Bairro de Santiago”

O tema da terceira sessão era “Histórias do Bairro de Santiago”. A D. Joana, muito calmamente, começou por falar um pouco da sua história de vida, dizendo que veio de Moçambique estabeleceu-se numa pequena loja por 3 anos, mas acabou por ficar 10 anos, e depois mudou-se para o bairro de Santiago, Rua de Espinho para recomeçar uma nova vida. Esta moradora recorda com tristeza que foi proprietária com o marido de um restaurante no bairro quase vinte anos, mas afirma com orgulho: “Dei-me bem!”

A D. Joana conta que durante a construção do bairro fizeram um jardim com um parque desportivo e os moradores organizaram com o patrocínio da Câmara Municipal de Aveiro um Clube de Hóquei em patins masculino formado por jovens do bairro. Os treinos eram realizados no campo desportivo existente no bairro e os jogos eram realizados noutros locais, havendo todos os fins de semana competições. Os jogos de Hóquei em patins possibilitaram muito convívio entre os moradores, pois as famílias e moradores deslocavam-se para irem ver os jogos. Na década de 90, a rua de Espinho tinha muitos estabelecimentos comerciais e estes também patrocinavam este Clube.

A D. Maria, muito perspicaz, interrompe a D. Joana e conta que vive no bairro há vinte e nove anos e afirma: “Isto era tudo terras de cultivo!” e afirma a D. Joana: “Isto era o que abastecia o mercado lá em baixo, em legumes, em verduras, em tudo, era esta zona aqui!”

As residentes do bairro contam que o bairro de Santiago estava rodeado de terras de cultivo, quando estas foram viver para lá, só mais tarde surgiu a Vila Jovem, Cooperativa Chave, uma parte da Universidade de Aveiro e o Mercado de Santiago. Uma parte do terreno ocupado pela Universidade de Aveiro também era terras de cultivo.

A D. Lili Caneças recorda que o Mercado de Santiago quando abriu tinha muitos estabelecimentos comerciais no primeiro andar, talhos, pastelarias, cafés, mas a Câmara Municipal de Aveiro aumentou o valor da renda e os estabelecimentos tiveram de fechar.

A rua de Espinho tinha muitos estabelecimentos comerciais abertos, e a D. Joana afirma: “Antigamente, vinha-se aqui, parecia quase a cidade lá em baixo!” As varandas da rua de Espinho eram bonitas, no Natal estava tudo iluminado.

“Quando era a altura das ameixoeiras rebentarem, parecia as amendoeiras em flor, havia muitas pessoas que vinham de propósito só para ver as árvores floridas. Estas ameixoeiras quando abrem é perfeitamente as amendoeiras em

flor!” Afirma com orgulho a D. Joana. “Na altura da primavera, março as árvores estão todas floridas é lindo de ver!” Continua a D. Joana com vaidade.

Nos dias de hoje, na altura da primavera as árvores ficam floridas, mas como o comércio, quase não existe, as pessoas não visitam o bairro de Santiago e não têm conhecimento da existência destas árvores.

Antigamente, na época do Natal as pessoas visitavam a Rua de Espinho do bairro de Santiago para apreciarem as decorações e as iluminações de natal e no início da primavera apareciam para admirarem as ameixoeiras em flor.

As decorações e iluminações de natal eram pagas pelos comerciantes. Atualmente nada disto acontece, porque esta rua tem poucos estabelecimentos comerciais e além disso estes têm medo que destruam tudo, afirma a D. Joana.

Há 15 anos, desta parte, estes pequenos eventos deixaram de existir. Afirmam todas “Tem piorado, tem piorado!”

Diz a D. Joana, com uma certa nostalgia: “Até mesmo as pessoas, nas próprias casas da própria pessoa perdeu o interesse. Antigamente era engraçado! A pessoa tinha brio. Chegava-se ao Natal quem não tivesse uma luzinha na varanda ou em casa...”

“Deixaram de ter aquele gosto!” Diz a D. Lili Caneças”

“A minha varanda enfeitava-a sempre ali em cima! As pessoas passeavam à noite só para verem as casas das pessoas com a árvore de Natal...!” diz a D. Joana. “

Na altura dos Santos Populares, as Florinhas do Vouga organizavam uma marcha constituída por residentes do bairro de Santiago.

O parque do bairro de Santiago, as moradoras apenas se recordam de se realizarem os treinos de hóquei em patins, jogos de futebol, comemorar o Dia do Vizinho e o Magusto. “Aquilo durou pouco tempo. Depois começaram a destruir

aquilo tudo. As pessoas começaram a ter medo!” Afirma a D. Joana sempre participativa.

O parque foi destruído pelos residentes ou não residentes do bairro. “Ninguém podia chamar a atenção, senão vinham os pais e batiam nas pessoas que chamavam a atenção!” Declara indignada a D. Joana.

“Aliás o campo de hóquei, agora pertence às escolas. Está todo vedado!” Diz a D. Maria. “Então, fizeram aqui um parque para as crianças, com tudo, partiram tudo!” Afirma irritada a D. Maria.

As moradoras sentem-se tristes pelo parque ter sido destruído.

A investigadora perguntou se alguma vez o bairro tinha sido visitado pelo Presidente da Câmara. A D. Maria interrompeu e disse: “ O Presidente da Câmara que vinha aqui, que era o entretém dele, o jardim dele era o Doutor Girão. Esse era o brinquedo dele era o bairro de Santiago. “

A D. Joana conta: “Às vezes estava eu a fechar o restaurante e ele a entrar. Ele gostava muito de vir visitar o bairro.”

Diz a D. Maria, orgulhosa: “Foi ele que fez o bairro de Santiago. Estas duas filas.”

A D. Joana descreve, com vaidade: “Aquela minha parte do restaurante da escada até cá baixo e lá em cima a sala, aquilo era um jardim autêntico. Eu tinha aquilo tudo cheio de plantas. E então uma vez que ele (Dr. Girão) cá veio mais a esposa e ela foi lá cima ela disse isto aqui é um jardim não é um restaurante é um jardim.”

Relativamente ao ambiente existente no bairro este passou por três momentos, o primeiro momento foi aquando da primeira fase de realojamento dos moradores, existia bom ambiente entre os vizinhos, depois da construção do bairro ter terminado, houve a construção da A25 e as pessoas que viviam nessa zona foram realojados no bairro e nesse momento começaram a surgir conflitos. Alguns desses moradores eram apelidados de rebeldes, havendo pessoas que não

saíam à rua porque sentiam medo, pois eram provocadores e agressivos. Estes moradores não tinham regras de civismo, não sabendo viver em sociedade. Isto decorreu durante cerca de 2,3 anos. Depois o ambiente atenuou mais, porque alguns destes moradores morreram, outros foram presos e outros mudaram-se para outros bairros.

A câmara Municipal tentou encontrar uma solução para melhorar o ambiente entre os moradores e aquando do realojamento. As assistentes sociais não juntavam os moradores problemáticos, colocando uma família por prédio para tentar separá-los o mais possível.

Outro evento recordado foi o concurso das varandas Floridas, na primavera no bairro. Diz a D. Maria: “Houve um ano que quem ganhou foi a Carminda dos Ovos Moles. Ela tem lá tudo cheio de plantas.” “ E outro ano ganhei eu”, disse a D. Joana. “ Eu tinha um maracujá estava em flor e depois liguei lá em cima na varanda uma parte à outra. E então era a parte de cima com flor e a outra cheia de maracujás. E tinha as varandas cheias de sardinheiras de várias cores. Nesse ano ganhei eu, diz a D. Joana orgulhosa. Este evento foi promovido pela Câmara em parceria com a Junta de freguesia durante 2 anos.

Estas residentes gostaram desta iniciativa.

Notas de campo nº 13

Data: 28 de janeiro de 2015

Hora: 14h30 m

Local: Meninarte

Pessoas contactadas: D. Joana, D. Lili Caneças, D. Rosa e D. Amélia

Assunto: Ser Avó!

Informações sobre as infraestruturas existentes no bairro para as crianças.

Importância das crianças no bairro.

A investigadora deu início a este encontro começando por questionar se tinham netos e qual o número de netos. A D. Amélia começou por afirmar com orgulho que tem 4 netas, com as seguintes idades 14, 8, 7 e 3 anos. Nenhuma delas vive no bairro.

A D. Joana tem 3 netos, 2 raparigas e um rapaz. Uma neta tem 22 anos e os outros dois 26 anos. Os netos da D. Joana nasceram e cresceram no bairro de Santiago, um frequentou a escola de São Bernardo, mas os outros dois andaram na escola de Santiago.

A D. Lili Caneças tem apenas uma neta com onze anos que não reside no bairro, mas no entanto frequentou o Jardim-de-Infância e a Escola do 1º Ciclo do bairro. Afirma com tristeza “infelizmente é só essa que eu tenho!”

A D. Rosa tem 4 netos, uma menina e três meninos com as seguintes idades 13, 7,4 e 2 anos, mas não vivem no bairro. Esta residente afirma que os netos vêm visitá-la mas assegura com firmeza “Mas andar na rua não andam!” e continua “eu não deixei andar os meus filhos na rua não vou deixar andar os meus netos, porque não gosto, não fui habituada na rua, nunca deixei os meus filhos andarem sozinhos!” Os netos quando a vêm visitar não vão brincar no bairro e afirma “se vou passear com eles, aqui no bairro não tem nada para eles verem!”

A D. Joana contradiz “até tem, muito entretém aqui para as crianças!”

E a D. Rosa pergunta: “Oh, D. Joana, eles vêm para aqui brincar com quem? Eles não conhecem aqui ninguém! “

E a D. Joana continua “Eu tenho trazido os meus sobrinhos, os da minha terra, têm estado aqui semanas comigo, e eu todos os dias saio com eles para aqui para o parque. Começamos aqui de início e vamos acabar lá em baixo. ” A D. Joana afirma que fazia o mesmo com os netos, quando estes eram pequenos.

A D. Rosa acaba por afirmar que também chegou a ir jogar à bola com os netos mais velhos para o parque do bairro de Santiago.

As moradoras afirmam que existia um parque infantil no bairro, mas encontra-se destruído, assim como o parque.

As residentes afirmam, que os dias de hoje, não vêm muitas crianças a brincar na rua no bairro. Afirmando, as crianças saem das escolas vão frequentar as Atividades de Tempos Livres. E a D. Joana assegura, que muitas crianças que frequentam a escola do bairro não são residentes, porque vêm carrinhas de ATL buscar as crianças.

As moradoras são da opinião que deveria existir um parque infantil no bairro para as crianças poderem brincar, afirmando que existe espaço suficiente para a construção do mesmo. No entanto consideram que o bairro oferece um meio envolvente agradável para fazer um passeio divertido com as crianças. O único parque que existe perto do Bairro de Santiago é o Parque Municipal D. Pedro V, que também não tem muita oferta para as crianças brincarem.

A investigadora colocou a seguinte pergunta? “ Qual a vossa opinião relativamente às crianças na sociedade?”

A D. Joana afirma “É pena haver poucos!”

A D. Amélia diz” Acho que está a haver menos natalidade agora do que havia aqui, por exemplo há 15 anos!”

A D. Joana “É o que dá vida!”

A D. Rosa é da opinião “As mulheres de hoje e os homens também não é querer ter filhos!”

As restantes moradoras não concordam e afirmam que hoje existem poucas crianças, porque não existem empregos e os casais não têm estabilidade económica para poderem ter filhos.

A D. Lili Caneças e a D. Joana afirmam que as crianças do bairro são simpáticas, comunicativas e bem comportadas. As crianças que destruíram o bairro agora já são adultas. As crianças de hoje, têm outra educação.

A D. Maria conta que, há certa de 4 anos, viu um rapaz com um pau a destruir as flores que estavam no jardim à frente da sua casa, ela chamou-o a atenção para ele não fazer e este foi embora e nunca mais foi visto.

Todas elas consideram que as crianças são uma mais-valia para o bairro.

A D. Joana diz "Nota-se quando a escola está fechada. Nós sabemos às horas que eles entram, às horas que eles saem, as horas dos intervalos, porque são crianças, ouve-se aquela vida, elas a saírem, aquela alegria! Eles fazem falta!"

As moradoras afirmam que sentem a falta do barulho, quando são as interrupções letivas.

Durante as férias de verão, as Florinhas de Vouga têm atividades diversificadas, durante um mês, para todas as crianças que estiverem interessadas em participar.

Relativamente, à questão "Gostam de ser avós?", todas elas responderam com um "Sim! "(orgulhoso).

O encontro terminou com a frase " Os netos é a melhor coisa do mundo!"

De seguida ouve um pequeno convívio com todas as pessoas que estavam presentes no Meninarte, onde se lanchou Bolo de Chocolate e chá de limão.

Notas de campo nº 14

Data: 7 de março de 2016

Hora: 12h00

Local: Biblioteca Municipal de Aveiro

Pessoas contactadas: Responsável pela subunidade de Biblioteca e Arquivo histórico e funcionária do Polo de Leitura de Santiago

Assunto: Formalização do pedido para utilizar o espaço” Polo de Leitura de Santiago”.

No dia 17 de fevereiro enviei um e-mail para o Sr. Dr. Vereador Capão Filipe a pedir autorização para utilizar o espaço” Polo de Leitura de Santiago” uma vez por semana para realizar entrevistas, trabalhos de grupo com algumas crianças do bairro e posteriormente com crianças e idosos.

No dia 29 do mesmo mês, recebo um e-mail a propor a realização de uma reunião com a responsável pela subunidade de Biblioteca e Arquivo Histórico, na Biblioteca Municipal para operacionalizar os objetivos da utilização do espaço.

A reunião foi marcada para o dia 7 de março de 2016. A responsável pela subunidade de Biblioteca e Arquivo Histórico recebeu-me no seu gabinete juntamente com a funcionária do Polo de Leitura de Santiago, onde eu expliquei quais os objetivos do meu projeto e esta foi extremamente simpática, mostrando-se desde logo disponível para colaborar no que fosse necessário, disponibilizando os recursos materiais e humanos que fossem precisos. Despedi-me, agradecendo toda a amabilidade e o facto de me disponibilizarem um espaço para a realização do meu projeto.

Notas de campo nº 15

Data: 6 de abril de 2016

Hora: 17h20

Local: Rua Nova - Bairro de Santiago

Pessoa contactada: Tiagogamer2 (nome fictício)

Assunto: Convite para participar no projeto.

Neste dia, como faço habitualmente, estacionei o carro na Rua Nova e dirigi-me para o infantário para ir buscar a minha filha, quando avisto ao longe uma criança. Parei para esperar que esta se aproximasse mais de mim e quando olhei reconhecia-a, era um antigo aluno da Escola Básica 1º Ciclo de Santiago, que participou na atividade “ Libertar o parque, devolvê-lo à comunidade” realizado durante o segundo semestre do primeiro ano de mestrado no âmbito da disciplina “Infância, Educação e Participação Comunitária”. Quando a criança me viu, também me reconheceu, pensei que tinha ali uma oportunidade para formar um grupo de crianças para o meu projeto. De seguida expliquei que estava a fazer um estudo no bairro informando quais os objetivos e perguntei se estava interessado em fazer parte do meu estudo. Para meu espanto ele mostrou-se disponível e ofereceu-se para falar com os seus amigos. Senti um enorme alívio, quando ouvi a palavra sim. No seguimento da conversa, ele disponibilizou o número de telemóvel da mãe para eu falar com ela. Nesse mesmo momento liguei para esta e falei sobre o meu projeto e esta não só autorizou como se ofereceu para falar com os pais dos amigos do filho. Esta encarregada de educação informou-me que quarta-feira era o único dia da semana que o filho não tinha qualquer atividade agendada, assim como os amigos. Em relação ao horário, estavam disponíveis a partir das 16h30. A primeira sessão ficou marcada para o dia 20 de abril no Polo de leitura de Santiago. Despedi-me da senhora, agradecendo a sua simpatia, convidando-a a aparecer no Polo de Leitura para

nos conhecermos pessoalmente. De seguida despedi-me da criança agradecendo a sua disponibilidade. Após a despedida senti uma esperança por ter encontrado aquela criança, mas ao mesmo tempo senti incerteza, com medo que eles não aparecessem ao primeiro encontro. No entanto, segui o meu destino com o coração feliz por ter surgido uma oportunidade para terminar o meu estudo.

Notas de campo nº 16

Data: 20 de abril de 2016

Hora: 17h00

Local: Polo de Leitura de Santiago

Pessoas contactadas: Tiagogamer2, Davidcanhão, Tavares (nomes fictícios)

Assunto: Apresentação.

Neste dia, quando cheguei ao Polo de Leitura, por volta das 17h05m, os três jovens estavam a jogavam computador, enquanto esperavam por mim. Quando me aproximei e me apresentei eles demonstraram alguma timidez, mas evidenciaram vontade e receptividade em participarem no projeto. A primeira atividade realizada foi o jogo “Eu sou... e tu, quem és?”. Formou-se uma roda e combinou-se com o grupo que a roda iria rodar para a direita. O investigador iniciou a atividade apresentando-se e passou para outro, até passar por todos. Os 3 jovens continuavam bastante tímidos.

A segunda atividade consistia no jogo chamado “Teia”. Neste jogo o grupo teve de ser dividido em grupos de 2 elementos. Este tinha de conversar para responderem às seguintes questões: Como te chamas? Que idade tens? Qual o ano letivo que frequentas? Em que escola estudas? Onde vives? Com quem vives? Há quantos anos vives no bairro de Santiago? Em que locais brincas no bairro? Tens amigos no bairro? Gostas de viver no bairro?

Depois de alguns minutos reuniram-se todos e cada um apresentou-se, mas dizendo as coisas do outro como se fosse ele. Eles nesta atividade já estavam mais faladores, riram-se muito, porque acharam engraçado estarem a falar como se fossem o colega. A atividade correu muito bem.

Este grupo de 3 jovens têm 11 anos de idade, frequentaram a Escola Básica 1º Ciclo De Santiago e neste momento estudam na Escola Básica João Afonso de Aveiro. Dois residem no bairro o outro não reside, mas passa o dia todo no bairro, em casa dos avós. Todos eles afirmam com convicção que gostam de viver no bairro, pois têm muitos amigos para conviver e brincar. Gostam de jogar às escondidas e jogar futebol nos campos existentes no bairro, apesar de estes se encontrarem bastante degradados.

Para terminar o primeiro encontro realizou-se uma Caça ao Tesouro no piso do rés-do-chão do Polo da Leitura. Demoraram cerca de 5 minutos a encontrar e foi um momento de descontração para todos. Antes da despedida marcámos encontro para a próxima semana à mesma hora. Os jovens despediram-se com um sorriso no rosto, afirmando que gostaram e senti que alguma timidez tinha sido ultrapassada.

Notas de campo nº 17

Data: 27 de abril de 2016

Hora: 17h00

Local: Polo de Leitura de Santiago

Pessoas contactadas: Tiagogamer2, Davidcanhão, Tavares

Assunto: “O que não gosto no bairro de Santiago?”; “O que mais gosto no bairro de Santiago?”; “O que gostaria de ter no bairro?”

No dia do segundo encontro, cheguei ao Polo de leitura por volta das 17h10. Assim que entrei, reparei que estava um grupo de quatro jovens junto a dois computadores, três rapazes e uma rapariga. Fiquei muito contente, pois eles convidaram uma colega para participar projeto. Aproximei-me e logo me apresentaram a colega, dizendo que queria participar no projeto. Eu demonstrei a minha alegria e agradecia a atitude dos jovens.

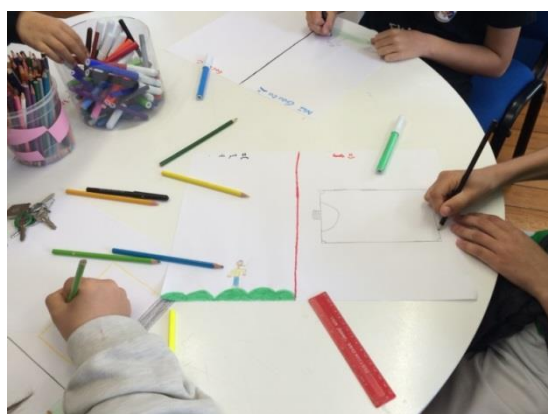
De seguida iniciei a atividade. Distribui uma folha A₃ por cada um e disponibilizei para todos lápis de carvão, lápis de cor e marcadores de diversas cores e borracha. Distribuídos os materiais da dinâmica, pedi para dividissem a folha em 3. De seguida cada um teve que responder, através de desenhos, às seguintes questões:

1ª O que não gosto no bairro de Santiago?

2ª O que mais gosto no bairro de Santiago?

3ª O que gostaria de ter no bairro?

Os participantes dispuseram de 15 minutos para responder a cada uma das questões. No decorrer da atividade os adolescentes realizaram os seus desenhos em silêncio, muito concentrados e demonstraram bastante entusiasmo na elaboração dos mesmos.



Por fim, a apresentação dos desenhos foi feita em grande grupo.

O Tiagogamer2 afirma: “Não gosto de ver as pessoas a beber e a fumar e também de pessoas que andam à porrada. E das pessoas que vêm o cão a fazer as necessidades e depois não apanham e por o lixo no chão. Gosto do convívio com as outras pessoas e gosto de ver as pessoas a serem educadas. Gostava de ter no bairro uma piscina, um parque, um shopping, um campo de ténis, um campo de basquete e depois um sítio para conviver.”

O Davidcanhão diz: “O que eu não gosto é dos cães a fazerem as suas necessidades, as pessoas a deitarem o lixo para o chão. O que eu gosto é do Macdonalds e o que gostava de ter aqui no bairro era uma piscina.”

O Tavares expõe: “O que não gosto no bairro é de pessoas drogadas. O que gosto no bairro é do campo de futebol e o que eu gostava de ter no bairro era uma piscina.”

A opinião do grupo relativamente à primeira questão foi unânime, todos eles não gostam de ver os passeios do bairro sujos com dejetos de animais e de verem pessoas embriagadas a passear pelas ruas do bairro.

Em relação, à segunda questão, mais uma vez a opinião foi igual, todos eles gostam do convívio existente no bairro, dos acessos e dos campos de futebol.

No que concerne à terceira e última questão, todos gostariam de ter uma piscina, um parque infantil, espaços verdes, um campo de ténis e basquete e locais de convívio.

Durante a atividade, foi notório que a 3ª questão foi a que levou mais tempo a pensar e por consequência a desenhar. Foi evidente a preocupação destes jovens em desenhar de forma que a mensagem se percebesse.

Esta atividade realizada com bastante entusiasmo por todos eles.

Para terminar cantámos os “Parabéns” a um dos adolescentes e comeu-se Bolo de Chocolate.

Antes de se despedirem informaram que na próxima semana não estavam disponíveis, e então o próximo encontro ficou marcado para o dia 11 de maio à mesma hora e no mesmo local.

Notas de campo nº 18

Data: 11 de maio de 2016

Hora: 17h00

Local: Polo de Leitura de Santiago

Pessoas contactadas: Tiagogamer2, Davidcanhão e Tavares.

Assunto: Escrever histórias do bairro

Neste dia chovia muito, estava frio e fazia muito vento. Quando entrei no Polo de Leitura estavam três adolescentes com o cabelo molhado e a roupa húmida disponíveis para participarem, mais uma vez no projeto. A dinâmica do terceiro encontro consistia em escrever uma história. Para introduzir o tema, tive como base o título do projeto “Descobrimos as histórias que fazem a história do Bairro de Santiago.”

Distribuídos os materiais da dinâmica, cada um teria de escrever uma história que tivesse acontecido no bairro ou que ouviam contar sobre o bairro ou imaginar uma história vivida no bairro e depois contá-la ao grupo. Os três participantes estavam um pouco tímidos, pouco faladores, mas recetivos à atividade.

O Davidcanhão estava muito pensativo, menos recetivo, terminou ao fim de 10 minutos e não quis escrever mais. O Tavares quando terminou mostrou-se recetivo em imaginar uma história passada no bairro e escrevê-la. O Tiagogamer2 foi o último a terminar a história, demonstrando muito empenho. Todos eles

escreveram histórias que pessoas mais velhas ou amigos lhe contaram. As histórias relatam momentos de insegurança no bairro e episódios de pessoas embriagadas que passeavam pelas ruas do mesmo. O Tiagogamer2 foi o único que contou factos presenciados por ele. Conta que viu uma pessoa com muitos sacos na mão a entregar a um sem-abrigo do bairro, roupas e bens alimentares. E recorda que observou uma pessoa a ajudar uma pessoa idosa com muitas dificuldades em se deslocar a atravessar a rua para o outro lado em cima de uma passadeira.

[illegible]

Contataram-me a seguinte história:

- Que há pouco tempo no bairro em senhor bates a parte de um senhor e a senhora abtiu e batesum-lhe ~~o~~ e assalZaram-lhe a casa e a Senhora foi para o hospital.

- E passado três dias foram bater a porta a outra senhora ele não abti e foram Zentid-entinar pela janela mas a janela estava ~~fechada~~ trancada.

Não da muito dor a noite estava a ir para casa
e passei por uma pequena biblioteca, comecei a ficar com
medo e continuei a andar ~~para~~ para a ~~frente~~ frente
depois encontrei um dogue do outro lado da rua
comecei a andar, parecia que ele estava a ~~se~~ ~~me~~ ~~me~~
perseguição e eu continuei a fugir; cheguei a
casa e fiquei mais aborrecido.

Conclusão

Ao longo da atividade senti que estes jovens não gostavam muito de escrever, pois escreveram pouco e não se empenharam muito, no entanto o seu contributo foi importante.

O Tiagogamer2 termina, dizendo: “Para mim o bairro tem coisas boas e más, mas quem faz o bairro somos todos nós!”

Notas de campo nº 19

Data: 18 de maio de 2016

Hora: 17h00

Local: Polo de Leitura de Santiago

Pessoas contactadas: Tiagogamer2, Davidcanhão, Tavares

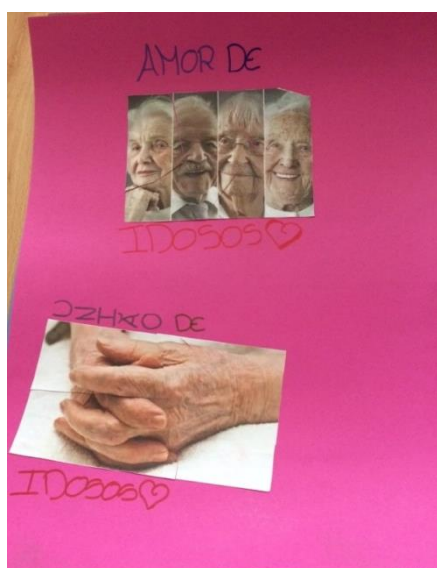
Assunto: Papel da pessoa idosa no bairro e na sociedade.

Este era o último encontro e estiveram presentes três jovens. A atividade consistia: existiam sete imagens diferentes referentes a pessoa idosas em diferentes contextos divididas em pedaços que encaixaram umas nas outras de forma a construir um todo. A cada elemento foi dado uma peça do puzzle e em grupo organizaram o puzzle e De seguida colaram em cartolinas e escreveram pequenas mensagens relacionadas com às imagens. A dinâmica foi realizada com bastante entusiasmo e formaram os diferentes puzzles com bastante facilidade.





No entanto, sentiram alguma dificuldade para entrarem em consenso, relativamente à mensagem que deveriam escrever, pois debateram entre eles para encontrarem a mensagem mais correta. O resultado final foi o seguinte:



As crianças acham que os idosos do bairro estão muito isolados nas suas casas, passeiam pouco pelas ruas dizendo “Eles estão sempre em casa”. No entanto os poucos que se podem encontrar pelas ruas do bairro são respeitados por todos os residentes do bairro. Senti que estes jovens se sentem preocupados com a solidão e isolamento de alguns idosos residentes no bairro.

Estas crianças são da opinião que as pessoas idosas são importantes para a sociedade afirmando um deles: “Têm mais conhecimento, porque já viveram mais anos que nós!” Asseguram que as pessoas idosas são uma fonte de conhecimento muito importante, pois têm muito para ensinar.

Todos eles têm avós, convivendo com eles diariamente. Alguns deles afirmam ter “avós emprestados”, não são avós de sangue, no entanto convivem mais com estes do que com os avós verdadeiros. Passear, brincar e cozinhar são as principais atividades que fazem com os seus avós. Todos eles demonstraram orgulho pelos seus avós, e tristeza quando recordaram aqueles que faleceram.

Ao longo da dinâmica estas crianças demonstraram carinho e respeito pelas pessoas mais velhas, em geral, colocando um pouco de parte os preconceitos e estereótipos relativos a esta faixa etária. Eles consideram os idosos um exemplo a seguir por eles próprios e detentores de uma sabedoria fundamental para os dias de hoje.

Esta atividade foi bastante apreciada por estes jovens.

Notas de campo nº 20

Data: 1 de junho de 2016

Hora: 16h30

Local: Polo de Leitura de Santiago

Pessoas contactadas: Tiagogamer2, Davidcanhão, Tavares, D. Amélia, D. Joana, D. Lili Caneças e D. Rosa.

Assunto: Partilha de histórias do Bairro de Santiago.

O encontro estava marcado para as 16h30, tanto as pessoas idosas como os jovens tinham sido avisados e estes tinham confirmado a sua presença.

Estava muito calor e quando cheguei ao Polo de Leitura às 16h10 este encontrava-se vazio. Pensei logo, esqueceram-se e ninguém vai aparecer, confesso que fiquei bastante nervosa, mas sentia uma esperança de que tudo iria correr bem. Passados uns 10 minutos, chegam os três jovens bem-dispostos. Passado 5 minutos chega a D. Rosa e esta informa que as suas colegas estão um pouco atrasadas. Senti-me mais tranquilo e confiante. De seguida chega a D. Lili Caneças com um ar feliz e logo atrás chega a D. Amélia e a D. Joana um pouco cansadas, porque vieram a pé e estava muito calor.

Iniciei, agradecendo a todos a sua presença e disponibilidade. Imediatamente foi feita uma apresentação breve. As senhoras estavam muito calmas e descontraídas, mas curiosas por saber a que famílias pertenciam aqueles jovens do bairro. Estes demonstraram alguma timidez e sentiam-se um pouco apreensivos.

A D. Joana começou por contar que há muitos anos atrás, os terrenos onde foi construído o Bairro de Santiago eram terras de cultivo de produtos hortícolas que eram vendidos no Mercado Manuel Firmino. Antigamente o bairro de Santiago era conhecido pelos “Comboios Amarelos”.

A D. Rosa explica que os primeiros prédios construídos pertencem ao IRU e os prédios existentes na Rua de Espinho pertencem à Câmara Municipal de Aveiro.

A D. Joana recorda que foi proprietária do Restaurante “O Careca” e tem este nome porque o seu marido era careca. Atualmente este restaurante tem um novo proprietário, porque o marido da D. Joana adoeceu e teve de o trespassar.

A D. Joana relembra que antigamente a rua de espinho era a rua principal do bairro tinha muito comércio, comemoravam o Natal, as marchas de São João, o Dia dos Avós, o Dia do Vizinho.

A D. Amélia relembra que existia um parque infantil. A D. Joana conta que junto à Escola do 1º Ciclo de Santiago existia um parque com uns montes a imitar os montes de sal e casinhas a imitar as casas típicas da Costa Nova.

Os jovens ouvem com muita atenção todas estas histórias e afirmam que desconheciam tudo isto.

A D. Rosa conta que o seu filho aprendeu a jogar Hóquei em patins num campo que existiu há muitos anos, no bairro.

A D. Joana explica que as árvores existentes na rua de Espinho, as ameixoeiras, quando estão em flor, são muito parecidas com as amendoeiras em flor, embelezando muito esta rua. A D. Joana afirma: “ Nós chamávamos que era a rua das amendoeiras, porque em março, nós olhamos e só vimos flor. Era a rua principal do bairro.” A rua de Espinho tinha muitas lojas de comércio abertas. E o Tiagogamer2 afirma, com tom triste “Agora só tem prédios!”

A D. Rosa relembra que onde existe, hoje a Capela, antigamente era uma Pizaria com muito movimento.

A D. Joana recorda que na época natalícia, os comerciantes da rua de Espinho organizavam-se e ornamentavam a rua principal do bairro com motivos natalícios, ficando toda a rua iluminada. Os residentes enfeitavam as suas varandas para participarem no concurso da varanda mais bonita e recebiam prémios, iniciativa

promovida pela Câmara Municipal de Aveiro. Há a uns anos a esta parte, esta rua nunca mais foi enfeitada pela altura do Natal.

A D. Rosa relembra que o Hóquei em Patins, foi um desporto muito importante para promover o convívio entre os residentes do bairro. Existia uma equipa masculino formada por jovens residentes do bairro e os moradores acompanhavam a equipa por todo o país. Recordam que eram tempos de grande convivência e alegria entre os residentes.

As moradoras lembram que os primeiros moradores do bairro tiveram muita dificuldade em se adaptarem a viver num apartamento, alguns destruíram o interior dos apartamentos, porque estavam habituados a viver em casas térreas com locais de cultivo, sentiam-se “presos” e revoltados e vinham para a ruas e provocavam desacatos. Estes episódios contribuíram para dar “mau” nome ao Bairro.

O Tiagogamer2 conta que um dia viu um senhor entregar sacos a um sem-abrigo do bairro.

No decorrer das histórias, as moradoras ficaram a saber a que famílias estes jovens pertenciam. Chegaram à conclusão que todos se conheciam e sabem onde cada um vive.

Senti que as moradoras criaram uma certa empatia pelos jovens demonstrando carinho, tratando-os muitas vezes por “Meninos”.

O diálogo entre estes dois grupos intergeracionais foi muito benéfico, uma vez que se proporcionou uma grande partilha de conhecimentos.

E afirmam que gostam de viver no bairro

As jovens afirmaram que gostaram muito de tudo aquilo que ouviram e que ficaram muito surpreendidos com todas as histórias que ouviram, pois desconheciam. “O Tiagogamer2 afirma: “Fiquei a conhecer melhor a história do bairro, são histórias interessantes. Vou contar à minha mãe!” O Tavares disse:

“Gostei de ouvir estas histórias! Nunca ninguém me tinha contado!” e o Davidcanhão afirma: “Gostei muito das histórias!”

As pessoas idosas sentiram-se orgulhosas pelos seus conhecimentos relativos ao bairro e pelos jovens terem gostado.

Achei bastante curioso que tanto as moradoras com os jovens residentes afirmam gostarem muito de viver no bairro, no entanto as moradoras sentem-se seguras a circularem pelas ruas durante a noite e os adolescentes afirmaram que não.

Para terminar houve um pequeno lanche, seguido de um momento de convívio.

Despedimo-nos marcando encontro para o dia 8 de junho, no mesmo sítio e no mesmo local.

Saí daquele local, contente pelo momento vivido entre estes dois grupos de faixas etárias tão dispare.

Notas de campo nº 21

Data: 8 de junho de 2016

Hora: 16h30

Local: Polo de Leitura de Santiago

Pessoas contactadas: Tiagogamer2, Davidcanhão, Tavares, D. Amélia, D. Joana, D. Lili Caneças e D. Rosa.

Assunto: Aspetos positivos, negativos e a melhorar no bairro de Santiago.

Neste último encontro todos foram pontuais. Todos se cumprimentaram e a timidez sentida no primeiro encontro foi esquecida e substituída por sorrisos e boa disposição.

Iniciei esta sessão, explicando o assunto a abordar e que o objetivo era escrever uma carta para entregar ao Presidente da União das Freguesias Glória e Vera-Cruz.

Comecei por questionar quais os aspetos positivos do bairro.

A D. Rosa interveio, imediatamente dizendo “Eu gosto de tudo! Simplesmente há duas coisas é as árvores e é os passeios.” Esta moradora gosta de viver no bairro afirma que se sente segurança no bairro.

A D. Lili Caneças interrompeu dizendo que o bairro “ Tem muita coisa boa! A gente aqui não nos falta nada!” Acrescenta que gosta dos vizinhos e do ambiente. Esta residente diz com orgulho sobre o bairro “Pertence-me um bocadinho!”

Os jovens afirmam que gostam do convívio entre os amigos/vizinhos. Como o bairro possui um campo de futebol perto dos apartamentos estes podem ir jogar para o campo sozinhos, pois os pais facilmente verificam a sua presença neste. No entanto afirmam que sentem um pouco de receio quando tem de andar no bairro à noite sozinhos, principalmente no inverno que escurece muito cedo.

A D. Albertina afirma com vaidade “Gosto de viver no bairro!”

A D. Joana vive no bairro há muitos anos e afirma “Vi fazer o bairro todo! E é um bairro onde as pessoas podem viver com segurança sem problemas nenhuns! Aconselho a quem quiser vir viver no bairro!”

O grupo de moradores consideram o bairro um local muito agradável para viver, tendo uma boa acessibilidade pedonal e de transportes públicos. Este oferece aos moradores, uma grande variedade de serviços preestabelecidos, tais como: farmácia, padaria, talho, mercado, escola primária, centro de saúde, hospital, agência bancária, supermercado. Como fica tudo muito perto, têm a facilidade de se deslocarem a pé para todo o lado. Neste momento vive-se um ambiente tranquilo entre os moradores. Todos eles afirmam que é muito bom viver neste bairro e aconselham qualquer pessoa a vir viver para aqui. Relativamente à

segurança, as pessoas idosas consideram o bairro seguro, afirmando que existe Polícias de Proximidade num gabinete sediado na Rua de Espinho, número 30, com dois polícias que se deslocam pelas ruas do bairro a pé ou de carro, visitam as pessoas idosas que vivem sozinhas, dão apoio à escola e quando surge algum problema eles são os primeiros a intervir.

Apesar da opinião anterior, o bairro também apresenta alguns aspetos negativos. Em relação a estes, todos os moradores partilham da mesma opinião. Os aspetos negativos são: ruas e passeios sujos, com dejetos de animais e degradados devido às longas raízes das árvores; falta de luminosidade no período noturno, porque os candeeiros encontram-se cobertos com as grandes copas das árvores; campos de futebol destruídos e jardins deteriorados.

Os residentes do bairro, também foram unânimes quanto aos pontos a melhorar no bairro de Santiago. E estes são os seguintes: construir um Parque Infantil; reabilitar os espaços verdes já existentes; limpar e consertar as ruas e passeios do bairro; promover o comércio local; criar um programa cultural para proporcionar momentos de convívio entre os moradores; recuperar os campos de futebol; recuperar e pintar os edifícios pertencentes ao bairro de Santiago e podar as árvores.

Este encontro terminou com um lanche e com a entrega dos certificados de participação. Todos agradeceram e ficaram orgulhosos por terem recebido um certificado.

Despedi-me do grupo agradecendo toda a disponibilidade que demonstraram para participarem no projeto.

Anexo 3: Declaração de Consentimento das pessoas idosas para a participação neste projeto



UNIVERSIDADE DE AVEIRO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Patrícia Maria André Madail, aluna do Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária da Universidade de Aveiro, estou a desenvolver uma pesquisa intitulada “ Descobrindo as estórias que fazem a história do Bairro de Santiago”.

A sua participação nesta pesquisa é fundamental. Gostaria de poder contar consigo para a realização de algumas atividades e conversas sobre o Bairro de Santiago. Esperamos realizar algumas destas atividades com um grupo de crianças. Desenvolveremos estas atividades em sessões semanais com a duração de cerca de 1 hora e 30 minutos.

A sua participação neste estudo é completamente voluntária. Se desejar poderá desistir a qualquer momento. Em nenhum momento será penalizado por recusar participar neste estudo.

Eu,, fui esclarecido (a) sobre a investigação: “Descobrindo as estórias que fazem a história do Bairro e Santiago”.

Concordo em participar e que os meus dados sejam utilizados na realização da mesma.

Data:

Assinatura:

Anexo 4: Guião da entrevista exploratória

Guião da Entrevista Exploratória

I – Caracterização do (a) participante

1.1. Nome: _____

1.2. Idade: ____ (em anos) 1.3. Data de Nascimento: ____/____/____

1.4. Sexo: F () M ()

1.5. Estado civil: () Solteiro () casado () união de facto () viúvo

() divorciado

1.6. Religião: _____ 1.7. Escolaridade: _____

1.8. Local de residência: _____

1.9. Nacionalidade: _____

1.10. Naturalidade: _____ (concelho)

1.11. Situação profissional: _____

1.12. Profissão: _____

1.13. Número de filhos e idade: _____

2.1. Onde vivia antes de vir para o bairro?

2.2. Com quem vivia?

2.3. Tinha vizinhos? Qual era a sua relação com os vizinhos?

2.4. Qual o motivo que o levou a mudar para o bairro?

2.5. Quem lhe ofereceu ajuda na sua vinda para o bairro?

2.6. Recorda-se do dia em que veio para o bairro?

2.7. Veio com quem?

2.8. Como foi a sua adaptação?

2.9. Que dificuldade sentiu durante a adaptação?

2.10 Com quem veio morar ara esta ova casa?

2.11. E com quem vive atualmente?

2.12. Os seus vizinhos também vieram? Foram para o mesmo bloco?

2.13. Recorda-se de alguém que tenha recusado a vinda para o bairro? Mantém amizade com essas pessoas?

2.14. O que é que existia no bairro? Que serviços? Atividades culturais?

2.15. O que mudou na sua vida com a vinda para o bairro?

2.16. Há quantos anos vive no bairro?

Obrigada pela sua colaboração!

Anexo 5: Transcrição das entrevistas exploratórias

Entrevista Exploratória nº1

I – Caracterização da participante

1.1. Nome: Joana (nome fictício)

1.2. Idade: **70**

1.3. Data de Nascimento: **23-06-1946**

1.4. Sexo: F (**x**) M ()

1.5. Estado civil: () Solteiro () Casado () União de facto (**x**) Viúvo

() Divorciado

1.6. Religião: **Católica**

1.7. Escolaridade: **4ªClasse**

1.8. Local de residência: **Rua de Anadia nº4 2º Esquerdoveiro**

1.9. Nacionalidade: **Portuguesa**

1.10. Naturalidade: **Montemor-o-Velho**

1.11. Situação profissional:

1.12. Profissão: Trabalhadora por conta própria-comércio

1.13. Número de filhos e idade: **2 Filhos (48 anos, 46 anos)**

II- Questões Exploratórias

Patrícia: Onde vivia antes de vir para o bairro?

D. Joana: Antes de vir para o bairro vivia em Moçambique. Quando vim de Moçambique vim para aqui.

Patrícia: Em que ano?

D. Joana: Em 80

Patrícia: Com quem é que vivia em Moçambique?

D. Joana: Com o meu marido e com os filhos.

Patrícia: Portanto, lá tinha vizinhos? Muitos

Patrícia: Qual era a sua relação com eles?

D. Joana: Era boa, nunca me zanguei com ninguém, nunca andei à luta com ninguém. Até agora não sei, isso não serve para mim.

Patrícia: Qual foi o motivo que o levou a vir aqui para o bairro?

D. Joana: O motivo da guerra em Moçambique, destruir lá e eu tive de procurara e vir para aqui. Arranjei aqui este comércio.

Patrícia: Qual foi o comércio?

D. Joana: Era uma tasquinha que havia ali de comes e bebes.

Patrícia: Onde?

D. Joana: No eucalipto. Chamava-se eucalipto.

Patrícia: Abriu essa tasca quando veio de Moçambique...

D. Joana: Já estava aberto e eu fiquei com o trespasse da loja. Aquilo era pequenino, não tinha condições nenhuma.

Patrícia: Depois veio para cá?

D. Joana: Depois fiquei logo a viver ali. Havia o estabelecimento e eu vivia lá.

Patrícia: Depois é que veio para o bairro?

D. Joana: Depois aquilo ali já estava vendido para quem comprou que foi o Fundo Fomento e Habitação. E nós viemos para ali já com essa condição de sair

para depois sermos realojados. E então ao fim de 10 anos de estarmos ali é que viemos aqui para a Rua de Espinho, para o restaurante.

Patrícia: Como é que se chamava o Restaurante?

D. Joana: Era o “Careca”. E depois a partir daí é que começámos, estivemos sempre aqui, pronto nunca saímos daqui. Depois deu uma trombose grande ao meu marido tivemos de deixar. Depois passei e fomos então viver para a Rua de Anadia.

Patrícia: Trespassei o negócio?

D. Joana: Sim.

Patrícia: O negócio esteve aberto há quantos anos?

D. Joana: Aqui no 90, estive alguns 10 anos ainda aqui aberto. 10 ou mais de 10. Fomos nós que viemos fazer a casa, portanto quando ficámos com isto. Saímos dali, viemos aqui, para tivemos de ficar depois demos, já não me lembro quanto o meu marido deu, mas tivemos de fazer as obras à nossa conta, comprámos isto em bruto. As obras foram à nossa conta e depois aqui ficámos. Até que depois trespasámos, que depois ele não podia estar ali, não é, deu-lhe a trombose e abandonámos. E depois tivemos de trespassar a casa, senão ainda estava lá hoje.

Patrícia: Como é que foi a sua adaptação às pessoas do Bairro?

D. Joana: Foi bom.

Patrícia: Foi bem recebida?

D. Joana: Sim, porque isto estava de início, né. Depois começaram a vir para aqui assim umas pessoas esquisitas que vieram de lá de baixo das marinhas e no início foi complicado estar aqui havia sempre muita guerra, parecia o foroest, fizeram muitas misturas, mas depois começámos a habituarmos

Patrícia: Quando veio para aqui, veio viver com o seu marido e com os seus filhos?

D. Joana: Sim, os filhos estudavam, eram novos, portanto eles estiveram 5 anos com os avós, depois vieram aqui, quando nós viemos em 80, portanto fizeram aqui o 12º, depois não quiseram estudar mais. O mais novo trabalhou sempre comigo, sempre a trabalhar. Ainda hoje tem aí o salão de jogos ainda ficou.

Patrícia: Ficou com o salão de jogos?

D. Joana: Sim. Portanto, agora é dele, né.

Patrícia: Pois, exato...

D. Joana: Mas ficou sempre em convívio connosco, esse nunca saiu da beira do pai e da mãe.

Patrícia: E no restaurante? Serviam refeições?

D. Joana: Muitas. Ao almoço e jantar. E depois tínhamos balcão, também. Abria às 7 da manhã e encerrava à meia noite. Sempre seguido. Quem cozinhava era eu.

Patrícia: E gostava?

D. Joana: Muito, imenso. Eu gosto muito da cozinha. Também acho que não há nada que eu não goste de fazer. Gostava imenso da cozinha, por isso é que eu digo se não fosse o meu marido ainda hoje estava lá. Gosto imenso da cozinha. E então cheguei a ter, a sala de cima e a de baixo, chegámos a ter ali cerca de 100 pessoas por dia. Refeições diárias eram 2 pratos, eu tinha muitos trabalhadores, como andavam aqui as obras e assim. As pessoas tinham 1 hora para comer. E então chegava-se e ao meio dia e eu tinha sempre feito dois pratos, carne e peixe. Como tinham só uma hora aquilo era sempre a aviar. Era prato feito na cozinha, o prato já ia feito. E então nessa hora eles tinham de estar despachados. Quem vinha com mais tempo e queria outra coisa esperava, tinha-se que fazer,

né. Mas comida feita era sempre duas qualidades, peixe e carne. Era uma hora que eles tinham de comer, nós tínhamos de servir e despachar numa hora.

Patrícia: Em que ano, recorda-se?

D. Joana: Então 80, em 90.

Patrícia: E recorda-se desse dia?

D. Joana: Recordo. Recordo-me desse dia, 8 dias antes de nascer o meu neto, viemos aqui passar um domingo, passámos aqui a tarde a experimentar as máquinas, o fogão e assim e eu estava a fazer uns bolos para inaugurarmos aquilo e faltou a luz, tivemos que estar a bater os bolos com uma colher de pau, para conseguirmos fazer-los, porque o fogão era a gás. Faltou a luz e nessa noite, nasceu a minha neta. Ficou marcado. Mas era bom. Tínhamos muito movimento, era bom. Éramos muito atenciosos com as pessoas, ainda hoje quando passo em qualquer lado, todos me cumprimentam na rua, todos. Não há ninguém, ninguém que não me cumprimente aí e eu também, claro. Gosto de respeitar. Éramos muito amigos aqui das pessoas. No primeiro de janeiro, vinham aqui à minha casa comiam e bebiam e ninguém pagava nada, era uma oferta para os clientes que vinham durante o ano. De manhã, quem passasse, fosse daqui ou não aqui ninguém pagava. Em novembro tínhamos o dia dos nossos trabalhadores, todos juntávamos, todos vinham cozinhar, cozinávamos uns para os outros. Vinham eles e vinha a família. Convivíamos aqui, almoçávamos, estávamos o dia inteiro aqui todos juntos. E era também um miminho. Não tínhamos ninguém no universo que nos quisesse mal no bairro.

Patrícia: E quando abriu aqui o seu restaurante, havia aqui mais alguma coisa?

D. Joana: Não, não havia nada. Abriu depois aqui esta pastelaria, agora e depois abriu lá em baixo a “Fonte” que era o minimercado e depois abriu uma ourivesaria que já fechou, depois abriu uma ourivesaria e depois iam abrindo e iam fechando. Depois abriu ali o Pita depois o Beira-Mar, mas depois iam fechando, porque não aguentavam.

Patrícia: E o que é que mudou na sua vida, quando veio para aqui para o bairro?

D. Joana: Para mim mudou, porque foi uma vida diferente. Em Moçambique o comércio não era este, era venda de mobílias. Tínhamos oficina e loja própria para vender.

Patrícia: Mudou totalmente de ramo.

D. Joana: Totalmente. Porque não vinha habituada a nada disto. Mas tivemos de despertar, encarar e começar do zero. Mas ali a tasquinha era mais em petiscos.

Patrícia: Como é que se chamava a pequenina? Também era Careca?

D. Joana: Era Careca, porque aquilo não tinha nome, depois passou dali para aqui o nome. Como o meu marido era careca, e como o conheciam por careca ele disse antes que me batizem eu vou já por o nome de careca. E depois ficou o restaurante. E foi assim, começámos devagarinho, sempre a conviver com as pessoas e fizemos uma casa boa. Muito boa mesmo. Era a melhor casa daqui da zona de restaurantes.

Patrícia: E porque é que mudou do eucalipto para aqui?

D. Joana: Porque foi a baixo, aquilo era do Fundo Fomento e habitação que eles compraram a área toda do bairro. E aquilo também pertencia. Tanto que nós quando para ali viemos já estava comprada aquela área toda para ser para o bairro. Só que aquilo andava lá numa revolução com os proprietários, porque acho que não estavam a pagar o combinado e depois parou uns anos por causa disso, porque depois as pessoas não queriam deixar entrar nas propriedades e acho que não deram o dinheiro que tinham combinado e atrasou-se assim uns anos. Depois quando eu vi, andavam já a fazer o bairro, ali as primeiras e depois a partir daí é que foi isto tudo. E isto veio dar muita vida, porque fiz muito comércio e então aquilo lá já estava a tornar-se pequenino, a loja era muito pequenina, era só uma salinha pequenina e aquilo tinha de fazer refeições três vezes ao dia, ao meio dia, meio-dia e meia e à uma hora. Não havia mais nada

por aqui, e então quando depois passei para aqui a casa era maior, tinha mais espaço e deu para desenvolver. Tinha 13 pessoas a trabalhar comigo. 13 Funcionários. Não era pouco. Porque isto era assim, de manhã eram os pequenos-almoços, era sempre o balcão cheio, porque depois eu também fazia bolos, fazia coisitas assim, vendia à fatia e as pessoas gostavam. Agora vamos tomar um cafezito, comíamos uma fatia de bolo. Começavam a ter conhecimento, tinham e assim e começavam assim a aparecer. E depois tinha balcão da parte da tarde e depois era o jantar. Estava sempre a funcionar até à meia-noite. Era muito trabalho, muito esforço, mas dava. Quando a gente vê que trabalha e vê que tem que dá para tirar para os empregados e para nós, então até dá gosto em trabalhar.

Patrícia: E também gostava daquilo que fazia?

D. Joana: Gostava. Até porque eu não saia da cozinha, era a minha vida.

Patrícia: Mas as pessoas conheciam-na?

D. Joana: A mim?

Patrícia: Sim.

D. Joana: Não, muitos não me conheciam. Muitos não sabiam quem era a cozinheira. Nós os últimos anos, quando começámos a fazer férias, ia eu e o marido 15 dias e depois ia o filho a seguir e então íamos para Nazaré. E uma vez andava mais o marido a passearmos no mar e vira-se assim um senhor para o meu marido. - Onde é que está a cozinheira que você tinha lá? Fazia aquele bacalhau com natas, tão bom. E ele assim, onde é que está? Sei lá onde é que está? A sério? E aqueles que ela fazia lá tasquinha? Ai que coisa tão boa, nunca mais comi. A senhora já morreu? Você está a falar com ela, está aqui ao lado dela. Portanto eles não me conheciam. O marido é que sai às compras, eu ficava sempre por ali, havia pessoas que não me conheciam. E então às vezes faziam perguntas. Então a pessoa que fazia isto ou aquilo? Está a ver?

Patrícia: Quantos anos teve o restaurante?

D. Joana: 1990, ora há 10, sei lá, agora não me lembro. O meu marido morreu há 10, há 16 anos, quantos anos. Tivemos 6 anos, o trespasse da casa até ele falecer. Ele faleceu há 10 anos, há 16 . Estamos em 2014. Ele faleceu há 10 anos, foi portanto em 2004. Foi portanto desde 1990 até 2004. E depois tivemos de deixar, porque não dava. Ou tinha de tomar conta dele ou tinha de estar no restaurante. O filho não quis ficar, se a mãezinha tivesse na cozinha, tá bem, agora assim não.

Patrícia: Depois trespassaram?

D. Joana: Sim

Patrícia: Sentiu pena?

D. Joana: Nem é bom pensar nisso. Quando eu passo ali e vejo a casa sem movimento nenhum, dá pena, mas as pessoas não têm todas o mesmo feitio. Aquilo tem de ter maneiras para atender as pessoas e depois costuma-se dizer “Não é com vinagre que se apanham moscas” Não É? Eu fazia ali uns torresmosinhos e oferecia-os ao balcão. Havia sempre um miminho.

À sexta-feira, havia o totoloto e então aqueles pratinhos de torresmos, que eram dados, oh. Eles consolavam-se, sempre a sair quentinhos. Ficava bem e os clientes gostavam. É. Depois já estavam cheios daquilo, mandavam fazer uma bifana, mandavam fazer uma sandes disto ou daquilo. E tudo isso fazia negócio, não é. Por isso é que eu digo que não é com vinagre que se apanham moscas. É assim a vida.

Patrícia: Muito obrigada, D. Joana pela sua entrevista.

D. Joana: Havia o Presidente da Câmara, nessa altura. Como é que se chamava?

Patrícia: Dr. Girão?

D. Joana: Dr. Girão Pereira vinha com a esposa dele, aí por volta das 11 horas, aqui ao meu estabelecimento, agora na altura do inverno para comer umas castanhinhas assadas. Tinha muitas plantas, aquilo parecia um jardim, tinha muitas plantas à volta, à volta das casas e ele dizia que íamos para o jardim. E eu assava as castanhinhas e iam os dois lá para cima mais o meu marido, depois da casa fechar e lá estávamos em convívio. Ele gostava muito de vir até ali. Saudades. Não pode durar sempre.

Patrícia: Tudo a seu tempo, não D. Joana?

D. Joana: Mas deixou pena. Deixa pena, porque nunca contava deixar tão rápido. Depois a médica começou a meter-me medo. Não pode lá ficar senão acontece o que aconteceu ao seu marido, é muito trabalho, muito esforço, depois você anda-se lá a matar, é melhor passarem a casa. Depois o filho assinou. Primeiro lugar está a saúde. O meu marido não podia estar lá. Porque aquilo queria muita paciência e depois o sistema nervoso e as pessoas com álcool. O meu marido era muito exigente. Não deixava dizer asneiras, queria educação, exigia mesmo, e então aquilo enervava-o. Conversa com uma pessoa a bem e depois ter de se enervar para obter mais coisas, e ele havia vezes que se enervava bastante. E então a médica aconselhou mesmo, e deu-lhe e depois volta-lhe a dar e depois é pior. Acabo, mas eu gostava. Já tenho dito ao filho vamos abrir uma lojinha para a gente os dois? Mas ele não quer. Não porque ele sabe que é trabalhoso. Só quem não passa por lá. Quer se dizer, estruturar as coisas. Quem está connosco trabalha se nós mandarmos e então aquilo tem de tar tudo certinho, porque é preciso isto ou aquilo tem de estar pronto a sair, não é na altura que se vai fazer.

Patrícia: Os seus clientes eram do bairro ou fora do bairro?

D. Joana: Eram de todo o lado. Havia motoristas que passavam e conheciam-nos dali, porque não havia nada do que está agora. A rotunda não existia. A 109 ali tinha semáforos e os camionistas paravam todos ali para almoçar e depois

paravam na mesma e vinham a pé almoçar para aqui. E pessoas que passavam que até não eram daqui, mas andavam a trabalhar por aqui perto e vim.

Patrícia: E portanto, a D. Joana viu este bairro a nascer!

D. Joana: Sim.

Patrícia: O que é que acha, desde que veio para aqui até agora?

D. Joana: Quer se dizer, melhorou em ambiente as pessoas conviverem, melhorou muito, porque não havia dia nenhum que não houvesse desordem, não se entendiam. Muitas pessoas habituadas a ter uma casa grande, fazerem o que queriam, vêm para o apartamento é diferente, não é. Não têm espaço, têm de ter o espaço deles e aceitar o espaço dos outros, né. Quando a gente vem e está habituada a por para ali um balde de água, um saco do lixo para ali, uma garrafa para aquele lado, arranjam-se problemas e então eram esses problemas que existiam e depois andavam à porrada uns com os outros, andava aí sempre a polícia. Era raro o dia que não viesse a polícia, mas agora está bom. Em todos os lados há desavenças, no centro da cidade. A pessoa pensa que é mais civilizado e acaba por haver.

Patrícia: Acha que as pessoas quando vieram para aqui vierem de boa vontade?

D. Joana: Muitas não vieram. Muitas foram realojadas, e muitas habituadas a fazer aquilo que eu disse é diferente aqui, tavam mas não estavam bem, estavam revoltadas. Era essa revolta, como não tinham mais ninguém vingavam-se nos vizinhos, era aí que haviam as discussões

Patrícia: Lembra-se assim de algumas situações?

D. Joana: Muitas ainda estão presas, uns das salinas, uns ciganos já morreram também, eram os que vinham mais revoltados. Muitas famílias já nasceram aqui já são educadas, andam nas escolas, as crianças já convivem umas com as outras. Já é diferente dessa altura. Vieram pessoas que estavam independentes,

ora se a pessoa está sozinha tenta a fazer o que quer veio-se enfiar aqui já sabia que ia haver problemas.

Patrícia: Depois houve mistura de culturas, não?

D. Joana: Foi aí também que não aceitavam bem, mas era o que dizia o Presidente da Câmara e a Vereadora, temos de fazer assim para conjugar as pessoas para elas se habituarem a conviver umas com as outras. Senão continuava sempre na mesma. Temos de nos habituar. Vá a senhora viver com ele, para ver se entende, vá! Habituada a estar no meu cantinho, sem problemas, vem uma pessoa dessas, tenho de me revoltar. Quero passar não consigo, porque me sujam isto, sujam aquilo, está a roupa a secar mandam água para cima da roupa, mandam tudo, a pessoa. Há pessoas que não têm educação, né e então aquilo pegava logo fogo.

Patrícia: Havia muitos conflitos?

D. Joana: Havia muitos conflitos, por causa disso.

Patrícia: A D. Joana veio viver para aqui também, para a rua de Espinho?

D. Joana: Eu vivia por cima do restaurante, porque na parte de cima como tem a sala, eu tive de fazer uma casa de banho, que era para os empregados tomarem banho e então tinha a sala em baixo, com casa de banho com tudo e a cozinha e na loja de cima tivemos de fazer uma casa de banho que era para os empregados tomarem banho e então nós dissemos se temos casa de banho vivemos aqui também, fizemos lá um quatinho para nós e vivíamos aí. Portanto aqui era todo o dia no mesmo sítio. Até porque quando deixámos, a médica obrigou-nos a fazer exames aos pulmões, porque era de dia e de noite a fumar. Nessa altura não proibiam o fumo. As pessoas que estavam ali estavam a fumar, a parte de cima, mesmo com exaustores e tudo, mas o fumo acumula sempre. E então como nós morávamos ali ela disse que têm de fazer exame aos pulmões, porque estão sujeitos, porque fumam de dia e de noite, e que nem se quer saíamos dali. Mas foi bom. Fora uns aninhos muito bons. Passou. Mas melhorou mais calmo o bairro.

As pessoas são amigas, mais civismo e tudo. Já estão mais habituados, as crianças umas com as outras. Isto já á vai há 20 e tal anos, acho eu. Portanto as pessoas vão-se habituando umas às outras. Muitas casas fecharam por causa da fama do bairro, porque as pessoas têm medo por causa de uma pessoa. Mas é assim, nós na altura quando abrimos se tivéssemos receio a isso, também fechava logo.

Patrícia: E essa pessoa vive aqui há muito tempo?

D. Joana: Vive. Parte em casa dele também, não é só nas lojas. Ele com o álcool, nem os filhos o conseguem assegurar. É pena, aqui muitas lojas que podiam estar abertas. Podia ter mais comércio, ter mais pessoas, porque isto é um bairro dormitório. As pessoas vão trabalhar e vêm dormir. Portanto não têm tempo de se chatear. Mas o mesmo o pouco comércio que há agora aí tem estado mais ou menos sossegado. A pastelaria aí, dois cafezinhos aí também, em frente à pastelaria também já estão a uns anitos. Aqui o Pita às vezes fecha, agora até se está a aguentar, também está a funcionar. Esta aqui que era a pastelaria está a trabalhar mas não é para venda ao público, a fazer sobremesas para os hipermercados, para as lojas e para os restaurantes, já está embalado e tudo, fabrica e entrega, mas não vende ao público. De resto casas fechadas aí é só a ourivesaria é uma lojita que havia aqui ao lado do salão de jogos e este café. Mas o resto as lojas estão a funcionar.

Patrícia: Tem um cabeleireiro?

D. Joana: Tem. As pessoas também têm ali um talho. O talho já está há muitos anos. Tem a Fonte, que agora não é Fonte. Este já está desde que eu abri, o minimercado

Patrícia: Como se chama?

D. Joana: Agora acho que é Cesto, era a Fonte. Agora acho que é o Cesto ao pé do talho. Ao lado do talho. Tem também aqui muitas lojas das florinhas, aquelas partes lá por baixo estão alugadas também para fazer aquelas associações que

dão aulas para os idosos. Tem uma também que é da luta contra o cancro, lá mais para baixo. São coisas que não estão abertas ao público. Têm trabalhos, mas não estão abertas ao público. Mas é a rua de Espinho que era a rua principal, quando eles fizeram, que era a rua do comércio. Quando eu estava aqui, esta rua era a rua mais bonita de Aveiro. Foram condecoradas varandas floridas e por Natal tinha arcos do Natal e esta rua era toda enfeitada pelo Natal.

Patrícia: Pela Câmara?

D. Joana: Pela câmara, mas eram as lojas que pagavam, para a rua ser embelezada. Ficava muito bonito. Agora acabou tudo. Não há nada. Essas festinhas acabaram. Era bonito, no Natal a rua toda iluminada por aí abaixo, era bonito. Era a rua principal. Depois as coisas mudam. As coisas e nós. Acaba tudo. Começam a perder as forças e pronto. Quando foi feito o bairro esta era a rua principal, a rua de Espinho. Depois construíram a outra parte que é virada Esta e a outra e depois construíram a Chave. Já foi tudo depois de nós estarmos aqui, que foi construído. A primeira parte foi aquela, depois foi este, daqui e a de lá, depois foi a Chave quase ao mesmo tempo que aquele e depois foi o fecho do bairro, foi agora ali aquela zona que agora eu estou, que é a Vila Jovem que é o fecho do bairro. Essa parte aí era o fecho do bairro, essa área toda foi comprada pelo Fundo Fomento habitação que abrangia a lojinha que eu tinha também. No fecho do bairro há ali uma churrasqueira, eu moro por cima, a parte do jardim em frente era onde eu tinha a tasquinha, a loja aquilo foi fizeram a rotunda e apanhou aquela área toda assim. Isso era tudo do Fundo Fomento habitação. Uma história de um bairro. Fizemos uma casa boa, boa mesmo, era a melhor casa aqui da zona.

Patrícia: Obrigada pela sua colaboração!

Entrevista Exploratória nº2

I – Caracterização da participante

1.1. Nome: Lili Caneças

1.2. Idade: **72** 1.3. Data de Nascimento: **3-10-1944**

1.4. Sexo: F (**x**) M ()

1.5. Estado civil: () Solteiro () Casado () União de facto (**x**) Viúvo
() Divorciado

1.6. Religião: **Católica**

1.7. Escolaridade: **4ª Classe**

1.8. Local de residência: **Rua Nova Bloco 7, 3º D- Aveiro**

1.9. Nacionalidade: **Portuguesa**

1.10. Naturalidade: **Branca**

1.11. Situação profissional: **Reformada**

1.12. Profissão: Empregada doméstica

1.13. Número de filhos e idade: 1 Filho (40 anos); 1 Filha (faleceu)

II- Questões Exploratórias

Patrícia: Onde vivia antes de vir para o bairro?

D. Lili Caneças: Antes de eu vir para o bairro morei na Pega, na rua da Pega. Que é ao pé do pavilhão do Beira-mar, ao pé da Universidade, ao pé da cadeia.

Patrícia: Com quem vivia?

D. Lili Caneças: Eu vivi lá com o meu marido e com os meus filhos. Primeiro vivi com a minha sogra, quando me casei. Casei-me já há 50 anos. Vivi lá com a minha sogra, com o meu marido e com os meus filhos. Ao depois, primeiro vivi com ela ao depois aluguei um quartinho e estava lá a viver.

Patrícia: E tinha vizinhos?

D. Lili Caneças: Tinha.

Patrícia: Qual era a sua relação com os vizinhos?

D. Lili Caneças: Era boa, só que uma o outra é que não era lá muito boa, pronto, mas ao mais de resto eu dou –me bem. Eu sou dada à boa paz, dou-me bem com toda a gente

Patrícia: Qual foi o motivo que a levou a vir aqui para o bairro?

D. Lili Caneças: Porque a casa não tinha condições, e chovia lá muito em casa, e não tinha uma casa de banho, a casa de banho, a gente tinha de vir à rua para fazer, porque a casa de banho ficava cá fora. E a gente para tomar banho, tomávamos banho numa bacia, aquecíamos a água ao fogão. E maneira que ó depois eu comecei a concorrer para aqui assim depois lá a muito custo lá me arranjaram aqui a casa. Já estou aqui há 22 anos.

Patrícia: E quando veio aqui para o bairro, alguém lhe ofereceu ajuda?

D. Lili Caneças: Não. Eu tudo o que eu tenho lá na minha casa, fui eu que fiz, porque a minha filha, infelizmente era alérgica à alcatifa e essas coisas todas e eu tive que por tijoleira, tive que por tábua nos quartos e essa coisa toda. Foi tudo à minha custa. Eu nunca chateei a Câmara para nada. E felizmente eu podia nessa altura que o meu marido ainda tinha saúde, ainda trabalhava, a minha filha também, o meu filho. O meu filho já estava casado, o meu filho já estava casado. E eu tive de fazer isso tudo, porque ela era alérgica às alcatifas e a isso tudo e eu fiz isso tudo à minha conta. A Câmara, eu já estou há 22 anos, a Câmara ainda não me pregou aqui um prego.

Patrícia: Mas a casa não é sua!

D. Lili Caneças: Não é minha, mas eu não chateio a Câmara pra nada.

Patrícia: Recorda-se do dia em que veio para o bairro?

D. Lili Caneças: Não, olhe já não me lembro.

Patrícia: Não?

D. Lili Caneças: Não. Já não me recordo do dia que vim aqui pró coiso. Eu sei que foi em agosto que a gente veio praqui, mas o dia. Não tou assim na minha memória, não.

Patrícia: Nem tem assim nenhuma história que se lembre quando veio para aqui?

D. Lili Caneças: Não.

Patrícia: E veio com quem?

D. Lili Caneças: Vim com o meu marido e com a minha filha que Deus tem.

Patrícia: Ah! Os três?

D. Lili Caneças: Os três. O seu filho já estava casado! O meu filho já estava casado, já morava em Azurva, que ele comprou um apartamento, já morava lá em Azurva. Maneira que eu vim só com a minha filha e com o meu marido.

Patrícia: Como é que foi a adaptação?

D. Lili Caneças: Não foi má. Aos princípios como eu lá estava em baixo era aquilo mais sossegado, mas ó pois ao princípio (desculpe) custou-me um bocadito, porque era muito barulho, os pais deixavam os miúdos andarem até às tantas da manhã na rua. E aquilo tudo metia-me confusão, porque claro e sou desse tempo que não os filhos chegando àquela hora estavam em casa e mai nada. Não é? E andavam até às tantas, até à uma, meia-noite na rua e faziam muito barulho e a estudantada como eu moro ali ao pé da residencial ali dos

estudantes, faziam muito barulho e muitas vezes vinha lá a polícia e tudo. Agora não, agora já está tudo muito mais calmo. Aquela juventude cresceu já, já está tudo muito mais calmo. Já está melhor. E dou-me bem lá com a vizinhança toda. Não tenho problemas nenhuns

Patrícia: Então não sentiu dificuldade em se adaptar?

D. Lili Caneças: Não, não. Foi muito bom até.

Patrícia: Com quem vive atualmente?

D. Lili Caneças: Só.

Patrícia: O seu marido faleceu?

D. Lili Caneças: A minha filha faleceu há 6 anos e o meu marido faleceu há 3. E tou sozinha, só ao fim de semana é que eu vou pró meu filho, que ele mora em Azurva, ele vem-me buscar ao sábado e venho ao domingo à noite, porque venho, porque depois segunda-feira tenho piscina, tenho estas coisas assim e ele vem-me trazer e eu vou também pro causa de os ajudar, porque infelizmente a minha neta é uma menina especial e a minha nora é muito doente e como ele de vez em quando ter de ir a Coimbra, sempre que ela tá a ser tratada em Coimbra e eu ajudo-os naquilo que eu posso, né. De maneira que ele só com o ordenado mínimo o que é que ele pode? Ela está na invalidez, só para a casa, para a prestação da casa é o dinheiro da invalidez dela e às vezes nem chega e maneira que o meu filho às vezes tem meses que vai todos os dias a Coimbra, tem outros meses que até vai todo o dia de manhã à noite e eu muitas vezes é que lhe empresto, empresto, dou-lhe gasolina pró carro e ajudo naquilo que eu posso. E eu vou lá todos os fins de semana, porque ela está sempre quero avó Li, quero avó Li. Sou eu. E maneira que eu vou pra lá. Pois é vida.

Patrícia: E os seus vizinhos agora?

D. Lili Caneças: Os meus vizinhos são impecáveis. São, não tenho razão de queixa dos meus vizinhos. Nunca tive. Eu também sou uma pessoa que não anda

metida em casa de ninguém. A única pessoa com quem eu me dou melhor é lá uma outra vizinha que mora lá no também no 3º E, encostadinha à mim, também é viúva e é com essa que eu dou-me, me dou assim melhor, não é. Até quando, a gente ajuda uma à outra e assim à mais do resto não tenho lá problemas nenhuns com os vizinhos.

Patrícia: E quando estava na outra rua, na pega, tinha lá vizinhos?

D. Lili Caneças: Tinha.

Patrícia: E esses vieram consigo para cá?

D. Lili Caneças: Não, não, não. Só vieram, só vieram, uns. Outros não. Aqueles que eu tinha assim, que viviam mesmo, aquilo era género um pátio, sabe. Com quem eu vivia mesmo, coiso, não veio já morreu. E agora uma outra que morava mesmo encostada a mim, mas no outro lado essa veio.

Patrícia: E veio para o mesmo sítio?

D. Lili Caneças: Veio para o mesmo sítio, mas não veio para o mesmo bloco, veio para o 3 e eu vim para o 7.

Patrícia: E ainda hoje fala com ela?

D. Lili Caneças: Ainda hoje falo com ela, ainda hoje falo com ela, mesmo os filhos dela foram criados comigo ainda hoje quando passam por mim chamam-me: ó lsci isto, ó lsci aquilo, que era como eles me tratavam, eles iam, saltavam da casa deles para virem pra minha proma janela para vir lá comer a sopa e, era assim dava-nos muito bem. Era, era uma família. Enquanto que agora não é. A gente agora mora aqui nos bairros, praticamente a gente quase não se conhece uns aos outros. Nem temos assim confiança uns com os outros. Não temos confiança uns com os outros. Enquanto que a gente, por exemplo morava ali, a gente acudia-se uns aos outros e havia qualquer coisa, a gente socorria e mais não sei quê. Aqui se a menina me perguntar “ Olhe você conhece fulana? “Não conheço.

Patrícia: Está mais no seu mundo, não é?

D. Lili Caneças: Está mais no meu mundo e num, não, não.

Patrícia: Então não conhece assim ninguém que tenha recusado a vir aqui para o bairro!

D. Lili Caneças: Não, que eu pense não. Até está aqui muita gente que nem precisava de morara aqui no bairro, mas estão aqui.

Patrícia: E quando veio para o bairro, o que é que existia? Farmácia, ourivesaria. O que é que existia? Não, nem existia ali a praça, ainda não havia ali a praça. O mercado? O mercado. Agora a gente tem ali tudo, temos ali tudo no mercado. Havia, não havia tantos cafés como há agora e não havia, nem sei se o Jumbo já estava aberto, já nem me recordo. Penso que ainda não estava. A universidade ainda não estava como está agora, avançada. Também não havia isso. E o hospital também, também não estava tão aumentado. Essas coisas todas. Depois havia ali o campo de futebol do Beira-Mar que agora não existiu, já foi para outro lado, havia aí isso. E mais o resto praticamente. Agora também havia ali as piscinas do Beira-Mar, agora também já não existem. A Junta da Freguesia que era a velha, agora estamos na nova. Exatamente, era assim. Não houve assim grandes mudanças.

Patrícia: Houve assim alguma coisa que e fez falta quando veio aqui para o bairro?

D. Lili Caneças: Mas a gente aqui nunca faltou com nada. Temos tudo. Temos todo aqui à mão. Não precisamos de ir lá baixo à cidade, elas até dizem “Vou à Aveiro”, mas eu não considero que estou fora da cidade. E não é que nos falta nada, nos temos aqui bancos, temos tudo. Temos tudo aqui.

Patrícia: O que é que mudou na sua vida quando veio aqui para o bairro?

D. Lili Caneças: Para dizer a verdade, pouco mudou ou nada. Continuei a fazer a mesma vida que fazia.

Patrícia: E não influenciou, o facto de ter vindo para aqui com o seu emprego? **D.**

Lili Caneças: Influenciou, ficava mais um bocadinho, mais longe e eu quando vim para aqui, a única coisa que eu me coisei é que fiquei logo doente. Tive que ser logo operada, tive que tirar tudo, porque eu comecei a ficar com, tinha aqui um bioma na barriga e fui operada e isso aí foi um bocado complicado. Mas prontos já se passou. Já passou.

Patrícia: Mas tentou conciliar a distância com o seu emprego?

D. Lili Caneças: Conciliei, conciliei tudo.

Patrícia: Portanto vive há 22 anos? Aqui

Patrícia: E gosta?

D. Lili Caneças: Gosto, gosto muito de aqui estar. Dou-me bem com toda a gente, gosto de aqui estar. E agora venho para aqui distraiu-me, porque como estou sozinha, venho para aqui, convivo com esta, com aquela, arranjei muitas amigas e dou-me bem com elas todas. De maneira que é assim.

Patrícia: Lembra-se assim de alguma história que tenha acontecido?

D. Lili Caneças: Não, não me lembro assim de nada.

Patrícia: E o ambiente, antigamente? Quando veio para aqui? Nas Ruas? Havia confusão, não havia?

D. Lili Caneças: Havia assim confusão, mas eu não me metia assim nessas confusões. Não ligava.

Patrícia: E hoje em dia? Está mais calmo?

D. Lili Caneças: Tá, tá tudo mais calmo aqui o bairro. Tá muito bom o bairro. E muitas coisas que se faziam aqui, até nem era os do bairro que faziam, até vinham as pessoas de fora que vinham cá fazer as asneiras para culpar as pessoas que moravam aqui no bairro, porque o bairro aqui era considerado o

bairro dos Índios. E não é nada disso. Porque nós aqui, conhecemos o que a gente conhece esta rapaziada tosa e tudo e eles pelo menos a mim todos me cumprimentam e tudo coiso. E a minha filha que Deus tem, quando esteve doente toda a gente lá ia visitar e ela teve o carro parado na rua, ninguém tocava no carro da Pi, porque não se podia tocar, porque era o carro dela. E ela tinha muitos amigos, muitos amigos, aqui no bairro, muitos amigos aqui no bairro.

Patrícia: Ela que idade tinha quando veio para cá?

D. Lili Caneças: Ela quando veio para cá tinha 20, mas já conhecia muitos moços que aqui estavam no tempo dela, já os conheciam, já a conheciam, né. Maneira nunca, nunca houve problemas com ela nem com nada. Ela às vezes até saía ao fim de semana, ia à discoteca, ia aqui, porque é a juventude, né. E eu dizia ó filha olha que tu tem cuidado! Não, mãe, quando houver alguma coisa se eu chamar um os de Santiago juntam-se todos e vão-me acudir. Por isso não havia problemas, não. Nunca tive assim problemas com ninguém aqui na rua.

Patrícia: Nem nunca teve medo de andar no bairro?

D. Lili Caneças: Nada, não tive medo nenhum. Se eu pedir, pedir alguém que me, ainda lá um vizinho meu, eu digo olha vais ali a cima da minha caleira, vais lá que aquilo parasse que está lá a chover, está entupida e coiso. É logo, vão logo de caminho. Não, não tenho problemas.

Patrícia: Então gosta de viver no bairro.

D. Lili Caneças: Gosto, gosto de viver no bairro. Gosto. Mas também tenho muita pena da minha rua na Pega. Que ela agora tá muito bonita, tem aquelas árvores, tem aquilo tudo e antigamente não tinha. Antigamente não tinha. Os meus filhos aprenderam a nadar lá em frente ao coiso que se chamava o poço de Santiago. Eles aprenderam lá a nadar com o Atita. Aprenderam lá a nadar. De maneira que ainda tenho pena da minha rua e tenho lá ainda pessoas amigas lá na minha rua. Tenho, tenho. É verdade

Patrícia: Então, pronto, a adaptação foi boa!

D. Lili Caneças: Foi boa, foi boa crida. Foi muito boa. Foi sim senhora. Gosto de aqui estar. Sinto-me, sinto-me bem. Gosto de aqui estar. Não tenho problemas nenhuns com os vizinhos, não tenho nada. Não, não. Eu também, vou dizer a verdade. Eu também não sou pessoa de conflitos, nem de me meter nem nada. Sou dada à boa paz. Maneira quem não se der comigo não se dá com mais ninguém. Pronto crida!

Patrícia: Obrigada pela sua colaboração!

Entrevista Exploratória nº3

I – Caracterização da participante

1.1. Nome: **Rosa**

1.2. Idade: **70**

1.3. Data de Nascimento: **22-03-1946**

1.4. Sexo: F (**x**) M ()

1.5. Estado civil: () Solteiro () Casado () União de facto () Viúvo
(**x**) Divorciado

1.6. Religião: **Católica**

1.7. Escolaridade: **6º Ano**

1.8. Local de residência: **Rua Santa Maria da Feira**

1.9. Nacionalidade: **Portuguesa**

1.10. Naturalidade: **Braga**

1.11. Situação profissional: **Reformada**

1.12. Profissão: Empregada doméstica

1.13. Número de filhos e idade: **2 Filhos (37 anos, 32 anos)**

II- Questões Exploratórias

Patrícia: Onde vivia antes de vir para o bairro?

D. Rosa: Ora, eu estou cá em Aveiro há 50 anos.

Patrícia: E vivia a onde?

D. Rosa: Portanto é assim. Eu nasci em Braga os meus pais trouxeram-me para Cacia, que é aqui perto. Devia ter para aí os meus 4, 5 anos. Em Cacia tive dos 5 até aos 18. Aos 18 vim para Aveiro e cá fiquei.

Patrícia: E veio logo para o bairro?

D. Rosa: Não. Aqui no bairro... Era doméstica. Tanto podia estar na Avenida como no Bairro do Liceu.

Patrícia: Onde é que vivia?

D. Rosa: Vivia cá em Aveiro.

Patrícia: Mas em que sítio de Aveiro?

D. Rosa: É isso que eu estou a dizer, como era empregada doméstica, estava a trabalhar nesta casa que era na Avenida. Mas se fosse preciso mudava de trabalho já tinha de mudar pra outro sítio, portanto tive na Freguesia da Glória, tive na Freguesia da Vera-Cruz, portanto dependia do trabalho que eu tinha.

Patrícia: E quando se casou?

D. Rosa: Quando me casei estava na freguesia da Glória. Aí já estava hospedada. Já tinha um quarto. Trabalhava nas senhoras, mas já tinha a minha residência num quarto. Era Rua Engenheira Oudinot. E foi lá que me casei.

Patrícia: E quando veio para o bairro?

D. Rosa: Para o bairro vim há 27 anos. Quando vivia no bairro do liceu, a câmara comprou a casa à minha senhoria e depois teve de nos realojar, portanto aqui no bairro do liceu não existia, agora existe a rua da oita quem vai da rua Mário Sacramento e depois corta para a rua 25 de abril. Morava aí nesse bocado, portanto naquele tempo não havia rua e quando eu fui para aí para essa casa é pelos carreiros de São Martinho, pró lado das 5 bicas e depois de estar nessa casa é que fizeram a avenida 25 abril, avenida oita, avenida oita.

Patrícia: E com quem é que vivia?

D. Rosa: Com o meu marido e com os meus filhos, com os 2. Mas antes de estar nesta casa eu fui para a Presa. Quando me casei fui para a Presa. Sai da Rua Engenheira Oudinot e fui para a Presa.

Patrícia: E depois veio para aqui?

D. Rosa: Chamavam-lhe o lugar da Quinta velha. Fui para a Presa para aquele lugar era o lugar da Quinta velha. Depois, então arranjei casa aqui em Aveiro e vim para o bairro do liceu. Depois do bairro do liceu é que fui para o bairro. Aliás vim para esta fila e depois mudei para a outra fila ontem estou hoje.

Patrícia: Primeiro viveu aqui na rua de Espinho?

D. Rosa: Vivi aqui neste bloco, acho que até era aqui por cima e depois mudei de casa lá para baixo que é onde ainda estou hoje. Estou lá há 25 anos. Na casa onde estou hoje.

Patrícia: Em que rua?

D. Rosa: Rua Santa Maria da Feira. Aliás eu tenho duas ruas. Tenho a Rua Santa Maria da Feira, que é a rua principal, que é a rua aqui deste lado e tenho a Rua de Águeda que é por trás do depósito da água. Não sei se sabe onde é o depósito da água. Agora tenho 2 ruas, foi para os anos que vivi sem nenhuma.

Patrícia: Onde estava no bairro do liceu tinha vizinhos?

D. Rosa: Sim, eu morava num pátio. Naquele pátio era só eu e a senhoria, mas quando saíamos da porta tínhamos lá outra vizinha e depois tinha mais fora.

Patrícia: E essa vizinha veio consigo para aqui?

D. Rosa: Sim, à senhoria também lhe deram casa.

Patrícia: Veio para aqui para o bairro também?

D. Rosa: Veio mas foi para o bairro do canha, ali em Aradas. Praqui para este sítio só vim eu. Aliás veio outras vizinhas de outro lado, por isso é que eu pedi a transferência. Não foi só por isso, foi também por outros motivos. Mas desse recanto aí que era grande só vim eu e uma vizinha minha que morávamos lá.

Patrícia: E como era a sua casa?

D. Rosa: Era um barraco, primeiro era um soleiro. Não sei se sabe o que é um soleiro.

Patrícia: Não!

D. Rosa: O soleiro, portanto a gente chama-lhe assim, era onde os lavradores, tanto uma casa de lavradores, tem um quintal muito grande, não é, e depois tem uma casa onde tem o forno para cozer a lenha, o borralho, de fazerem o comer lá e depois, portanto e ao lado tinha a adega e a minha casa era por cima da adega, quando era novos guardavam os cereais. Adega, soleiro e essas coisas assim.

Patrícia: Tinha casa de banho?

D. Rosa: Tinha, que era de todos, no pátio, no meio do pátio.

Patrícia: Não tinha água canalizada?

D. Rosa: Não, não tinha. Vinha buscar ao poço. Aí só tive água canalizada quando vim aqui para o bairro.

Patrícia: E luz?

D. Rosa: A princípio era luz do petróleo, depois é que pus luz.

Patrícia: E quando veio aqui para o bairro quem é que lhe ofereceu ajuda?

D. Rosa: Quer se dizer, porque eu quando estava, eu vim da Presa aqui para o bairro do liceu, porque ali naquele pátio onde morava essa senhora que alugou essa casita, quer se dizer era ba casa. Faz de conta, a casa era casa antiga, depois tinha um pátio grande e depois, portanto já não foi no meu tempo depois

arranjo aqui, antes de mim já lá tinha estado uma senhora a morar. Faz de conta a casa era ali, a casa era ali na rua, isto era o pátio e portanto, aqui, tinha um portão para ir para o quintal, portanto aqui era uma cozinha onde ela cozinhava a lenha, onde tinha o forno de lenha e dali era portanto o pátio era assim, para andar na rua do lado direito era a casa dela tinha a frente depois tinha a casa no pátio e era a cozinha onde ela cozinhava a lenha onde tinha o forno de lenha depois tinha o pátio e depois então do outro lado esquerdo tinha o lagar e tinha portanto o lagar cá fora e tinha depois fizeram tipo um barracão onde guardavam os pipos de vinho, adega, pronto. E pois ao lado havia as vacas e era então. Depois o marido morreu, ela deixou de ter terras e então o que é que ela fez do quarto, do curral da vacas fez um quarto, arranjou o soalho e já nem me lembro se aquilo era o as telhas à mostra ou não se tinha o forralho, agora já nem sei. Acho que era as telhas à mostra, agora não me estou a lembrar, quando se subia eram uns degrauzitos e depois eu comprava aquela manga plástica para tapar o telhado. Vinha o inverno e eu tapava o telhado todo com pedras, mas depois de um dia para outro vinha assim uma rabanada de vento e um dia de calor partia o casco todo e caia em cima de mim e dos meus filhos. Porque o mais novo já nasceu aí. O mais velho nascia quando eu estava na Presa, mas o mais novo já nasceu aqui nesta casa. E portanto, ela depois pôs o forno fora dessa cozinha, pôs o forno cá fora no pátio e então deixou o lar e fez uma divisão em contraplacado e pronto e alugou aquilo que era a cozinha e faz de conta que era uma salinha pequenina e o quarto era só para dormir, pronto. Os filhos eram os 2, cada um dormia na sua cama de grades depois passaram para os divãs daqueles dos antigos, não sei se se lembra. Não tinha hipóteses de comprar mobílias, primeiro porque o marido trabalhava nunca me dava o dinheiro e segundo era só eu a trabalhar e depois também não podia ter ali nada em condições, porque aquilo era uma desgraça.

Patrícia: Então foi a sua senhoria que lhe disse que vinha para o bairro?

D. Rosa: Quando me casei, portanto, ora, quando me casei tava na Freguesia da Glória/ Vera-Cruz.

Patrícia: Em que sítio? Recorda-se?

D. Rosa: Aí já estava hospedada. Tinha um quarto, trabalhava nas senhoras, mas já tinha a minha residência num quarto. Que era na Rua Engenheiro Oudinot. E foi lá que me casei.

Patrícia: Então foi a sua senhoria que lhe disse que vinha para o bairro?

D. Rosa: Nãaaao. Ela foi contactada conforme eu fui.

Patrícia: Mas ela também veio para o bairro?

D. Rosa: É assim. Em princípios houveram empreiteiros que queriam comprar a casa dela e os terrenos, mas como morava lá eu, morava ela e morava um filho com ela que era casado e fora do portão eu não cheguei a saber se essa senhora morava fora do portão mas mesmo se a casa era dela ou de outra pessoa qualquer. Isso é que eu nunca cheguei a saber. Portanto ali viviam, ora a Crementina, a senhoria e eu e o filho dela. Éramos 4 famílias. Portanto, o filho não teve direito a casa, porque ele trabalhava e a nora também trabalhava e o ordenado deles não dava para ter direito a casa da Câmara. E ela teve, ela e um filho que era solteiro. E eu tive também, porque então foi assim os empreiteiros que andavam ali a construir tudo. Ahhhhhh Perguntaram-lhe se ela queria vender, mas tinham de alojar as pessoas. E eles não estavam para aí virados, porque queria por uma renda muita alta por eram apartamentos então andaram lá a entrevistarem a mim e à senhoria mas ninguém queria aceitar aquilo, depois a câmara foi obrigada a comprar e depois então é que vendeu sem já os inquilinos lá. E ganhou muito dinheiro a Câmara e ganhou muito dinheirinhos graças a Deus. Ficaram a pagar uma bacatela por metro quadrado mas depois aquilo foi vendido por um balúrdio, mas não havia hipótese, nenhum dos empreiteiros quis assumir a responsabilidade dos nos por nos apartamentos, porque eles não nos podiam realojar e mais eu que tinha duas crianças pequeninas. O filho dele

também tinha uma criança pequenina, mas lá está eles não tinham direito a casa da câmara nem a casa desse género, porque eram os dois a trabalhar. Ah ele trabalhava, o meu marido nessa altura trabalhava, quer se dizer, umas vezes trabalhava outras vezes não, mas trabalhasse, não trabalhasse eu nunca via o dinheiro. Pronto. Maneira que então pois eles não aceitaram. Nenhum deles aceitou. Depois começámos a ter contacto com a câmara, no entanto fizeram a proposta. Depois havia ali mais casas fora do pátio, havia ali mais casas de outros donos, então depois faziam a proposta. Davam-nos um x de dinheiro e nós saíamos, mas é que eu não quis. Eu não quero dinheiro para nada eu quero uma casa para viver com a minha família e foi isso que eu fiz.

Patrícia: Então foi a câmara que lhe deu a casa?

D. Rosa: Foi a câmara que me deu a casa. E ainda recebi uma indemnização da câmara que eu nunca pensei, eu e todos aliás.

Patrícia: Exato.

D. Rosa: Eu e todos.

Patrícia: Às 3 famílias?

D. Rosa: Sim, quer se dizer. Era eu, a senhoria. O filho não teve direito a nada, o filho vivia com a mãe, nem se quer pagava renda tão pouco. E a outra senhora que morava fora que era também, quer se dizer, A casa dela ainda fazia parede com o nosso pátio, mas aquilo acho que era de outras pessoas, não sei. Nunca cheguei a saber, nunca lhe perguntei. Mas qualquer dia, às vezes encontro hei de lhe perguntar.

Patrícia: E eles vieram para o bairro consigo?

D. Rosa: Ahh, não. Eu disse que não queria ir com ninguém para o bairro. Havia vários problemas que eu saia de manhã e entrava à noite e depois só me chateavam quando chegava a casa. Não era a senhoria, mas ela também consentia que fizessem as asneiras e então eu disse logo na câmara. “Eu para

onde for não quero nenhum vizinho ao pé da porta. Puseram-me uma ao pé da porta que eu morava salvo erro no 51 ou 52 era no 51, durante anos que vivi lá, portanto ela vivia num lado e ela vivia no outro. Havia a divisão ao meio das casas. A gente chamava-lhe a quinta. Nunca tive problemas com ela, vim para aqui comecei a ter problemas.

Patrícia: E depois, porque é que mudou?

D. Rosa: Daqui mudei para a outra, porque eu tinha o meu pai que já era uma pessoa idosa, ele vivia em Cacia sozinho e depois começou a ter problemas e então inscrevi o meu pai comigo também e então as assistentes sociais foram lá ver as condições em que ele morava, depois os meus irmão não o queriam, nem os meus irmãos, nem as minhas irmãs, e eu era a mais nova de doze filhos, ou seja, onze, porque um morreu quando era bebe que eu nem cheguei a conhecer que era um dos do meio e ele também não queria ir para casa de nenhum, se tivesse que ir para ali que queria ir para o pé de mim, pronto. E então depois inscrevi-o, a assistente social ainda foi lá e ainda foi investigar os meus irmãos que eles eram todos ricos. Eu era pobre, mas eles eram todos ricos, casas próprias, bons empregos, filhos criados, mas ninguém quis pegar nele e então deram-me um T3, porque eu aqui tinha um T2, era um para mim e um para os meus filhos, mas como o meu pai era uma pessoa idosa, eu tinha direito, eles não me queriam dar, mas eu depois foi saber o que era de leis e eles tinham direito e dar um quarto para o meu pai, derivado à situação que ele morava lá, que as assistentes sociais foram lá, maneira que então, deram-me um quarto para ele, por isso é que hoje tenho uma casa muito grade, sou sozinha e tenho uma casa enorme. As estas casas aqui não têm cave, mas outras ali têm é de outra fila. Mas são apartamentos que são um sonho, mas estas aqui que fizeram, estas este bairro da câmara, isto estas filas aqui já não pertencem à câmara, já não pertencem à câmara. De maneira que estes apartamentos são um espetáculo, mas aquela fila ainda é melhor que esta. Primeiro, porque nós temos caves, cada inquilino tem a sua cave e segundo temos 2 ruas que portanto, eu tou no 2º andar

e quem mora no 2º andar, não precisamos de luz em casa de noite, porque os próprios lampiões de um lado e de outro ilumina a casa, maneira que depois pedi para sair daqui, primeiro por causa da vizinhança, dessa vizinha, que com os outros não tinha problemas nenhuns, mas foi por causa dessa vizinha e segundo porque também tinha de ter um quarto para o meu pai.

Patrícia: Recorda-se do dia que veio para aqui para o bairro?

D. Rosa: Ai, lembro-me perfeitamente, quer se dizer demorei uma semana para sair de casa. Eu sei, porque deram-me a chave deste apartamento aqui no dia 29 de maio, o meu filho fazia anos no dia 30 de maio que era um sábado. E ele disse “Oh, mãe, foi a melhor prenda que me podiam ter dado” . Coitado sempre em casas velhas. Embora eu desse tudo aquilo que podia, mas não tinha um quarto só para ele, aqui também não tinha, depois teve, quando o meu pai saiu da minha casa teve um quarto só para ele, mas o que eu ia a dizer, pronto mas não tinha onde brincar, era o pátio que estava sempre húmido vinham cá para fora se não estava tinham de estar dentro de casa.

Patrícia: E veio com os seus filhos e marido?

D. Rosa: Com o meu marido. Eu só me divorcie, quer se dizer eu só me divorciei já há muitos anos, mas foi ficando para os filhos não andarem ao jogo de empurra, porque além de não gostar de trabalhar e não me dar dinheiro era violência todos os dias doméstica. E eu aguentei por causa dos filhos. Para não andarem ao jogo de empurra. Porque eu era doméstica eu via muito bem, eu tive sempre a trabalhar em casas de pessoas muito de alta sociedade, de engenheiros, juízes, advogados, doutores, tudo me passou pelas mãos. Toda a espécie de engenheiros, toda a espécie de doutores, criem os filhos desde pequenos, hoje já têm filhos e netos, maneira que eu ver o que se passava e como eu fui mãe porque eu fiz não porque alguém me pedisse, tá-me a entender?

Patrícia: Sim.

D. Rosa: Por isso é que eu não queria que os meus filhos andassem ao jogo de empurra. Levei muita pancada, fui muito espezinhada, mas aguentei.

Patrícia: Mas esteve casada durante quantos anos?

D. Rosa: Quer se dizer, eu casada, casada tive praticamente doze anos, acho que foram doze anos, mas a viver com ele, mesmo depois de todas as asneiras que ele fez pedia-me perdão e tudo mais foi até aos 76

Patrícia: Até aos 36?

D. Rosa: Vivi com ele até aos 36 anos, quer se dizer o meu neto tinha 12 anos, portanto estávamos divorciados e ele não se queria separar, pois ele tinha tudo boa casa, tinha comer, cama e mesa e roupa lavada, só fazia o que queria e o que lhe apetecia. Claro, não dava dinheiro para a casa, nem para os filhos, nem coisa nenhuma, claro por isso é que ele não queria o divórcio. Eu é que meti o divórcio. Meti a primeira vez, de uma tarefa que ele me deu, chorou baba e ranho, que se emendava, que se emendava. Perdoei-lhe o divórcio. Não seguiu para a frente, depois voltou-me a dar uma tarefa muito grande, que andei um mês e meio com o braço ao peito, então aí meti o divórcio. Meti o divórcio, depois ele não volto a fazer mais e eu disse: Já prometeste isso uma vez, voltaste novamente ao mesmo. Eu não me vou divorciar de ti para arranjar outro homem, simplesmente não estou para levar mais pancada e então, nessa altura o meu filho era menor e nessa altura ele estava a trabalhar ganhava mais do que eu, ele tinha direito à casa e ao filho menor, porque o mais velho já era de maior de idade, tinham de diferença 5 anos e meio. E eu então falei com a advogada e ela disse “Vocês têm de chegar a um acordo, porque senão isto vai dar para o torto, o meu filho mais velho não queria ficar com o pai e eu dizia: Oh, Filipe, sabe como é eu era uma empregada doméstica adias, hoje tem-se trabalho, amanhã não se tem. E se eu adoecesse não ganhava, que eu trabalhava à hora, embora recebesse ao mês, se eu faltasse um quarto de hora de trabalho era-me descontado. E eu disse. Oh, Filho eu vou ver o que posso fazer, eu não posso, e vou alugar um quarto para

mim e eu não tenho possibilidades de pagar uma casa para nós os dois. E eu não sei se alugar um quarto para mim, se vão consentir que tu fiques no meu quarto comigo. Então lá andei, andei. Ele chorava baba e ranho, porque queria ficar comigo. E depois lá andei, lá me informei e assim, então falei com ele e chegámos a um acordo. Eu não me vou divorciar para arranjar outro homem, sabes bem disso, eu vou-me divorciar para ter um pouco de paz e sossego. Sabes muito bem aquilo que me tens feito, não sabes? Portanto eu já tive um mês e meio internada no hospital com um esgotamento por tua causa e depois tive 4 meses em casa sem ganhar um tostão. E o que é que tu fizeste? Lembraste-te dos teus filhos? Não. Quando eu estive no hospital puseste os teus filhos um em cada lado. Quer se dizer, uma irmã minha ficou com o meu filho mais novo e o mais velho ficou com ele, mas ele ponha-o na irmã, vinha-o trazer à escola, ele já andava na escola, estava na primária na segunda classe, e então ele nessa altura estava a trabalhar numa padaria e então, o menino tinha os tempos livres nas obras da mães (não sei se sabe que era aqui em Aveiro), era na avenida e ele ia levá-lo, pronto, ia buscá-lo a casa da minha cunhada de manhã e vinha trazê-lo aos tempos livres e depois à tarde ia buscá-lo à escola e levava-o para casa da minha cunhada. Quer se dizer, ele nem com o filho ele quis ficar e depois ainda teve a lata de um dia aqui chegar e ao meio mês lá estar no hospital de São Bernardo e ele disse se eu não viesse para casa que ponha uma mulher em casa para tratar dos filhos. Eu com um esgotamento e ele vai-me dizer uma coisa destas. Não dá para entender. Maneira que depois chegámos a ir, depois informei-me a advogada, então fomos à advogada e eu fiz uma declaração e ele fez outra. Portanto, ele ficava em casa, mas ficavam as partilhas feitas, porque ele então dizia sempre batia, sem razão nenhuma, né, porque ele era muito ciumento e muito desconfiado. Quando, depois já, passados muitos anos é que ele veio-me dizer que “Tu pensavas que andavas na rua sozinha?” Eu andava sempre atrás de ti. Eu ia-te levar ao trabalho e ia-te buscar. Ele sabia onde eu trabalhava, sabia o meu horário Ele ia-me buscar, sem eu saber. Maneira, não gostava de trabalhar, então depois passava o tempo assim. Maneira que depois eu disse eu

não vou continuar a viver assim. Portanto chegamos a um acordo. Ah, temos de fazer o divórcio, chegámos à advogada e explicou-me “ É assim, olha, o divórcio vai-se dar, o Miguel já estava a trabalhar, já era maior e vacinado, portanto chegamos a um acordo. Se eu saísse da casa eles tinham de ficar com o pai, eles tinham de se entender os dois. E eu depois disse “ Sabes perfeitamente qual é a minha maneira de ser, eu não gosto, não me quero separar de ti para arranjar outro homem, portanto é assim mas também não estou para continuar a levar pancada que tens dado cabo da minha saúde e ainda há um filho para criar que ainda é pequeno e portanto, faz o seguinte fazemos o divórcio, fazemos as partilhas e tu continuas a vida comigo. No divórcio é assim, eu não quero nada que tu não dês nada para o teu filho mais novo. Portanto levas as tuas coisas pessoais. As partilhas é assim, eu fico com a casa e co o recheio da casa e com o filho mai novo e não quero mai nada de ti. O carro é teu e meu, tu é que andas com ele que eu não tenho carta de condução, mas para tu comprares o carro eu tive de sustentar a casa e eu nunca tive usufruto do carro, porque eu nunca tive carta de condução, portanto toda a vida tiveste carro, portanto já tens isso, levas o carro que eu não quero m do carro e levas as tua coisas pessoais e a casa, o recheio da casa e o filho menor é meu. E então ele assinou, mas depois aquilo voltou na mesma. Costuma-se dizer, quem tor, quem torto nasce tarde ou nunca se endireita. Ele nunca se endireitou e é bem verdade. Aquilo não dá nada dos irmãos todos, foi sempre ele assim.

Patrícia: Até que houve um dia que ele saiu de casa?

D. Rosa: Até que houve um dia, portanto depois ele ficou lá em casa, depois houve, foi a um sábado, os meus filhos faziam desporto, o mais velho era a bola, foi jogar e o mai novo era o do hóquei. E eles nesse dia iam para muito longe e ele então fazia parte do hóquei, era conduzia a carrinha dos miúdos e assim e então foram para muito longe era um torneiro que riam 2 dias. Ora saíram de manhã, e eu tenho uma amiga que conhecia perfeitamente de viver nas bombas que era lá de Lisboa, tiverem cá esse fim de semana nunca me esquece, dia

mundial da Criança e eles vieram mas não me disseram que vinham e no sábado apareceram na minha casa e fizeram-me uma surpresa estamos cá no fim de semana e o resto do pessoal? Olham foram-se embora, porque eles eram para dormir lá de um dia para o outro. O mais velho vinha a casa, mas o mais novo era para dormir lá, oh, vinham às tantas da noite e depois iam ao outro dia de manhã cedo era a mesma coisa. E então o que é que ele fez, lá se lembrou que ele era maluco, os homens, homens e mulheres não são só homens as mulheres também são, quando o homem é ciumento e desconfiado não há nada a fazer. E são duas doenças que não têm cura, não tem cura. E eu pronto, tava sozinha, vim ao mercado e depois eles estavam lá, aliás eles andavam atrás de mim no mercado sem eu saber para ver o que eu fazia. Deixaram-me entrar e fui à casa de banho, estava na casa de banho quando toca a campainha. E eu assim dentro de casa, caramba nem à casa de banho posso ir sossegada. Quando abro a porta eram eles os dois. Nós fomos atrás de ti, andámos sempre atrás de ti na feira, na praça aqui em Santiago. Maneira, que pronto, convidaram para ir almoçar com eles e eu fui. Almocei, lanchei e jantei. Ele porque deve ter metido na cabeça “Ela fica sozinha ela vai.” Lá pensou que eu ia para qualquer lado, né, porque eles veem chifres em cabeça de cavalo, não existe, né. Mas isso tanto homem como a mulher eu pronto, quando eu cheguei a casa ele tava em casa. Nem perguntei para onde é que eu fui, nem para onde deixei de ir e então o problema foi esse. Não foi a minha amiga que me veio trazer quem me veio trazer foi uma irmã dela que ele não conhecia. Ora imagine, eram para aí uma 10h da noite, foi em junho, no dia mundial da criança e eu como tenho duas ruas, eles vieram pela rua de Águeda que é nas traseiras do depósito da água, porque eu tenho duas entradas e como ali há mais para se parar, eles saíram portanto a minha rua a irmã da minha amiga vinha à frente com o marido e eu vinha atrás com a filhita deles. Nessa altura o miúdo tinha uns 7, 8 anos. Ora, ahhh, ele teve de sair do carro para eu sair, porque o carro só tinha 2 portas. Ele ia para baixo, o volante ficou do lado da minha casa. O rapaz saiu do carro para me deixar sair, ele estava lá em cima na janela, viu que era um homem, cheguei a casa assim que abri a porta ele

começou-me logo a bater, mas bateu, nesse dia levei uma tareia que ele... A minha cozinha era ali e a sala era acolá a distância da porta da cozinha pra o fundo da sala, e tinha um sofá e ele deu-me tamanho encontrão na porta da cozinha que eu cai no chão e fui de rastos e só parei no sofá. Quer se dizer, foi nessa altura que eu andei com o braço ao peito. Descolou-me as costelas todas e eu não queria coisa e eu para aí... Foi dessa vez? Foi dessa vez ou não? Não. O braço já tinha sido antes. Tanto uma desconfiança dele. Ahh E eu disse. De onde é que tu vens a esta hora? Olha fui para casa de fulana, veio cá fulana e fui para Azurva. “Não foste nada! Vieste com um homem para casa e não sei quê, andaste na vadiagem. Já não é preciso explicar, não é. E então começou-me a bater e eu calei-me e não disse nada, não abri a boca. Esgaçou-me a roupa toda que eu tinha eu não abri a boca. Ao outro dia já tinha os papéis do divórcio, nessa altura já estava divorciada. E eu então fui, não disse nada. Na segunda-feira, de manhã fui ao trabalho, nessa altura entrava às sete e um quarto, tava a trabalhar numa senhora que tinha duas meninas, eu é que as tinha de levantar e arranjar para a meter na carrinha para ir para o infantário e opois, quando eu cheguei lá elas estavam a dormir e eu deixei um bilhete à doutora. “Senhora Doutora fui à Segurança Social tratar dos papéis po meu marido” Ela sabia do que se tratava. Que era para ela não estar à minha espera. E então fui à Segurança Social para saber o que era preciso e disseram-me “Olhe a senhora não o pôs fora de casa na altura do divórcio, agora vai ser um caso sério, porque ninguém pode ir à sua casa e dizer assim ao seu marido: Ponha-se lá fora. Deixou que ele ficasse consigo. E eu disse: Então e ... Nós vamos lhe dar uma advogada. Então foi a advogada que me tinha feito o divórcio. Depois eu falei com ela e tal e ela disse-me “ Olhe aqui só há uma hipótese ou aguenta-o, porque nenhuma autoridade, nem a SS nem ninguém chegar lá e dizer assim. “Olhe Sr. Fulano saia de casa. Ninguém pode fazer isso. Ou o que a senhora pode fazer é o seguinte: ele sai para o trabalho e a senhora muda a fechadura à porta, quando ele chegar a casa a senhora bata na polícia....Ah e então, assim é que foi, depois disse e eu depois na segunda-feira disse-lhe, ele foi almoçar ao meio dia a casa, que eu já nem

almocei com ele, pôs-lhe a mesa, pôs-lhe o almoço e vim para a sala. Que já para não haver aquela...E ele então eu disse-lhe “Olha que eu voltei a entrar na justiça por causa de ti, a partir de agora vais ter de sair, um de nós vai ter que sair de casa. Ou tu ou eu não dá para viver juntos. E mais assim, porque eu estava chateado. Não tens desculpa. A casa foi-me dada a mim, tu dizes que a casa que é tua, que é tudo teu, eu é que tenho de sair. Ah, entretanto ele pôs-me lá um fecho na porta, porque um dia implicou comigo não sei por é que foi e pôs-me pela porta fora, queria-me pôs-me pela porta fora e então já tinha ido comprar um fecho que eu nem sabia e aplicou para fechar, para eu não abrir pelo lado de fora e disse: não, ou tu deixas-me entrar que ele pegou-me pelo braço e pôs-me cá fora. Não, a casa foi-me dada a mim e quem tem de decidir isso é a justiça não és tu. E eu tanto ande que o empurrei para dentro de casa e deixas entrar se não me deixares entrar ainda hoje está lá o fecho. A parte que ficou aplicada na parede eu tirei-a para encaixar, mas ainda tá lá o fecho. E portanto eu disse-lhe, portanto eu vou entrar na justiça.

Patrícia: Obrigada pela sua colaboração!

Entrevista Exploratória nº4

I – Caracterização da participante

1.1. Nome: **Amélia**

1.2. Idade: **60**

1.3. Data de Nascimento: **24-01-1956**

1.4. Sexo: F (**x**) M ()

1.5. Estado civil: () Solteiro () Casado () União de facto () Viúvo
(**x**) Divorciado

1.6. Religião: **Católica**

1.7. Escolaridade: **9º Ano**

1.8. Local de residência: **Rua Santa Maria da Feira**

1.9. Nacionalidade: **Portuguesa**

1.10. Naturalidade: **Paradela do Vouga**

1.11. Situação profissional: **Desempregada de Longa duração**

1.12. Profissão: Ajudante de Cozinha

1.13. Número de filhos e idade: 5 Filhos (41 anos, 36 anos, 33 anos, 30 anos, 35 anos (faleceu); 28 anos)

II- Questões Exploratórias

Patrícia: Onde vivia antes de vir para o bairro?

D. Amélia: Na Presa.

Patrícia: Com quem vivia?

D. Amélia: Com os meus filhos e com o meu marido.

Patrícia: E tinha vizinhos?

D. Amélia: Sim.

Patrícia: Qual era a sua relação com os seus vizinhos?

D. Amélia: Bom dia, Boa tarde. Cada um fazia a sua vida e pronto. Estava tudo bem.

Patrícia: Então, qual foi o motivo que a levou a mudar para aqui para o bairro?

D. Amélia: Porque a minha casa não tinha condições para eu ter os meus filhos.

Patrícia: Não tinha casa de banho...

D. Amélia: Não tinha luz, era a petróleo, a candeeiro de petróleo, num tinha... A água do poço era imprópria.

Patrícia: E viveu lá quantos anos nessa casa?

D. Amélia: 2 anos

Patrícia: E depois quais foram os procedimentos que fizeram para vir para aqui?

D. Amélia: Porque a câmara fiquei... quando fui para aquele sítio a câmara disse que era temporariamente, que era até haver casas. Assim que as casas tiveram prontas, eu tive de caminho a prioridade pelas péssimas condições que as crianças tinham para viver.

Patrícia: Recorda-se do dia que veio para aqui?

D. Amélia: a 6 de dezembro de 90.

Patrícia: 1990! Fez agora...

D. Amélia: 25 anos.

Patrícia: E quando veio aqui para o bairro teve ajuda de alguém?

D. Amélia: Ajudou-me a A. P.

Patrícia: Ajudou-a em quê?

D. Amélia: Cortinas, mobílias. Quando se vem de uma barraca não se tinha nada. Nem um fogão em condições tinha. Mas depressa me montaram a casa.

Patrícia: E a sua casa é um T”?

D. Amélia: é um T4. Que era um quarto para 3 rapazes, um quarto para dois, um para mim e para o pai e um para a garota.

Patrícia: Porque tem uma menina?

D. Amélia: tenho uma menina, que é que tem a filha com 3 anos.

Patrícia: Recorda-se perfeitamente do dia que veio para cá! O que sentiu nesse dia?

D. Amélia: Senti-me feliz. Porque dei aos meus filhos uma televisão, dei-lhe aquilo que podia, o melhor que eu tinha para eles. Podiam tomar banho nas banheiras. Até o esquentador me deram.

Patrícia: Então teve muitas ajudas?

D. Amélia: Mas agradeço à A. P. Mais ninguém me ajudou. E no Natal encheram os meus filhos de brinquedos, a todos. Só menos ao de 16. Ao meu mais velho já não deram nada. Aos outros, deram a todos.

Patrícia: Então foi um Natal feliz!

D. Amélia: quando a minha filha, recordo como se fosse hoje, quando a minha filha olha para a boneca ia dando qualquer coisinha a ela e ao mais novo , ao mais pequenino. O pequenino, que, que, que eu tenho um ti,ti,ti,ticiclo. E dando qualquer coisa ao garoto. Mais de 5 minutos que ele esteve “Ke,ke! Oh, T. fala in condições!

Patrícia: Portanto vieram os seus filhos, o seu marido e a D. Albertina! E como foi a adaptação, adaptou-se bem?

D. Amélia: “Acenou com a cabeça”

Patrícia: E gosta de viver no bairro?

D. Amélia: embora a minha casa tenha muitas recordações do meu filho que partiu, mas sinto-me bem.

Patrícia: E gosta de viver aqui no bairro.

D. Amélia: Sim. Gosto de viver no bairro.

Patrícia: As dificuldades que sentiu durante a adaptação, foi o facto de não ter mobílias. Mas facilmente isso resolveu-se!

D. Amélia: Isso resolveu-se de caminho.

Patrícia: E a nível de transportes? E de escola para os seus filhos?

D. Amélia: Os meus filhos, a minha filha. Os meus filhos andaram na escola da Glória, só o mais novo é que já andou aqui.

Patrícia: Na escola de Santiago? A adaptação foi fácil!

D. Amélia: E gostavam de andar na escola da Glória.

Patrícia: Ficava perto. Na altura quando veio para cá não havia ainda a escola de Santiago?

D. Amélia: Não. Por isso é que foram para a Glória.

Patrícia: Depois o seu filho....

D. Amélia: O meu filho, o mais novo. No tempo do mais novo com 6 anos já havia aqui escola

Patrícia: E atualmente, com quem é que vive?

D. Amélia: Com o meu mas velho de 41 ano.

Patrícia: Separou-se do seu marido, não foi? E depois os seus filhos seguiram a sua vida.

D. Amélia: Só está um comigo, que é o mais velho.

Patrícia: E os seus vizinhos? Os vizinhos lá da Presa vieram consigo? Algum deles veio consigo aqui para o bairro?

D. Amélia: Veio

Patrícia: Vieram quantas famílias? Recorda-se?

D. Amélia: Umas 8.

Patrícia: Mas ficaram dispersos?

D. Amélia: Sim, mas uma foi para cima de mim. Eu fiquei no rés-do-chão A e ela foi para o segundo A. Uma vizinha do bairro foi para o segundo A e eu fiquei no rés-do-chão A. Como tinha o miúdo pequenino cum 17 meses deram-me o rés-do-chão A por causa do miúdo.

Patrícia: E agora tem algum contacto com eles? Com esses vizinhos?

D. Amélia: Tenho

Patrícia: Vai falando com eles?

D. Amélia: Damo-nos lindamente.

Patrícia: Essa ligação que tinham lá na Presa, não se perdeu!

D. Amélia: Não, senhora. Continua-se a manter.

Patrícia: Recorda-se de alguém ter recusado de vir para o bairro na altura?

D. Amélia: Que eu me lembre, não. Tudo veio.

Patrícia: E o que é que existia no bairro nessa altura? Recorda-se D. Amélia?

D. Amélia: Existia montes de terra, do lado, foi onde eu pus umas cordas onde eu estendi a roupa. Mas depois começaram a tirar aquilo, cavar tudo para fazer estradas e para tudo, para por árvores e tudo.

Patrícia: Porque na altura não tinha o mercado de Santiago?

D. Amélia: Nada. O mercado de Santiago já foi construído depois da gente aqui. O mercado de Santiago tem treze anos.

Patrícia: É mais recente! A Urbanização Chave que fica em frente, também ainda não existia?

D. Amélia: Não

Patrícia: Viu aquilo crescer!

D. Amélia: Vi. Foi, ainda lá andou o meu filho N. a trabalhar na Cesda, na grua.

Patrícia: Existiam aqui talhos?

D. Amélia: Não.

Patrícia: E supermercados?

D. Amélia: Só havia aqui um talho em cima. Era o Talho Pedro.

Patrícia: Que ainda se mantém!

D. Amélia: E havia a Fonte. Que agora não é Fonte é a Cesta. Ali em baixo ao fundo da rua.

Patrícia: Não existia o Jumbo?

D. Amélia: Não.

Patrícia: E autocarros?

D. Amélia: Havia. Havia na rua de trás.

Patrícia: Na sua rua não havia?

D. Amélia: Depois é que passaram para a nossa rua.

Patrícia: E o Meninarte? Já existia?

D. Amélia: Não. O Meninarte tem 20 anos. 18, 19, 20 anos.

Patrícia: Mas as Florinhas do Vouga já tinham aqui sede?

D. Amélia: Já.

Patrícia: O que é que mudou na sua vida a vinda para o bairro? Na altura estava empregada? Onde trabalhava?

D. Amélia: Nas senhoras. Nessa altura era empregada doméstica.

Patrícia: E continuou, depois de ter vindo para o bairro?

D. Amélia: Sim, depois é que fui para cozinhas.

Patrícia: Depois arranjou emprego como ajudante de cozinha?

D. Amélia: No estádio lá em cima novo. Estive lá 2 anos e tal a trabalhar.

Patrícia: E o que melhorou na sua vinda aqui para o bairro?

D. Amélia: Melhorou em muita coisa. Era papapapapa e agora estou sereninha.

Patrícia: Está mais cama!

D. Amélia: Também já são 60 eles começam a carregar.

Patrícia: Mas ainda é nova, a D. Albertina!

D. Amélia: Estou um farrapo. Depois do meu filho partiu. Fiquei um farrapo e estou um farrapo. Eu sinto-me cansada, só que não posso dizer isto aos meus filhos.

Patrícia: Nem pode desanimar, nem desistir! Portanto já vive no bairro há 25 anos.

Patrícia: Tem netos?

D. Amélia: 3 meninas.

Patrícia: Elas vivem aqui no bairro? Os seus filhos estão aqui a viver no bairro?

D. Amélia: Não.

Patrícia: Cada um seguiu a sua vida. Mas está em contacto com eles?

D. Amélia: Sim.

Patrícia: E as suas netas? Costumam vir visitá-la?

D. Amélia: Sim, ainda ontem estiveram comigo.

Patrícia: Andam aqui bem no bairro? Gostam?

D. Amélia: Estiveram ali no campo a jogar com uma bola de ténis.

Patrícia: Neste momento está desempregada?

D. Amélia: De longa duração. Já estou desempregada desde 2008. Mas agora já não me sinto com forças de fazer nada. É a vida de casa e...

Patrícia: Quando veio para o bairro havia problemas a nível de vizinhos, conflitos, zaragatas?

D. Amélia: Eram com os ciganos.

Patrícia: E agora neste momento?

D. Amélia: Não. É o que eu já disse. Já foi bom, já foi mau, já foi péssimo e agora está outra vez a equilibrar. Bom dia, boa tarde, boa noite. Até amanhã se Deus quiser. Até logo. Cada um nas suas casas e acabou-se.

Patrícia: Mas sente-se segura e anda no bairro a qualquer hora?

D. Amélia: Não tenho medo nenhum. Se me der alguma coisa qualquer que tenha de sair às 2, 3 da manhã e tiver de ir para o hospital. Eu vou por aí a baixo sozinha sem medo nenhum. Não tenho medo. Quem não deve não teme. Não faço mal a ninguém, por isso. Vou na minha vida, na minha rotina.

Patrícia: O que é que gostava que o bairro tivesse que não tem?

D. Amélia: Um parque para as crianças.

Patrícia: Acha que devia ter mais policiamento?

D. Amélia: Sim. Já não digo... Eles deviam passar durante a noite aí de hora a hora. A partir da uma da manhã e até às 6 da manhã, 6 e meia deviam de passar hora a hora. Que assim eles veem com os olhos deles o que estão a fazer. Porque se a gente os chama, enquanto chegam e não chegam já tão tudo acabado. Assim eles se andassem a fazer o patrulhamento de hora a hora eles viam o que é que se passava.

Patrícia: Não sei se quer dizer mais alguma coisa em relação ao bairro?

D. Amélia: Não, está tudo dito. O bairro já esteve péssimo, já esteve melhor, já esteve médio e agora está a ir outra vez para melhor.

Patrícia: Mudava de bairro?

D. Amélia: Não.

Patrícia: Sente-se em casa? Confortável aqui neste bairro?

D. Amélia: Sim.

Patrícia: Obrigada pela sua colaboração!

Anexo 6: Certificado de participação das pessoas idosas



Universidade de Aveiro



CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO

Certifica-se que _____ colaborou ativamente como investigador para a realização da tese de mestrado “Descobrimdo as estórias que fazem a história do Bairro de Santiago” que decorreu no Meninarte, no Bairro de Santiago entre o dia 14 de Novembro de 2014 e o dia 8 de Junho de 2016.

A tese de mestrado foi realizada por Patricia Maria André Madail, estudante de Ciências da Educação: Educação Social e Intervenção Comunitária, da Universidade de Aveiro, nos anos letivos 2013-2016.

A estudante,

Anexo 7: Declaração de consentimento dos pais das crianças

UNIVERSIDADE DE AVEIRO



DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Eu, Patrícia Maria André Madail, aluna do Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária da Universidade de Aveiro, estou a desenvolver uma pesquisa intitulada “ Descobrindo as estórias que fazem a história do Bairro de Santiago”.

A participação das crianças nesta pesquisa é muito importante para a realização de algumas atividades e conversas sobre o Bairro de Santiago. Um dos objetivos deste projeto é promover encontros intergeracionais para reforçar os laços entre idosos e crianças do mesmo bairro e assim permitir troca de saberes e partilha de experiências.

Desenvolveremos estas atividades em sessões semanais com a duração de cerca de 1 hora no Polo de Leitura de Santiago, às quartas-feiras das 17h00 às 18h00.

Eu, _____ Encarregado
(a) de Educação de _____
autorizo que o meu (a minha) educando (a) participe no projeto “ Descobrindo as estórias que fazem a história do Bairro de Santiago”

Aveiro, _____ de abril de 2016

O Encarregado de Educação

Anexo 8: Declaração de Investigadores



UNIVERSIDADE DE AVEIRO

Declaração

A Patrícia Maria André Madail está a fazer um trabalho de investigação sobre “Descobrindo as estórias que fazem a história do Bairro de Santiago”, no âmbito do Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária, para a Universidade de Aveiro.

Eu _____ quero participar neste trabalho de investigação.

Assinatura: _____

Anexo 9: Certificado de participação das crianças



Universidade de Aveiro



CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO

Certifica-se que _____ colaborou ativamente como investigador para a realização da tese de mestrado "Descobrimdo as estórias que fazem a história do Bairro de Santiago" que decorreu no Polo de Leitura de Santiago, no Bairro de Santiago entre o dia 20 de Abril de 2016 e o dia 8 de Junho de 2016.

A tese de mestrado foi realizada por Patricia Maria André Madail, estudante de Ciências da Educação: Educação Social e Intervenção Comunitária, da Universidade de Aveiro, nos anos letivos 2013-2016.

A estudante,

Anexo 10: Carta ao Presidente da União das Freguesias Glória e Vera-Cruz

Exmo. Senhor
Presidente da União das
Freguesias Glória e Vera-Cruz

Aveiro, 27 de Junho de 2016

Somos um grupo de moradores do Bairro de Santiago, jovens e pessoas idosas, que estivemos a participar no projeto “Descobrimos histórias fazendo a história do Bairro de Santiago”, no âmbito do Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária da aluna Patrícia Maria André Madaíl.

No decorrer deste projeto abordámos os pontos positivos, negativos e a melhorar no bairro. Consideramos o bairro um local muito agradável para viver, tendo uma boa acessibilidade pedonal e de transportes públicos. Oferece, também aos moradores, uma grande variedade de serviços preestabelecidos, tais como: farmácia, padaria, talho, mercado, escola primária, centro de saúde, hospital, agência bancária, supermercado. Como fica tudo muito perto, existe a facilidade de nos podermos deslocar a pé. Existe também um bom ambiente entre os moradores do bairro de Santiago, logo é bastante agradável habitar aqui.

No entanto, o bairro também apresenta alguns aspetos negativos. Como é o caso das ruas e passeios sujos, com dejetos de animais e degradados devido às longas raízes das árvores; falta de luminosidade no período noturno porque os candeeiros encontram-se cobertos com as grandes copas das árvores; campos de futebol destruídos e jardins deteriorados.

Face ao exposto, este grupo de moradores sugere os seguintes pontos a melhorar no bairro de Santiago:

- Construir um Parque Infantil;
- Reabilitar os espaços verdes já existentes;

- Limpar e consertar as ruas e passeios do bairro;
- Promover o comércio local;
- Criar um programa cultural para proporcionar momentos de convívio entre os moradores;
- Recuperar os campos de futebol;
- Recuperar e pintar os edifícios pertencentes ao bairro de Santiago;
- Podar as árvores.

Na expectativa das vossas prezadas notícias, subscrevemo-nos com estima e consideração.

Atentamente,

Moradores do Bairro de Santiago

Lili Caneças, Amélia, Joana, Rosa, Tiagogamer2, Davidcanhão, Tavares (nomes fictícios)